

LUIZ CARAMASCHI

SERMÕES

EDITORA SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI
Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP
Fone (14) 3351.1900

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Prefácio

Luiz Caramaschi foi um grande admirador, para não dizer discípulo, do Padre Antonio Vieira. O estilo vigoroso do Padre Vieira, a maneira *sui generis* de expor as idéias, a riqueza de detalhes, estão presentes em toda a obra de Caramaschi, mesmo quando tratava de assuntos banais, aliás, muito raros em tudo o que escreveu. Não é de se admirar, pois, que os seus primeiros escritos tenham sido em forma de sermões.

Dos quatro sermões aqui reunidos, o primeiro, "O Sermão dos Magos e dos Pastores", escrito em 1952, foi editado pela Editora KAKE, de São Pulo, em 1954. Quando o livro foi publicado, o jornalista Manoel Domingues Ramos escreveu para o jornal "O Comércio de Piraju", o artigo seguinte:

Prata da casa

A Editora LAKE, de S. Paulo, inaugurou, com elegante volume, de impressão bastante cuidadosa, sua coleção bíblica, dando a Luiz Caramaschi a honra de abri-la com o seu "Sermão dos Magos e dos Pastores", o primeiro de uma serie fecunda e feliz. Não me espantou essa distinção conferida ao estimado conterrâneo. Sei, de há muito, dos seus estudos incessantes, da sua capacidade mental, da sua devoção pelas fontes mais altas do conhecimento humano e extra-humano, da sua paixão insopitável e única pelas pesquisas intelectuais de fundo espiritual – para que me surpreendesse agora com o aparecimento do seu primeiro livro impresso. Outros ele já os possui, prontos e acabados, e haveremos de tê-los logo em publicidade, agora que a borboleta emergiu da crisálida...

Não entro, leigo que sou, na seara espiritual a que se dedica Luiz Caramaschi. Como seu colega apenas na arte de escrever, quero render público testemunho da minha admiração pelo alto e límpido estilo a que ele chegou, num aprimoramento digno dos mestres. Caramaschi domina a língua como a dominaram os nossos maiores clássicos e chegou a tal poder de expressão que maneja o idioma como o fez Vieira, como se fosse mesmo o padre Vieira reencarnado. São raros esses casos de mimetismo intelectual, apenas pela semelhança, é claro, mas Luiz prova-nos que eles existem. É também obvio que, escrevendo com tal padrão de formas, Luiz Caramaschi perde muito na difusão dos seu pensamentos, pois que sua linguagem torna-se menos acessível nestes tempos de facilidades sem conta. Que lhe importa isso? "O aplauso das multidões, quanto à extensão e à presteza, está na razão inversa do valor. Só o que é medíocre pode ser compreendido de súbito e aclamado pela maioria medíocre. Glória fácil e rápida significa pouco valor", diz um dos mentores de Caramaschi (Pietro Ubaldi) e disto Luiz Caramaschi também faz seu Evangelho...

Há, todavia, no "Sermão dos Magos e dos Pastores", além da defesa persuasiva do credo espírita, uma constante invariável: a exaltação dos pequenos, dos humildes, dos modestos, dos que renunciam pelo amor ao próximo, dos que anseiam pela sabedoria e virtude e não pela sabedoria e riqueza. É sempre o lado bom, o lado religioso de Luiz, pesando mais na balança do que o Luiz-escritor. Um e outro se completam, porém, e produzem, no gênero, uma obra magnífica, admiravelmente escrita, hábil na argumentação, rica em conselhos morais.

Piraju deve estar alegre, e exultante, com esse trabalho de Luiz Caramaschi. Com o seu primeiro "Sermão" impresso, Luiz eleva, lá fora, o patrimônio cultural da nossa terra e da nossa gente. Saibamos estimar e avaliar razoavelmente a "prata da casa"! Que esta minha saudação a Luiz Caramaschi seja a primeira de uma série de homenagens que o povo de Piraju é obrigado a lhe prestar, ao ensejo da publicação do seu primeiro livro – fruto sazonado dos progressos do ensino e da cultura na nossa querida cidade.

Manoel Domingues

Como predisse Manoel Domingues, Caramaschi, após emergir da crisálida, realmente produziu uma vasta obra, que o jornalista não pode conhecer em virtude de seu falecimento. Entretanto sabia de seu talento e dos seus ideais através dos artigos que o filósofo escrevia para o "O Comércio de Piraju", jornal em que Domingues também escrevia regularmente. Por esta razão, ao fazer o seu comentário do "Sermão dos Magos e dos Pastores", Domingues foi tão feliz que suas palavras poderiam servir de prefácio para todos os quinze livros publicados posteriormente. Luiz Caramaschi também não chegou a ver toda a sua obra publicada, pois a maior parte dela foi editada após a sua morte em 1992..

Feito este preâmbulo, passemos à leitura dos sermões. Talvez o leitor note neles os mesmos exageros na linguagem, encontrados em Vieira, mas não há dúvida que se tratam de peças de rara beleza que, quando começamos a ler, não temos vontade de parar, como sucede quando ouvimos uma sinfonia ou um concerto dos grandes mestres da música.

Antonio Arruda

SERMÃO DOS MAGOS E DOS PASTORES

Porque nós vimos a sua estrela no Oriente:
E viemos a adorá-lo.

Mt 2,2

- I -

Os magos viram a Estrela, e do oriente vieram a adorar a Cristo; e os magos eram sábios. Os pastores rústicos viram os Anjos, e os ouviram, e neles creram; e os pastores eram simples. Herodes e toda a Jerusalém com ele, em ouvindo o oráculo dos magos, turbou-se; e Herodes como cabeça, e Jerusalém como corpo, tudo era mediocridade jactanciosa e vazia. E como é próprio do vazio atrair o vazio, pela lei da atração dos semelhantes, ou porque só entre iguais há compreensão, então porque Herodes é ninguém, ninguém há que ser todos os que o veneram e os que com ele se turbam.

Ainda que imerecidamente, havemos de estudar estas gentes de nada, e assim me expresso, porque mo autoriza a forma clássica do Pe. Antonio Pereira de Figueiredo, na Bíblia do Ano Santo de 1950, cujas abreviaturas são as usadas neste sermão. Gentes de nada e filhos de Belial são Herodes e o povolú; simples e respeitáveis, os pastores; sábios e mais que respeitáveis, os magos do oriente.

Herodes e o povo com ser gente de nada não merecem se expenda esforço em os estudar; contudo porque faz fundo ao quadro majestoso, onde se movem magos e pastores, eu os pinto, e com as cores escuras e próprias dos fundos. O quadro real é majestoso, repito, mas não prometo que o painel que pinto o seja. Oxalá me venham do alto as cores e as luzes, que cá na terra, já tenho as sombras para o fundo.

Aqui estão os três pontos do sermão, para cujo desenvolvimento peço a ajuda do céu e ajudai-me a pedi-la.

- II -

Não sei como começar, se pelo fundo ou se pelo assunto do quadro. Creio que pelo fundo, porque Deus quando fez o homem, que é o assunto e resumo da criação, fê-lo a ele no fim, e depois de ter feito todas as outras coisas; primeiro fez-lhe o fundo, ou seja o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há, em que se havia de mover. Também os pintores pintam o fundo sobre o que põem suas figuras; assim o farei; ao fundo pois.

- III -

Três Herodes houve e todos eles sanguinários. Este, de que trato, é o denominado o Grande; e grande em que ou porque? grande na maldade; grande porque era o cumprimento do oráculo divino, que disse no tempo de Jacó¹, que não se tiraria o cetro de Judá, enquanto não viesse o Messias

Herodes era idumeu, e portanto estrangeiro; e como pois, sabendo disto, os que estudavam a Lei e os profetas, e conheciam os vaticínios de Jacó, não se abalaram a irem com os magos ver Jesus e a o adorar? É que o texto sagrado lhes servia para saberem a vontade de Deus precisamente para fazerem o contrário. E tanto que Herodes os mandou chamar, que estes eram os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo, acorreram apressados, e tudo que se lhes perguntou responderam com a precisão dos sábios. E se sabiam tanto, e se conheciam a índole sanguinária de Herodes, e quanto ele sofreria o saber da existência de um rei, e tal rei; como pois o auxiliaram com orientar-lhe os planos, e se honraram com serem chamados por conselheiros? Porque, como já vos disse, eram filhos de Belial, que quer dizer diabo, e gente de nada. As suas ciências eram estultícias, e eles eram o que era Herodes: ambiciosos, cruéis, vendilhões de palavras santas, e bem por isso preveniu Jesus mais tarde o povo, dizendo, que lhes seguisse os ensinamentos, porque estavam na cadeira de Moisés, mas que de modo nenhum fizesse o que faziam.

Um rei que não fosse filho de Herodes, bem era que este o matasse; assim pensava toda a

¹ Gên 49, 10

Jerusalém, porque assim pensava o mesmo Herodes, como cabeça que era, horrenda daquele peçonhento e grande monstro. O oráculo dos magos excitou a cabeça do dragão, e todo o seu corpo se pôs a colear para posição do bote.

Herodes era peçonhento, supersticioso e pusilânime. Andava temeroso, porque sentia sobre sua cabeça a ameaça do céu. Matara sua primeira esposa Mariana, e três filhos, Antipater, Aristóbulo e Alexandre. A esta e a tanta ferocidade espanta-se Cesar Augusto em Roma, dizendo ser melhor nascer dum porco que de Herodes². Que foi feito de Hircânio II e sua esposa Alexandra, sogros de Herodes? Aconteceu o mesmo que a Mariana e a todos os irmãos desta; nenhum ouve que não fosse decapitado à ordem de Herodes. Até na morte esta cabeçorra foi cheia de peçonha. Antes de morrer, fez Herodes a sua irmã Salomé, e a seu cunhado Alexes prometerem que executariam a todos os detentos das masmorras do palácio. Queria houvesse grandes choros e lamentações por ocasião de sua morte; e como por sua crueldade haveria, por certo, alegrias e festas, então que fossem mortos os presos todos, para que houvesse grande dor, grande lamentação e pranto copioso. Uma tal besta fera (que homem não lhe dou por honra ser), uma tal besta fera, acaso merece que nela se fale? Contudo falo porque esta é a tinta com que faço ao quadro o fundo. Se do Alto espero luzes bem é que dos abismos tire trevas; e que abismo há ou pode haver mais fundo (porque sem fundo) que o mesmo Herodes? Negras, e mais que negras, negríssimas hão de ser as trevas daí tiradas!

- IV -

Reuniu Herodes os letrados de Israel, e lhes perguntou a eles onde nasceria Cristo. E eles disseram: Em Belém de Judá. E não só declararam por boca, como demonstraram por provas, e das mais autorizadas que eram o texto sagrado. Uma prova era o texto de Miquéias 5, 2. Há outra prova? Sim há, disseram; é a profecia de Jacó³, onde diz Deus, que não tiraria o cetro de Judá, até que viesse o Messias. E o cetro foi tirado a Judá (continuam), e vos foi dado a vós, que sois idumeu; logo é chegado o Messias. Há mais provas? perguntou Herodes. Sim. É a que se acha em Números. Ali Balaão diz que se há-de levantar uma vara em Israel, continuam os doutores, e nascer uma estrela de Jacó; e como Balaão diz: – Eu o verei, mas não agora⁴; bem pode ser que um desses magos seja o tal Balaão reencarnado, ou ressuscitado, que é como dizemos. Ainda mais que o sinal, que viram os magos, foi a tal estrela, símbolo da estrela que há-de sair de Jacó. Basta! pensou Herodes, sem o dizer; é ele; e para que não reine matá-lo-ei. Estes magos mostrar-me-ão o caminho.

- V -

Mas antes que Herodes fale aos magos, quero eu falar com os doutores. Vinde cá doutores, e respondi-me a mim com a mesma presteza com que respondestes a Herodes. Não é em Escritura sagrada, que fundastes os vossos juízos? Sim. Pois se a Escritura é santa e os vossos juízos justos; como não credes a ela e neles? Se é nascido o vosso Rei, que vos há de libertar, como vos conluiais com esse Herodes, cujo nome só de falar faz tremer a língua? Ou credes à palavra de Deus, ou a não credes; se a credes, como não vos ides em busca desse Rei Menino, e o não amparais?

Dizeis que é porque é humilde, e se não deu a conhecer aos potentados, senão aos simples. Mas, que é isto, Deus meu! que são os poderosos da terra, senão as mais das vezes montes de esterco? As suas eminências são tanto piores quanto maiores. Um montículo pode ser saneado pelo sol que o penetre; mas um Herodes, que sol pode penetrar? Mas não quero ser injusto, e para que se salvem os reis, aponto a Davi como eminência das mais eminentes, e feita toda de cristal, pois o Sol da Justiça não só o penetrou como até dele nasceu, o que é mais. Ó quão enganados estais judeus, e quão vos há cegado a ciência com que vos inchais. Quem foi Gedeão, senão homem humildíssimo, que dizia de si mesmo ser o último de sua casa, e esta, da tribo de Manassés, a menor das doze tribos de Israel?⁵. Contudo só com trezentos homens acometeu os

2 Plínio Salgado, A Vida de Jesus, pág. 51

3 Gên 49, 10

4 Num 24, 17

5 Jz 6, 15

madianitas, os amalecitas e todos os povos do oriente em número sem número, e os desbaratou. Quem foi Moisés, senão pastor de Jetro?⁶. O mesmo Jacó, ou Israel, não serviu, por Raquel, a Labão, como pastor⁷. Não era quando pastor que Davi desqueixava leões e ursos em lutas desiguais?⁸. Quando ainda era pastor venceu Davi ao gigante, de quem se temiam Saul e o exército inteiro de Israel?⁹. Se todos estes eram grandes, porque humildes; que muito é, que o seja também este, que sabeis, com a cabeça, ser o Messias? Mas credes na Escritura, mas não credes a ela. Ainda que ela vos diz estar nascido o Messias, não a credes, e daí o não credes nos vossos juízos, posto que justos. Mas se não credes à palavra; como tendes coragem de vos pôr à frente deste povo para o ensinar? Se tudo dos profetas se cumpriu até aqui; é possível creiais, que o que está dito do Messias não se cumpra? Mas não me precisais responder, que o procedimento vosso, e o de Herodes, são o cumprimento das mesmas Escrituras; e porque vós e ele sois gentes de nada e filhos de Belial, é que tudo se dá como se dá. Herodes vende o sumo sacerdócio a peso de ouro¹⁰, e vós usurpais as vossas posições comprando-as por dinheiro. Esta é a vossa fê; a festa do próprio ventre, a vossa religião. É-vos um grande incômodo o ter nascido o Messias, que sua vara, ainda que é de ovelhas, para vós será de ferro; e se for só de ferro, bem vos está, porque como Moisés disse, que Deus suscitaria outro igual a ele¹¹, que é Cristo, temei-o a este, que se ocupa o posto de Moisés terá a vara de Moisés, que é a que se podia tornar serpente.

Herodes é a cabeça, e vós e o povo sois o corpo, e tudo é esse grande monstro que se turba hoje. Turbai-vos, se se turba Herodes; tranqüilizais-vos, se se tranqüiliza Herodes! Herodes é o vosso Deus! Herodes, a vossa atração! Herodes, a vossa cabeça! Herodes, o vosso rei e senhor, por quem lutais! Bem mereceis tal rei; sois gente de nada e filhos de Belial.

- VI -

Chamou Herodes os magos, e com muito jeito inquiriu deles como tudo se havia passado; depois usando a traça do politiqueiro e da raposa, fingiu também querer ir a adorar a Cristo. Ide vós primeiro, disse-lhes, e depois informai-me para que também eu vá e o adore.

Foram-se os magos a Cristo, e depois de o terem adorado, voltaram para suas terras, mas por outro caminho, que isto lhes mandara um Anjo em sonhos. Avisado também José, em sonhos, dos planos de Herodes, vai-se para o Egito levando consigo a Mãe e o Menino. Passado o tempo da volta dos magos, e vendo-se enganado, enfureceu-se Herodes e fez passar à espada todas as criancinhas de dois anos para baixo do seu reino, cuidando que lhe não escaparia Cristo. Vede se há ou pode haver monstruosidade maior? Tão grande foi a dor de tantas mães e pais, que o Evangelista não se conforma com menos, que com fazer sair Raquel de seu túmulo a chorar tão grande desgraça. Já não bastavam as lágrimas dos vivos; era preciso também chorassem os mortos, e não com suspiros e gemidos lamentosos de quem se sabe na sepultura, e dentro dela chora, senão com brados e clamores altos de grande alma errante a encher os espaços e os tempos; como bramido dos ventos nos ciprestes dos cemitérios ermos, lamenta a grande alma de Raquel a desgraça grande caída sobre os filhos seus.

Ó desgraçada Raquel! que te fizeram aos filhos? Que violência é essa executada na tua geração!? Por causa de um rebento saído de ti e de Jacó, os outros teus demais renovos foram podados!? Acaso és tu como a árvore, da qual o horticultor poda uns brotos em benefício dos demais? Que renovo é esse que de ti saiu, para cujo crescimento são necessárias tantas podas? E assim como a árvore chora seiva, pelos lugares dos cortes dos brotos, também Raquel pelos olhos chora lágrimas, que deles foram os filhos apartados a espada.

Soldados sem entranhas arremessavam-se às mães que, trementes, agarravam-se aos filhinhos tenros; momentos antes aquelas mães acariciavam-nos ao colo; com suas mãos tocavam o macio, o aveludado daquelas tezes; momentos antes aquelas pobres mães, em beijando seus filhinhos, tinham sentido o cheiro bom de carne humana sadia, e dos perfumes com que os ungiram nos banhos. Mães e filhos tudo era uma só coisa, tanto se achavam apegados uns aos outros. E que agora venha um soldado brônzeo, selvático, agigantado, arrastando passos pesados,

6 Ex 3, 1

7 Gên 29, 20

8 1 Rs 17, 34-35

9 1 Rs 17, 36-37

10 Plínio Salgado, A Vida de Jesus, pág. 50

11 Dt 18, 15

cheirando a besta fera, e com a mão esquerda arranque o tenro broto do tronco materno, e com a espada nua da direita o corte e despedace?! que a umas criancinhas joguem-nas para o ar, e as esperem nas pontas dos gladiuns, e que a outras cortem-nas de cima para baixo, e ainda outras de lado?! Ó dor! ó desolação! ó! não sei se digo ódio, que por reverência ao Evangelho tremo de o dizer em um sermão! Só as lágrimas de Raquel, posto que morta, não bastaram a chorar tão grande calamidade; Raquel foi o passado, que chorou com o presente; e nós somos hoje o futuro daquele presente; logo não só houve de chorar o passado em Raquel, e o presente nas mulheres de Jerusalém, senão também que havia de chorar o futuro em nós de hoje, e em nossos filhos de amanhã. O nome de Herodes ficou execrável, e não há quem o ponha nem num cão que nenhum há tão indigno, quanto mais num filho. Esse nome passou a ser o símbolo do mal; Herodes não era vil para ser a mesma vileza; assim como Jesus dizia, *eu e meu Pai somos um*, também Herodes, com eficácia igual, não disse, mas fez (o que é mais), que ele e Satanás fossem um.

E que uma cidade inteira qual era Jerusalém, se turbasse com as turbações de um tão sórdido animal; que todas as vistas estivessem tão voltadas para o palácio; que as turbações daquela cabeçorra se refletisse de pronto em todo o corpo; vede se aquelas gentes podiam ser outra coisa, senão corpo daquela horrível cabeça? Eu pois tinha razão quando dizia, que aquelas eram gentes de nada e filhos de Belial.

Mais se poderia dizer de Herodes, dos letrados de Israel e do povo de Jerusalém; mas para que é ficar só no fundo, e tão feio fundo? Passemos já para o assunto do quadro que pinto, que são os magos e os pastores.

- VII -

Do oriente vieram uns magos a Jerusalém, guiados por uma Estrela, a adorar Jesus. Grande assombro! Jesus nasceu; uma Estrela se pôs no céu; uns magos a viram, a entenderam e a seguiram. Outra vez grande assombro, que um só, posto que grande, não basta.

Como as estrelas, diz Vieira, deve ser o sermão. As estrelas, diz ele, consultam-nas os mareantes no mar, os lavradores na terra e o astrônomos nos observatórios. Entendem a sua mensagem (diz) os homens do mar, com que guiam os seus navios; seguem-lhes o ensinamento os rústicos da terra, com que plantam as suas roças; e os astrônomos que as olham todas as noites por lunetas poderosas, e se hão aprofundado estudando todas as ciências, pasmam (diz), do quanto nelas ignoram. “Tal pode ser o sermão; estrelas, que todos as vêem, e muito poucos as medem”¹².

E se os rústicos da terra e do mar guiam-se por estrelas, e lhes entendem a mensagem; como não entenderam a que só aos magos guiou? E se todos os homens da terra não a entenderam, e nem mesmo os astrônomos (astrólogos) do tempo; como a entenderam os três magos de diferentes terras? De que mais me devo assombrar aqui? da estrela guiadora, ou dos magos guiados? Ainda outra vez grande assombro!

Vimos a sua Estrela disseram os magos. Mas como, ó magos, mas como!? Onde aprendestes, em que escritura lestes, que havia uma Estrela do Cristo? Lemos nos céus, dizem os magos, ali está a nossa escritura! Sim, que nós e os magos estamos em posições opostas. Nós estamos olhando para baixo, no livro e na terra; eles estudam olhando para cima, em Deus e nos céus. Nós só vemos o particular, o pequeno, a minudência; eles vêem o grande, a imensidade, o todo. Nós, com o raciocínio, somos análise; eles com a intuição são síntese. Ó! nós somos homens de barro! e ao barro nos prendemos! Os magos, ainda que têm de barro o pedestal ou a veste, como águias daí voam em direitura do Infinito. Nós, com olharmos a terra, poderemos chegar a ter ciência, mas os magos, com olharem os céus chegaram a ter sabedoria.

As outras demais estrelas disse um mago, e dizem os magos, todos as vêem e poucos as medem, mas esta que nos guiou a nós, desenganai-vos, que de nenhum modo há dentre vós quem a meça! As outras estrelas (continuam os magos) são corpos gigantescos de fogo e de luz, que rolam na amplidão; medi-las a elas, é possível, posto que difícil; mas esta Estrela que nos guiou, de modo nenhum há dentre vós quem a meça, porque é um espírito, que pela sua evolução, totalmente perdeu a forma corpórea, humana, e sua grandeza não se mede com as vossas medidas, mas com as nossas. As outras estrelas (dizem os magos) as medis com o metro, as pesais com o peso, as conheceis com o vosso espectroscópio; esta Estrela, porém, que nos guiou, haveis de medir com vós mesmos; vós haveis de ser a medida dela; medir é comparar, e a coisa mais próxima dela, que tendes na vossa terra, com que a podíeis comparar, sois vós mesmos, e contudo

¹² Vieira, Sermões, I, 17

a não entendeis, pela imensa distância evolutiva em que vos achais. A ela se mede por evolução, e não por medida que tendeis na mão! Subi vós de medida (ainda os magos); ide-vos para o mundo da intuição; tornai-vos imensos em amor e perdão, em renúncia e sacrifício, em sabedoria e simplicidade, e então senti-la-eis, medi-la-eis, e tomareis dela conhecimento. Ela é um Anjo do Senhor, e ainda que em extensão, o sol lhe é maior, ela é a ele infinitamente superior e mais poderosa. Aprendei a valorizar a qualidade (dizem os magos), e não a quantidade! o diamante, ainda que pequeno, é mais valioso que toda uma montanha de pedra.

Essa Estrela que guiou os magos, é a de que falara Balaão, cuja ciência conheciam. Uma Estrela sairá de Jacó, disse ele; por isso quando nascesse uma Estrela, não conhecida no mapa celeste, lá pelas bandas de Jacó, essa era a que era. E eis que lá para onde está Israel nasceu a Estrela; mas acabemos de entender isto que ainda não está entendido.

Não diz o Evangelho que vieram uns magos do oriente? Sim. E pois se vieram do oriente, logo o movimento deles foi para o ocidente, porque eles se dirigiam a Jerusalém, que era ocidente deles, e eles oriente dela. Jerusalém que os viu virem, viu que vinha do oriente; observada do ponto em que estavam os magos, Jerusalém era ocidente. Mas eles se guiaram pela Estrela; logo a Estrela estava para os lados de Jerusalém; se Jerusalém era ocidente deles, como disseram os magos: – Vimos a sua Estrela no Oriente?¹³. Se a viram no oriente, não era bem que fossem para o oriente? E quem vai para o oriente, donde vem, senão do ocidente? Quem fala de lugares há que mostrar as relações; e quem as mostra o faz em função do lugar em que está. Assim quem escreveu dizendo: vieram uns magos do oriente, certo é que estava, ou se considerava em Jerusalém; mas como podia pôr na boca dos magos a expressão: – **Porque nós vimos no Oriente a sua Estrela?** Se são eles os magos, os que falavam, haviam de dizer, que a viram no ocidente e não no oriente.

Mas esta implicação toda se desfaz com sabermos o que é oriente e Oriente; oriente com “o” pequeno, e Oriente com “O” grande. Oriente (com “o” pequeno) é nascente, é levante; é o lugar do horizonte onde o sol, e a lua e as estrelas nos nascem. Mas os magos, se vieram daí, é porque se dirigiam para o lado oposto, ou seja, para o ocidente, que é o lugar onde o sol, e a lua, e as estrelas se põem. Se eles foram para esse lado, é porque viram a Estrela nascer no poente; ela surgiu no poente, e subiu no céu, em sentido retrógrado às demais estrelas. Fácil se lhes tornou a eles o saberem que aquela era uma Estrela não estrela, porque ainda que era Estrela na forma, não o poderia ser em realidade, visto na harmonia sideral não ser permitido dissonâncias. E quem quer que observasse o céu, teria visto o que viram os magos, e se o não viu é que o não observou. Como poderia observar o céu quem na terra tem os olhos postos? Há maneira melhor de uma Estrela semelhante a todas se mostrar inconfundível? Que é que faz a observação, senão o contraste? Se a noite fosse dia, não se observaria a noite, que tudo era dia. Se todas as estrelas tem o mesmo sentido, menos uma, que se move contrariamente, essa uma será a polarizadora de todas as atenções, que como as dos magos estivessem voltadas para o céu.

- VIII -

Mas sinto que me estais argüindo de contrariar o texto; pois se os magos dizem por suas bocas: – Nós vimos a sua Estrela no Oriente; como agora vem esse pregador demonstrar que a Estrela dos magos nasceu no poente? Muito bem argüístes, mas melhor vai a resposta; ora vede:

Oriente quer dizer nascente; os magos viram a Estrela no seu nascente, no seu nascedouro, no lugar onde estava o povo de Israel, a casa de Jacó. Aquela Estrela no poente do sol, era a do Oriente do outro Sol, que era Cristo. Uma Era se punha e outra surgia; a que se punha, punha-se com o sol de todos os dias; a que surgia, surgia também com outro Sol, que era o de uma nova Era; ora, se chamamos oriente o lugar onde o sol nasce; que muito é que chamemos Oriente o lugar onde nasceu Cristo? Balaão não disse que uma Estrela nasceria de Jacó? Pois então Jacó é o Oriente da Estrela, Israel, o seu berço, e os magos que a seguiram, vieram dar em Jerusalém que é a cidade mais importante de Israel. O engano está em que confundimos o oriente da terra com o Oriente do céu. As posições da terra, todas, sem exceção, não se invertem no céu? Não é bem-aventurado o pobre, e o que chora? Não é desventurado o rico, e o que se ri? Pois assim o oriente dos que olham para as coisas da terra tem posição oposta do dos que olham para as do céu! O Oriente dos magos é a casa de Israel, e por isso foi que disseram ser aí, nesse Oriente, que viram a Estrela. Lembremo-nos de que os magos falaram sempre olhando para as coisas do céu, e os de

Jerusalém e nós falamos também sempre olhando para a terra. Daqui veio a confusão: os magos falaram do Oriente espiritual, simbolizado em Jacó, e nós terrícolas e enterrados só entendemos de oriente terrestre ou geográfico, e só por esse oriente de terra nos orientamos. Assim os homens quando foram chamados a falar, disseram, e o Evangelista escreveu, que os magos vieram do oriente geográfico; os magos disseram por suas bocas, que viram a Estrela no Oriente espiritual; mas omitiram o espiritual, explicativo de Oriente, porque falavam a Herodes e aos letrados de Israel; e todos, um pelo poder, e os outros pelo saber, tinham obrigação de os entender. Quando se fala de igual para igual, não são necessárias as minudências. E se eles não podiam entender, e ocupavam aquelas posições, era bem que lhes não explicassem muita coisa os magos, porque o ignorante, que ocupa posição é, sem exceção, sempre mau. Ora, o que faz subir é o saber. Mas se não sabem e sobem, como sobem? Sobem pela violência. Pois então que aprendam a lição da violência em que se aplicam, e não a da sabedoria; por isto era bem que lhes não explicassem os magos, que sentido tinha o Oriente de que falavam.

- IX -

Até aqui tivemos magos ou sábios explicando a Estrela; agora teremos a Estrela explicando os sábios. Digo sábios explicando a Estrela, porque da sabedoria deles saiu esta parte do sermão. Do que fizeram e do que não fizeram, esta parte se fez. Mas que os magos ou sábios expliquem a Estrela bem está, porque é deles o conhecê-la; mas que a Estrela explique o sábios? Sim. Assim há-de ser, porque em explicando a Estrela, os mesmos sábios já disseram ser ela um espírito superior, que pela sua evolução totalmente perdeu a forma humana. Os sábios falaram da Estrela, mas não de si mesmos, por modéstia; logo é bem que a Estrela os explique. Fora esta, outra razão há, e mais forte, e é a de que só entre semelhantes é possível compreensão. Se só os sábios sabem explicar a Estrela, só a Estrela sabe explicar os sábios; Estrelas encarnadas são sábios; sábios desencarnados são Estrelas. Logo, que muito é que explique a Estrela os sábios? Que muito é que esta Estrela dos magos, fale deles, depois de haver falado a eles? Quem se interessou em os guiar; como se não há-de interessar em os explicar? Se pela glória de Cristo nascido guiou os sábios; que muito é que pela glória de Cristo triunfante os declare? A honra dos magos a Cristo sobe de ponto, com subirem de ponto os mesmos magos; e quem os há-de fazer subir, senão a Estrela guiadora deles? Em versos punha já Cervantes e dizia, falando de andantes cavaleiros: “E o vencedor é tanto mais honrado. Quanto mais o vencido é reputado”¹⁴. E quem é o vencedor aqui, senão Cristo Senhor nosso, posto que menino, e quem são os primeiros vencidos, posto que para vencer, senão os magos? Com se saber serem grandes aqueles dos quais vem a honra, sobe de ponto a glória. Glória foi de Haydn o ter sua testa e mão beijadas por Beethoven¹⁵; com ser Beethoven quem era, os beijos seus foram para Haydn a glória da glória. A glória só o é, quando partida dos grandes; a glória vinda dos ninguéns nem chega a ser gloriola. Para não irmos a outro, e estarmos com Beethoven, nele mesmo temos disto a prova. A sinfonia da Batalha e Ruínas de Atenas são suas mais fracas obras¹⁶; contudo foram as mais aplaudidas em seu tempo, quando ele mesmo as regeu, e as que mais lhe renderam honrarias e dinheiro. Onde sobraram aplausos e dinheiro escasseou o gênio, e porque? Diga-o A Grande Síntese que diz: “O aplauso das multidões, quanto à extensão e à presteza, está na razão inversa do valor”¹⁷. “Só o que é medíocre pode ser compreendido de súbito e aclamado pela maioria medíocre. Glória fácil e rápida significa pouco valor”¹⁸.

O nascer Cristo n’ua manjedoura, assistido dos brutos, humildade foi, e não glória; mas o ser adorado dos magos, trazidos por Estrela, isso sim foi glória. A grandeza sem medida de Cristo nascido, só se havia de medir com a medida sem medida dos magos e das Estrelas, que tudo são Estrelas.

Guiastes os magos a Cristo, Estrela? Mostrai-os agora ao mundo, inspirando-me nesta parte! Assim como cuidastes da glória de Cristo nascido, cuidai agora da glória de Cristo triunfante.

- X -

14 Clássicos Jackson, IX , 84

15 Beethoven - Emil Ludwig - Trad. de Vinícius de Moraes, 165

16 Beethoven - Emil Ludwig - Trad. de Vinícius de Moraes, 243-244

17 A Grande Síntese - Ed. FEB - pág. 276

18 A Grande Síntese - Ed. FEB - pág. 257

Estes sábios (assim me inspira a que vos diga, a Estrela) estes sábios vieram da Caldéia, a pátria de Balaão; na escola deste estudaram, e a ciência deste aprenderam. E para sabermos quem foram os magos saibamos primeiro quem foi Balaão. Mas tocando por diante o assunto, levanto já uma questão e pergunto: Balaão era profeta, ou feiticeiro? Vejo que me dizeis que era feiticeiro, porque entre os profetas todos do Testamento Velho não figura o nome dele. Boa razão é esta por certo. Mas como então desceu sobre ele o Espírito de Deus?¹⁹ Como disse ele, não poder trocar as palavras que lhe pôs na boca Deus? Tendo Balaão sido chamado para amaldiçoar o exército de Israel; como o abençoou, em vez de o amaldiçoar, e não uma, senão três vezes? Aos que me disserem: – é profeta; a estes direi: como então aconselhou o mal, ou seja a que Balac mandasse a Israel mulheres madianitas, que com suas formosuras o encantassem, o excitassem e o perdessem? Atraindo sobre si a ira de Deus?²⁰ Que é ser profeta, e que é ser feiticeiro?

Pitonisa era mulher de Endor²¹, contudo Samuel falou por meio dela, quando era já morto; e o próprio Samuel era profeta a quem Saul queria consultar, e consultado, mesmo na morte, tudo o que disse de Saul se realizou. Pois que é isto? um profeta falando pela boca de uma feiticeira? E a verdade que diz Samuel, e que o faz profeta, como não sofre distorções ao passar pela feiticeira, que tal o é, só porque serve ao espírito da mentira? Se a verdade pode falar pela boca da mentira, no ponto que a boca da mentira diz verdade, a pítia é profetiza e o pitão profeta. Logo Balaão podia ser profeta ou feiticeiro, variando o ser seu segundo a variação do que por si falava. Ser pois, profeta ou pitão, profetiza ou feiticeira é só ser médium, e se a mediunidade serve à causa do bem, então, profeta, se à do mal, feiticeiro.

Desfeita pois está a dúvida sobre se Balaão era profeta ou feiticeiro, com dizer e declarar, que era uma e outra coisa alternadamente. Balaão não era um ímpio, que se o fosse não diria: – Eu não poderei trocar as palavras do Senhor; não poderei dizer outra coisa, senão o que Deus me pôs na boca para dizer. Contudo como lhe faltava a ele a heróica virtude de um Jó ou de um Tobias, perdeu-se pela avareza e pela cobiça.

Ó! acabemos de entender, e tomemos pé firme aqui, que é o ponto onde caímos todos os que escapamos de cair nos pecados da luxúria. Balaão aconselhou a Balac o envio de mulheres madianitas ao exército de Israel, e assim os fortes se fizeram fracos, e os que não caíram pela força, caíram pela astúcia. Balaão sabia, como feiticeiro, que o feitiço do homem é a mulher; que o feitiço de Adão foi Eva. Sabia ele, por antecipação, porque profeta, que Davi cairia por Betsabé, Sansão por Dalila, Salomão por setecentas mulheres das quais trezentas eram rainhas e quatrocentas, concubinas.

Balaão sabia que pela mulher cai tanto o homem, que quando não cai todo ele, cai sua cabeça, como caiu a de João Batista por causa das quedas de Herodes, primeiro por Herodias, e depois por Salomé. Há mais cair? Sim, há, que por causa da mulher sobre cair se cai. Disto deu-o prova Holofernes caído duas vezes por Judite. Da primeira queda veio a segunda, e desta lhe veio o perder a cabeça e com ela a vida. Aquele soberbíssimo estúpido, não sabendo que a mulher e o vinho são ambas as coisas que ao homem tira o juízo, primeiro desejou Judite e depois embriagou-se por ela. A Noé tirou-lhe o juízo o vinho; a Adão, a mulher. Pois não serviram a Holofernes o ensinamento destas duas quedas destes dois pais da raça humana. Se a mulher e o vinho, uma e outra coisa separadamente, basta a tirar o juízo; que se dirá das duas juntas e reunidas? Então porque ardes de paixão por Judite, ó Holofernes, ó louco, bebes vinho em demasia, tanto quanto nunca tens bebido em tua vida?²² Assim o foi. Holofernes primeiro caiu por Judite, com que se prendeu nos laços dos seus encantos, depois bebeu em demasia como a querer apagar a fogueira da paixão sua; e por causa disto caiu-lhe a cabeça decepada pela própria espada, e isto pelas mãos da mesma Judite a quem perdidamente desejara.

Balaão aconselhou o feitiço das mulheres de Madian. Bravo feitiço. Mas que outro feitiço há, mais bravo ainda? O feitiço da cobiça, porque este feitiço enfeitiçou o mesmo feiticeiro. Feitiço que enfeitiça feiticeiro, bravíssimo há-de ser; e este é o da cobiça. Balaão vencedor da luxúria, caiu pela cobiça; pela razão era ele profeta, e entendia muito bem não poder trocar as palavras de Deus. Mas pelo coração era feiticeiro, porque amando tudo ao dinheiro, e nada a Deus, aconselhou o mal para ganhar. Se amasse a Deus, profeta ele seria; mas como amou ao dinheiro, feiticeiro foi.

Os sentimentos são o leme da mediunidade; se bons, fazem profetas; se maus, feiticeiros.

19 Num 23, 5 e 16; 24, 2

20 Num 24, 14; 25, 1-3

21 I Rs 28, 7-19

22 Jdt 12, 20

A mediunidade é como a seiva, que, sendo uma e a mesma, dá limão pelo enxerto de limoeiro e lima pelo enxerto da limeira; não é a seiva que faz limão ou lima, mas a natureza do tronco por onde corre. Tal a mediunidade; se está no virtuoso faz profeta, se no vicioso, feiticeiro.

- XI -

As paixões de Balaão foram as que o trouxeram daquele orbe do sistema planetário da Capela, no meio daqueles milhões de que fala Emmanuel²³. Era espírito maduro, agudo e intuitivo, que podia ver claro no amanhã como se vê no hoje. Anteviu o Messias e disse: – Eu o verei, mas não agora. Tinha ele, porque velho, a grande ciência infusa (haurida no passado) dos gênios; e para quem, como ele não havia mistérios, mistério não lhe era toda a ciência de Moisés e dos magos do vale do Nilo, onde se concentrava um quarto da raça adâmica²⁴. Um tal homem, e com tal poder, bem merecia o elogio de Balac quando disse: – O que abençoaes será bendito, e o que amaldiçoaes, maldito²⁵.

Há quatro mil anos conheciam já, os iniciados de Heliópolis e Tebas, a forma e o peso e ainda o volume da Terra; e como se não fosse isto já muita ciência, conheciam até a distância da terra ao sol²⁶. Que vemos na planície de Gisé, senão a grande mensagem da ciência dos faraós, feita de pedra? Não é precisada ali até a época de sua construção, pela posição da estrela Alfa, e constelação de Plêiades? Jó não falava já dessa ciência de noções exatas²⁷, saída das margens do Tigre e do Eufrates? A nomenclatura dessa ciência não está lá nos poemas de Homero? Se estudarmos os mapas celestes do mundo greco-romano, havemos de ver que o lugar onde devia estar o observador era a Caldéia. Se me fosse dado colocar um erre na palavra caldéia, eu a mudaria para caldeira, porque a Caldéia foi a caldeira onde se cozeu a civilização do mundo. Donde vieram os signos do Zodíaco, senão de lá? Que são as pirâmides, senão sínteses e enciclopédia de todos os conhecimentos matemáticos, geodésicos e astronômicos? A escola destas noções foi a deixada por Balaão, e de cuja escola iniciática esses três reis do Evangelho de hoje se saíram magos. Não eram eles pois três supersticiosos, senão três sábios, três magos.

Ó! Estrela dos magos, guiadora da minha inspiração! dizei-me, vos peço: não seria um destes sábios o mesmo Balaão reencarnado? Sim, diz-me a Estrela: aquele que ofereceu ouro a Cristo, esse é Balaão, que de novo voltou à terra para que se cumprisse sua própria profecia, quando disse de Jesus: – Eu o verei, mas não agora. Antigamente, como Balaão, trocava e dava o que é divino pelo ouro; agora, como mago, troca e dá ouro pelo que é divino; a mesma mão que outrora se encolhia, segurava e retinha, agora se estende e oferece ouro a Cristo com que o reconhece por Rei sobre si, que também é rei e mago.

Evolução não se improvisa, diz a Estrela; o tempo e o labor fazem-na; onde quer que haja talento há um espírito velho; procurai-o e o achareis; mas em o procurardes, não ides às academias terrestres onde se arcaisa o pensamento humano; aí só encontrareis, fossilizada, a vaidosa ciência que perdeu a Lúcifer. A escola duma só existência não faz o sábio nem o letrado, e o sábio e o letrado, muitas vezes o são tais, sem que hajam ido à escola; as vossas noções são embaraçantes, diz a Estrela, e agis no emaranhado do relativo, como agiram os doutores de Israel consultados hoje por Herodes. Onde quer que nasça um Balaão tereis um sábio, um mago, do mesmo modo que onde nasce um Jó, tereis um virtuoso, um santo. O vento sopra onde quer (prosegue a Estrela), e lhe ouvis a voz, contudo não sabeis donde vem nem para onde se vai²⁸. Mas em vendo soprar, sabeis que há um vento. A isto vos digo, ó homens da terra, que vos não quero chamar de terra! Estudai o vento, quanto a intensidade do seu soprar, e sabereis se é brisa ou furacão!; estudai a sua direção, e vereis se vem dos céus ou dos infernos!; se sobe, é um demônio; se desce, um Anjo. Se sobe do centro da terra é um demônio; se desce do céu, que está no mais profundo dos céus, um Anjo.

- XII -

Está acabada esta segunda parte do sermão; e ainda que na terceira o assunto peça

23 Emmanuel, A Caminho da Luz, 29

24 Emmanuel, A Caminho da Luz, 33

25 Num 22, 6

26 Plínio Salgado, A Vida de Jesus, 45

27 Jó 38, 31 e 32

28 Jó 3, 8

extensão, serei breve; assim o farei pelo adiantado da hora.

A terceira parte é a referida no Evangelho de São Lucas 2, 9-14, e diz: – E eis que se apresentou junto deles um Anjo do Senhor, e com luz divina os cercou de refulgente luz, etc. Ora, que coisa aqui se nota sem esforço? É que o céu buscou magos e simples, sábios e pastores; e ainda que buscou também Herodes e os doutores de Israel, não o fez diretamente, senão indiretamente por meio dos magos. A mensagem do céu, captada na terra pelos sábios, foi levada aos grandes da terra; contudo aos pastores fala o céu diretamente, e não por menos que por um Anjo. Mas vinde cá, Anjo do Senhor! e com a reverência toda, devida à vossa luz, vos pergunto: não quereis vós propagar a notícia do grande evento? Sim, quero, diz-me o Anjo. E se isto quereis, vejo que estardes mais certo se procurásseis os grandes da terra, que têm fama e meios. Pela fama seriam cridos; e pelos meios levariam essa crença até os confins da mesma terra.

Em parte estais certo, diz-me o Anjo, e por essa parte nos tocamos; mas em parte estais errado. Quanto a que devemos procurar os grandes da terra, nisto estais certo, e nos tocamos, e é o que estamos fazendo, porque os grandes da terra são os pequeninos; para nós, Anjos, os grandes são os humildes, e daí os procuramos a eles no meio dos pastores. Mas quanto a que os que têm fama e meios podem propagar a notícia do grande evento, nisto discordo, e estais errado, e dais prova de não conhecerdes história, e nem os homens que se movem nela. Onde foi que homens de fama e de meios se ocuparam das grandes idéias? Hoje anunciamos Cristo aos humildes, e amanhã Cristo os chamará por grandes no seu reino.

- XIII -

Duas formas tomaram os espíritos de luz ao aparecerem aos homens a lhes trazerem a mensagem do céu. A uns, que eram os magos, tomaram a forma de Estrela; a outros que eram os pastores, a forma de Anjo. Para os magos e astrólogos, Estrela; para os simples e pastores, Anjo? Que mistério é este? É que a cada um quis o céu falar na sua linguagem. Aos magos, que têm trato com as estrelas, e entendiam de estrelas, o Anjo havia que ser Estrela. Aos pastores que viam as estrelas, mas não as entendiam, era preciso que a Estrela descesse de forma, e ainda que com muita luz, se lhes mostrasse como Anjo. Aos magos bastou o verem a Estrela para que a entendessem; aos pastores não bastou o verem o Anjo, mas foi preciso que este lhes falasse a eles. Assim quis o céu falar a cada um na sua linguagem, porque para os magos, que eram sábios, o símbolo da sabedoria era a Estrela; para os pastores, que eram virtuosos, o símbolo da virtude era o Anjo.

Não quero com isso dizer que os sábios, fossem só sábios, e não virtuosos, e que os pastores, só virtuosos e não sábios. Digo que eram, uns e outros, as duas coisas ao mesmo tempo; porém naquela encarnação tinham posições definidas na terra. Pode porventura haver sabedoria sem virtude, e virtude sem sabedoria? Digo que não, porque a sabedoria da cabeça, não é sabedoria, é ciência; e a ciência do coração não é ciência, é sabedoria. Ora, a virtude é a ciência do coração; logo é sabedoria. Se a virtude é sabedoria, logo a sabedoria é virtude. A prova a temos nas mesmas asas do Anjo; aquelas asas de morcego, escuras e membranosas, com que se representa Satanás, são já saber e virtude em germe; no Anjo, essas asas são branquíssimas e luminosas. Pois que é isto? Se uma asa é o saber e outra a virtude, que com uma só asa não se pode voar; qual delas é o saber, e qual a virtude? Ambas são, porque uma é a outra. Uma asa reflete-se a si mesma, como em espelho, e é a outra. Assim como no demônio uma asa é a ciência, e a outra, o vício, porque ele só sabe, e quer saber para obrar mal; no Anjo uma asa é o saber, e a outra, a virtude, porque ele só sabe e quer saber para obrar bem. Tanto vai da ciência à sabedoria, quanto vai da virtude ao vício, e da terra ao céu.

Mas para que não vades vós pensar que isto é só encarecimento meu, sem o sólido das provas, ouvi o caso do mais sábio homem, que ainda houve na terra, sem segundo, porque não houve outro que lhe fosse igual.

Salomão, quando foi convidado por Deus a pedir o que quisesse²⁹, pediu um coração reto e puro, com que pudesse julgar o povo; a isto Deus lhe disse, que faria segundo a sua vontade e lhe daria o saber, com que fosse o mais sábio de todos os que vieram antes, e dos que viriam depois. Como é isto? Salomão a Deus lhe pede virtude, que isto é ter coração reto e justo; e Deus lhe dá sabedoria? e não pouca, senão muita, com que fique sendo o mais sábio de quantos houve e havia de haver no mundo? Assim é; porque a sabedoria é virtude. Disse o mesmo Salomão (o que é mais), que o temor de Deus é o princípio da sabedoria³⁰; ora, o temor de Deus é o princípio da

²⁹ I Rs 3, 5

³⁰ Prov 1, 7

virtude, porque não pode obrar bem, quem a Deus não teme; logo sabedoria é virtude.

Aqui está porque a Estrela e o Anjo procuraram os magos e os pastores. Os magos e os pastores representavam o saber e a virtude, com que se formava o par de asas do Anjo. Os céus se revelaram aos magos e sábios, porque eram simples; e aos simples e pastores, porque eram sábios. Está, não encarecido, mas provado, que virtude e sabedoria são uma só coisa; provo agora, e dai-me atenção, que grande é o simples, o humilde, o muitas vezes anônimo.

- XIV -

Diz A Grande Síntese que as massas possuem reservas de homens grandes para todas as necessidades suas³¹. Mas que massas? A do povo simples em cujo seio sempre estão espíritos gigantes. Cai bem a justíssima observação de Cervantes de que os montes criam letrados e as cabanas do pastores filósofos³². Não foi Moisés pastor do rebanho de Jetro?³³. Que fazia Gedeão³⁴, quando o Anjo o convoca a salvar Israel? Malhava trigo no lagar, diz o texto. E ele próprio diz por sua boca ser o último de sua casa, e esta da tribo de Manassés, a menor das doze de Israel. A traça que usou Deus, para levar Saul a Samuel, a fim de ser ungido rei sobre Israel, foi fazê-lo a ele buscador das jumentas da casa de seu pai, para isto perdidas³⁵. E ainda que protestou dizendo ser sua família a menor da tribo de Benjamim, contudo Samuel lhe pôs óleo na cabeça e o fez primeiro rei de Israel. Pastor não foi Jacó, de Labão, por Raquel?³⁶. Pastor não era Davi?³⁷. Não era este o último da casa de seu pai? Não foi, contudo, o que se atreveu a Golias? “Onde tanto valor em um simples pastorzinho?” Já notava Vieira, e com razão, que as lentilhas deram os Lântulos à Roma³⁸, e as favas, os Fávios! De lentilhas e favas pouco é ir a grão de bico, que isto quer dizer Cícero em latim. E o mesmo Cícero achava (como referiu aos seus amigos, que instavam para que trocasse o nome seu por outro menos ridículo), o mesmo Cícero achava que poderia fazer o nome seu tão respeitado, como o eram em Roma o de Scauro e o de Catulo. Ofereceu aos deuses, na Cecília, durante a sua questura, um vaso de prata onde mandou gravar seu nome; porém, como refere Plutarco³⁹, depois de fazer gravar Marco Túlio em letras, mandou que se gravasse no lugar de Cícero, um grão de bico. Não disse o próprio Jesus, que não entraria no seu Reino quem não fosse simples como um menino? Que muito é pois que os céus honrem a magos e a pastores, e não a Herodes, posto que rei, e nem aos consultados por ele, posto que doutores? Curve-se o mundo diante dos pequeninos, que eles são os grandes da terra.

É motivo de admiração que os jornais e revistas mundanos sejam tão procurados e lidos! E por que? Porque eles não dizem nada dos verdadeiramente grandes, não digo da terra, que o não são daqui, mas que estão na terra, porque aqui laboram e criam. Os grandes são pequeninos, humildes, modestos, e só são conhecidos depois de passada a sua época. Como pode a mediocridade entender a alma simples dos grandes? ou sejam eles magos, ou sejam pastores? Por isso os jornais e revistas se enchem de nadas e o rádio só fala mas não diz.

Um dos biógrafos de Vieira admirou-se muito de não ter escrito este nada sobre a França e Holanda, onde andara como diplomata. Mas eu me admiro da admiração do biógrafo; pois que poderia ver Vieira em Paris? Que poderia ver em Haia? O mesmo que vemos hoje em São Paulo e Rio; um esplendor de matéria; um esplendor de nadas. Não nego que haja valores nessas cidades, mas nego que esplendam; e os que esplendem são tanto menos valor, quanto mais esplendem. “O aplauso das multidões, quanto à extensão e à presteza, está na razão inversa do valor”⁴⁰. No tempo de Herodes, esplendia Herodes e sua corte; mas quem eram Herodes e sua corte? Ninguéns! E ninguéns são os que esplendem hoje, porque esplendem para ninguéns.

Os céus buscaram a pastores, porque aí estavam os grandes da terra. Mas como pode ser que um grande queira ser pastor? Quer para ser maior. O último progresso que se há de fazer é o da humildade e o da renúncia. Ser pastor é ser humilde e renunciar. Depois que se é grande, fica-se

31 A Grande Síntese, Ed. FEB, 329

32 Clássicos Jackson, VIII, 449

33 Ex 3, 11

34 Jz 6, 11

35 I Sam 93, 21

36 Gên 29, 20 e 30

37 I Sam 16, 11

38 Vieira, Sermões, 7, 9

39 Plutarco, Demóstenes e Cícero, 48

40 A Grande Síntese, Ed. FEB, 276

maior tornando-se pequeno. De maneira que o difícil não está no ser grande, que todos querem ser, e poucos o logram; o mais difícil, o difícilíssimo é ser maior que grande, porque quem o quer ser, faz a outra meia volta à roda da fortuna e chega-se ao que dantes era. Quem faz a meia volta da grandeza terrestre subindo, tem depois de completar o ciclo, fazendo a outra meia volta da grandeza do céu, descendo. Eu subi a metade da roda? fiquei rico e poderoso? meu nome anda agora, por isso, enchendo os jornais? Então é certo que no céu descí. Eu descí a outra meia roda? fiquei pobre? renunciei? Eu me fiz desconhecido e isolado? eu me fiz pastor? Então é certo que no céu subi. Quem pois subiu a metade da roda da fortuna e se fez grande no mundo, desça agora a outra metade e fique maior, com ficar grande no céu.

- XV -

Acabei o sermão; não sei se para a satisfação ou descontentamento dos ouvintes; contudo estão satisfeitas todas as partes dele, como prometi no começo. A tela está pintada, não sei se com a arte que a vossa sensibilidade pede. Mas se consegui deixar-vos descontentes, alcancei o meu fim. Praza a Deus que todos estejais muito magoados, que cada um esteja triste consigo mesmo e desejoso de melhora. Eu desejaria que todos estivessem descontentes de si por causa do sermão, porque, como já dizia Vieira, o sermão que descontenta é o que faz frutos; “Não é aquele que dá gosto ao ouvinte, mas o que dá pena”⁴¹. Se cada um sair satisfeito do sermão, então é certíssimo que não haverá frutos dele; mas se sai mal satisfeito, é sinal que ele feriu para corrigir, e então haverá frutos. Assim se os simples (se é que os há aqui neste auditório) assim se os simples saírem daqui consolados e os grandes confundidos e humilhados, bom foi o sermão. Mas se ninguém se sentiu chamado a melhorar-se, perdi meu tempo todo e mais o esforço. Assim Deus queira que não seja.

Piraju, 25 de Dezembro de 1952.

41 Vieira, Sermões, I, 34

SERMÃO DO SURDO-MUDO

Então Jesus, tirando-o de entre o povo e tomando-o de parte, meteu-lhe os dedos nos ouvidos: E cuspiendo, pôs-lhe da saliva sobre a língua: E levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse-lhe: Ephphretha, que quer dizer, abre-te.

Mc 7, 33-34. *

- I -

Hipócrates foi chamado a curar Demócrito de loucura⁴². Veio, examinou-o, e disse para os que o mandaram chamar: – Se há loucura aqui, vós sois os doentes, e não Demócrito. Aqui reparo que havia uma suposição, que era a de estar Demócrito louco. A suposição dos que chamaram Hipócrates, passou a este contra aqueles que o chamaram : – Se há loucura aqui, vós sois os loucos.

A doença de Demócrito era o andar rindo-se do mundo, e falando do que ninguém entendia. Este foi o mais famoso doente a que foi chamado a tratar o pai da medicina. Mas vejo hoje neste Evangelho um caso semelhante: é o de Cristo Senhor nosso chamado a tratar de um surdo-mudo. O pai da medicina e o maior médico. O pai da medicina foi Hipócrates; o maior médico foi Jesus, e mais que médico por ser a mesma vida como o disse. Mas Jesus nunca se deu por médico, e sim por mestre. Disse ser a vida; mas o médico não chega ser a vida; logo era mais que médico. Disse ser mestre; mas o mestre nem sempre é médico; logo era mais que mestre. Hipócrates era médico e mestre; Jesus era mestre e médico. Em Hipócrates vinha primeiro o que curava, depois o que ensinava. Em Jesus, primeiro vinha o que ensinava, depois o que curava. E foi para ensinar que curou; por isso era, primeiro, mestre. Para ser mestre foi médico, e para ensinar curou. E vendo como curou e que curou, aprendemos o que ensinou.

Tudo temos aqui neste Evangelho: primeiro, meteu os dedos nos ouvidos do surdo-mudo; segundo, tocou-lhe a língua; terceiro, levantou os olhos aos céus; quarto, deu um suspiro; e finalmente em quinto lugar disse: – abre-te; e tanto que o disse, abriram-se os ouvidos e soltou-se a língua. Aqui estão as cinco divisões do sermão .

Mas eu cuidara que Cristo havia de dizer: – solta-te, para a língua, já que disse: – abre-te, para os ouvidos. E ainda que nada falou à língua do surdo-mudo, peço que me fale à minha, para que eu vos fale a vós. E não só peço o **solta-te** para a língua, como o **abre-te** para os ouvidos vossos: o **solta-te**, para que vos fale eu; o **abre-te**, para que me ouçais vós.

II

Cristo Senhor, quando chamado a curar o surdo-mudo, diz o Texto, meteu-lhe nos ouvidos os dedos. Se os ouvidos estivessem tapados bem estava que os destapassem com os dedos; ainda aqui seria dedo, e não dedos, que com um só podia abrir os dois ouvidos. Mas Cristo usa dedos e mãos, não por destapar, mas, por abrir; mostra que com mãos é que se abrem ouvidos.

Vai o pregador pregando o seu sermão; todavia do auditório vão os ouvintes replicando com os defeitos do mesmo pregador. Se prega a caridade e a filantropia, porém não as pratica, todos os ouvidos serão surdos ao que prega. Há-de primeiro o pregador pregar com as mãos, que isto é abrir ouvidos. Primeiro há-de agir, há-de obrar, e isto só com as mãos se faz.

Isto mesmo ensinou Cristo Senhor nosso noutra parte⁴³. Vai o Senhor recomendando, e recomenda, aos que o seguiam, que fizessem brilhar suas luzes diante dos homens de tal maneira,

42* As abreviaturas são as usadas na Bíblia Sagrada do Ano Santo de 1950.

Os Grandes Homens da Ciência, de Grove Wilson, pág. 22

43 Mt 5, 16

que estes, vendo boas obras, glorifiquem o Pai do céu. Como é isto? Se a luz é que há de luzir, como se hão de ver obras? Assim é; porque o que há de luzir é a caridade, e esta tem o efeito nas mãos; a luz há que estar na mão como archote, e só esta luz de mão pode ser vista. O entendimento é luz, mas, luz do entendimento, luz da razão, luz interior; a fé é luz, porém luz da fé, luz do coração, luz que ilumina e sem provas dá certezas; mas se eu dizia que a luz da razão é luz interior; quão mais interior não o será a da fé? Estas luzes todas, porque interiores, ainda que brilham não podem ser vistas pelos homens, contudo as luzes da caridade sim podem. Todavia se a caridade é sinônimo de amor, eu cuidava ser luz interior também, por se radicar no coração. Aqui está o engano. A fé e o entendimento são luzes interiores, porque uma da razão e outra do coração; mas a caridade, ainda que também é luz do coração, é luz interior e exterior juntamente. A fé pode haver sem obras, ainda que morta, como refere Tiago; porém como na mesma morte há vida, essa fé parece viva. O mundo está cheio dela. Ferve a vida num corpo morto e o decompõe; pois as fés vigentes no mundo estão vivas desta vida. Digam-nos as guerras fratricidas, digam-nos os tristes, digam-nos os câmbios negros, digam-nos todas as violências dos que se dizem cristãos, que crêem como confessam, e foram batizados, ainda que em crianças, com o batismo de arrependimento de João. Se os quilates de tais fés se hão de avaliar por obras, que direi? A quem crê o bem e obra o mal, melhor até fora ter fé sem obras.

Ter fé é crer, mas, obedecer é caridade. Satanás, diz Tiago⁴⁴, crê que estremece; se pois tremendo, chega a fazer o que o torna demônio; que muito é que sejam demônios todos os que crêem mas não tremem? Mas basta-nos à nossa causa, que creia o diabo; porque se crendo o diabo o bem, obra o mal; que muito é que haja fés sem obras?

Contudo a caridade não pode haver sem obras, e é das maiores a virtude maior como diz Paulo⁴⁵. Sendo a caridade sinônimo de amor, como pode não agir quem ama? Quantas noites não passa insone a mãe, só porque não passa bem o filhinho seu? E se Cristo manda a cada um amar ao próximo como a si mesmo; que muito é que eu diga, com menor rigor de preceito, que cada um ame ao próximo como ama ao filho mais querido? E se de tal sorte ama um homem a seu próximo; pode passar de largo, ao vê-lo sofrer, como passou de largo o sacerdote e o levita da parábola do Bom Samaritano?⁴⁶ Digo que não, e tenho o abono do Evangelho no mesmo samaritano, que sofreu ao ver sofrer o homem que fora roubado e espancado por ladrões, e deixado à beira do caminho semimorto. E se Cristo faz parábola para explicar a Doutrina; como silenciou e não se referiu à fé do samaritano? Porque como eu dizia, a fé é luz interior e não visível; e como há-de brilhar luz para que se vejam obras, a luz que dá obras é só a caridade; esta é luz interior e exterior juntamente, e ainda que parte do coração, só nas mãos tem os efeitos. Caridade que não move as mãos não é caridade. Assim como sem azeite na lâmpada não pode haver luz, se no coração não houver caridade, não pode haver obras. E como quem fala pelas mãos fala mais que por palavras, neste passo, Cristo, para abrir ouvidos, usa mãos e não palavras.

III

A razão por que Moisés, depois de tantas fadigas, não pode entrar na Terra da Promissão, está em que feriu a pedra em vez de só falar-lhe, como mandara Deus⁴⁷. Se Moisés recebeu ordens de falar à pedra; como, pois, a feriu com sua vara, e não uma, senão duas vezes? É que tocar e ferir com vara, também é uma forma de falar; e como tinha Moisés de falar à pedra, cuidou que o havia de fazer com vara e não com palavras. Assim havia de ser, quando tivesse de tratar com aquelas gentes, piores que as mesmas pedras, as quais guiava no deserto, porém não quando falasse às verdadeiras pedras. Para falar a homens são necessárias mãos e varas, que é só com que se abrem ouvidos; mas para falar às pedras bastam palavras. E porque falou à pedra, ferindo-a com a vara, perdeu Moisés o fruto de todos os seus esforços, que era o entrar e possuir a Terra da Promessa. A violência que devia de usar só com os homens, usou-a para com a pedra, e por isso tirou-lhe Deus o entrar na Terra Prometida. E ferida que foi, deu a pedra, não água, senão águas, assim o diz o Texto. Ah! ouvidos duros! Ah! corações empedernidos mais que pedras! Há-de vos ferir a vara de Moisés! há-de vos tocar as mãos de Cristo Senhor nosso! E assim como a pedra deu águas, vós as dareis também, primeiro nas lágrimas de dor e de arrependimento, depois nas de consolação e

44 Tg 2, 19

45 I Cor 13, 13

46 Lc 10, 25 - 37

47 Num 20, 8 - 11

alegria, que são as que prometeu Jesus à samaritana⁴⁸; a ela disse o Mestre que sua Doutrina é Água, com propriedade de formar fonte em quem a toma! Esta Água ou Doutrina, a tomareis pelos ouvidos, se tocados forem pela mãos, que é só com as obras delas que se abrem ouvidos.

Vieira dizia, falando de S. Sebastião, que mais importava à cristandade o socorro das obras do santo, que a publicidade da fé do mesmo santo; havia ele de calar a fé para falarem as obras; suas mãos é que haviam de dizer o de que estava cheio seu coração⁴⁹. Acho semelhante a este caso, o citado por André Luiz, do orientador Gúbio que, encobrindo-se no que era, desceu à Cidade Estranha descrita em “Libertação” cap. IV⁵⁰. Encoberta a grandeza do espírito, na humildade do servidor, a única luz que levou acesa nas trevas dos dragões foi a das obras com que salvou primeiro a Saldanha, depois a Leôncio, e em seguida àquela malta toda de céberos, terminando pelo seu chefe Gregório, grande na inteligência e duro no coração. Todos eram surdos lá naquele inferno, tão surdos, quanto este surdo do Evangelho. Mas tanto que o mentor usou as mãos e não palavras, todos ficaram ouvindo, e por isso puderam ouvir o que daí em diante se falou.

Cristo, como refere Pedro⁵¹, após ter morrido, foi a pregar a espíritos em prisão, que assim estavam desde os dias de Noé, por não ouvirem o que pregara, então, este. Pois se não ouviram a Noé, posto que este acompanhasse o pregar doutrina com pregar tábuas na arca; como ouviram a Cristo? Se não bastaram o dilúvio e tantos milênios de prisão e sofrimento em mundos inferiores, a se converterem e se salvarem; como assim surdos e tão surdos poderiam ouvir a Cristo? É que Jesus Senhor nosso empregava primeiro as mãos e os dedos para abrir os ouvidos, e só depois, então, falava.

O quão poderosa, para abrir ouvidos, é a mão que faz obras boas e dá esmolas! Não só abre os ouvidos a homens, senão até a Deus; se Deus não ouve as preces, ou as indefere, por causa dos pecados de quem pede; se faz este esmolas e obras boas, Deus já o ouve, Deus já o atende, Deus já o ampara. Isto disse e pregou Daniel, o profeta, ao rei Nabucodonosor⁵²; a este disse que, como tinha ofendido a Deus, remisse os seus pecados com esmolas. Comentando este passo, diz Vieira, que entre todas as obras humanas a esmola é a que mais dispõe a misericórdia divina a remir pecados⁵³.

Tobias pai, antes de se partir deste mundo, e cuidando que era chegado já o tempo, manda vir Tobias, o moço, filho seu, e lhe dá as recomendações últimas⁵⁴. Eu cuidava que diria o que todos dizem ao morrer, mas, vejo com assombro que disse o que ninguém nem suspeita. E que disse o velho Tobias? Disse ao filho que desse esmolas. Se tiveres muito, dá muito: se tiveres pouco, procura dar boamente também esse pouco: porque assim entesouras uma grande recompensa para os dias de necessidade. Notável dizer! Tobias não disse, dá desse muito, senão, dá muito; e ao explicar como fazer com o pouco, em vez de dizer, dá desse pouco, disse dá esse pouco, com que entendo que era para o filho ficar sem nada, quando tivesse só o pouco para dar. Não é este o caso da viúva que dando o menos, deu mais que todos, por dar o que tirou da boca?⁵⁵. O mais não está no quanto deu, senão na recompensa a que fez jus. Assim recomendava ao moço o velho Tobias; se tens pouco, dá tudo, que isto é dar da boca, e quem dá da boca tem a recompensa máxima. Seja esta a lição de quem se desculpa de não fazer o bem por não poder.

Mas vejo que contra o velho Tobias, responde o dito popular, de que quem dá o que tem a pedir vem. Assim pode parecer, mas, o não é, e a prova disto a temos na vida do mesmo Tobias. Estava este sentado à mesa para comer o seu pão, quando lhe vieram dizer que estava um cadáver de homem descabeçado na praça. Tanto que ouviu isto, levantou-se, foi, e trouxe o defunto, e o guardou em sua casa, para dar-lhe sepultura à noite. Sentou-se outra vez para comer, lembrando-se de que aquele era o tempo do pão amargo, anunciado pelo profeta Amós; os vossos dias de festa, diz o profeta, converter-se-ão em lamentação e pranto⁵⁶. Os parentes de Tobias o repreendiam de dar sepulturas a mortos, porque por causa disto mesmo o rei o mandara uma vez matar; mas temendo mais a Deus, que pede a caridade, que ao rei, que o condenava por fazê-la, continuou Tobias a dar sepulturas a mortos, porque dinheiro já não tinha para dar esmolas. Há maior valor?

48 Jo 4, 14

49 Vieira, Sermões, VI, 352

50 Livro psicografado por Francisco Cândido Xavier

51 I Pe 3, 19 - 20

52 Dan 4, 24

53 Vieira, Sermões, VI, 366

54 Tob 4, 9 - 10 – Bíblia Sagrada do Ano Santo de 1950, Vol. IV, 213

55 Mc 12, 44

56 To 2, 6

Pois porque agiu assim, Deus lhe mandou para o fazer feliz, a ele e a sua casa, não menos que o Anjo Rafael, que para tantos feitos materializou-se, e só se desfez de homem, quando se declarou quem era⁵⁷.

Falando ao filho diz Tobias que a esmola livra de todo o pecado da morte, e não deixará cair a alma nas trevas⁵⁸. Se tanto pode a esmola contra pecados, andei bem quando dizia que as mãos, com fazer obras boas, não só abrem ouvidos aos homens, senão até a Deus. Assim o disse o Anjo a Cornélio, o centurião romano: – as tuas orações e as tuas esmolas estão na lembrança de Deus⁵⁹. Os ouvidos de Deus ouviram a prece do centurião, porque este os abriu com as mãos, fazendo esmolas. Se, pois, com as mãos se abrem ouvidos até a Deus; que muito é que os abra Cristo a um surdo-mudo? De si mesmo diz, Jó, nunca ter comido seu pão, sem o repartir com o mais pobre; diz, com vigor de expressão, ser os pés do manco, os olhos do cego, a esperança do aflito, o pai do órfão, o amparo da viúva, o vestido do nu, a saúde do enfermo, a defesa do perseguido e muito mais coisas que se lêem no livro dele, no capítulo 29 e 31. Mas se tudo foi Jó, e assim mesmo teve mão sobre ele o diabo, que Deus o permitiu, para o provar; que muito é que nos levem os demônios às trevas, nós que nada fazemos? Já bradava Jesus aos homens do seu tempo e dizia: – porque me chamais Senhor, Senhor, se não fazeis o que vos mando?⁶⁰. E para as virgens loucas, que não puderam entrar às bodas, diz: – em verdade vos digo que não vos conheço⁶¹. Há maior surdez, que a tornada em desconhecimento? Se dissesse: – não vos ouço, muito diria; todavia mais disse dizendo: – não vos conheço. De não ouvir chegou a esquecer, e o esquecimento profundo é desconhecimento. Tal pode chegar a surdez, não de menos, que do próprio Jesus. E de que veio tal surdez? Veio de as virgens loucas não terem nas mãos, como as prudentes, as lâmpadas e luzes das obras, que são só as que abrem ouvidos.

IV

Bem-aventurado aquele que cuida de atender e remediar o pobre, diz Davi⁶² porque terá este para o guardar e defender, o mesmo Deus. Mas de que vem tanto cuidado de Deus, em atender e remediar ao que atende e remedeia o pobre? Vem de que o homem que dá esmolas se faz semelhante a Deus; e como é lei que os semelhantes se atraiam e se compensem, o homem que atende e remedeia ao pobre, é atendido e remediado por Deus. A consequência é clara e de fé, porém a premissa não está provada ainda, e o faço agora.

Jacó, depois da visão que teve da escada, fez o voto de ter a Deus por Deus se este lhe desse o de que comer, e o de que se vestir. Mas Jacó não era crente fervoroso do Senhor? Do Senhor, sim era; do Todo Poderoso, sim era; todavia de Deus não. E porque? Porque, como notou Vieira⁶³, a etimologia deste nome, Deus, deriva do verbo dar; por isso para ser Deus tem de dar, e se não der, pode ser tudo, porém não será Deus. Esta foi a razão por que Jacó disse que seu Senhor seria seu Deus se desse a ele pão e roupa. Chama-se Deus porque dá, e todos os que dão são semelhantes a Deus. O nome deriva do ofício, e Deus, como o homem, é o que faz; é Criador porque cria; é Todo Poderoso porque pode muito; é Altíssimo porque é altíssimo; é Deus porque dá. Aqui está a razão por que até os homens podem ser deuses⁶⁴. Deuses por semelhança a Deus no dar, e não por igualdade; deuses por identificação, qual a que Cristo Senhor sentiu quando disse: – eu e meu Pai somos um⁶⁵.

Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito⁶⁶, disse Jesus. Mas em que reside esta perfeição? Noutro passo o temos. Vai o moço rico saber do Senhor que lhe é necessário a salvar-se. O Mestre diz-lhe que, para salvar-se, bastava cumprir a Lei; contudo para ser perfeito, era-lhe necessário vender tudo o que possuísse, a fim de dar aos pobres em esmolas⁶⁷. É assim que para ser perfeito como Deus que dá, há-de-se ter mãos, como Deus, só para fazer obras boas. Cristo, Senhor nosso, porque é perfeito como o Pai, só teve mãos para dar, e sendo o mais pobre dos

57 To 12, 21

58 To 4, 11

59 At 10, 4

60 Lc 6, 46

61 Mt 25, 12

62 Sl 40 Bíblia do Ano Santo de 1950

63 Vieira, Sermões, IV, 271

64 Jo 10, 34 e Sl 81, 6

65 Jo 10, 30

66 Mt 5, 48

67 Mat 19, 21

homens foi o que mais deu. O que mais dá não é o mais rico, senão o mais pobre, desde que tenha ficado pobre de dar. Se o rico desse tudo ficaria perfeito com ficar pobre; a prova de que é perfeito é o ter ficado pobre de dar. E se fica pobre de dar tudo o que tem, fica perfeito como o são Deus e Jesus. De maneira que há duas pobreza; uma pobreza rica e outra pobreza pobre. A pobreza rica é a do que, de dar tudo o que tem, ficou pobre, e mesmo pobre, pode ainda continuar dando, como deu Jesus, quando já não tinha onde reclinar a cabeça⁶⁸. A pobreza pobre é a do que quer ficar rico (como quase todos), e para isto não dá nada a ninguém, e antes toma o que pode aos outros, com que se enriquece. A pobreza rica é a do rico que se faz pobre por amor da perfeição, e a outra, é a do que quer ficar rico por desprezá-la. Esta última pobreza é a do que será verdadeiramente pobre ainda mesmo quando for senhor do mundo inteiro.

V

Está satisfeita esta primeira parte do sermão, e passemos à segunda.

Cuidava eu que, para o mudo falar, não era preciso mais que curar a surdez, porque os mudos são sempre surdos. Vieira a isto diz que, porque até os penhascos respondem, a natureza fez os mudos também surdos, porque se ouvissem, e não pudessem responder, rebentar-se-iam de dor⁶⁹. Não penso assim e acho, a exceção de Zacarias⁷⁰, que o surdo é juntamente mudo, por não ter noção do som; pois, se não ouve, como há-de saber se tem voz ou não? Logo, para curar a mudez, bastava curar a surdez. Em parte é isto, porque Cristo no quinto lugar do seu processo de curar disse: – abre-te, para os ouvidos; ora, se estava curando os ouvidos e juntamente a língua; como disse: – abre-te, para os ouvidos, havia de dizer: – solta-te, para a língua. Contudo com dizer: – abre-te, para os ouvidos soltou-se também a língua; prova é isto, que para curar a mudez bastava curar os ouvidos ao surdo-mudo.

Então porque tocou à língua? Tocou-a para corrigi-la; e a corrigenda da língua, também com as mãos se faz. Cristo não diz que é o que sai da boca, que contamina o homem?⁷¹. Que coisa pode sair da boca, sem a ação da língua? Pois se não se move a língua, nada sai da boca.

Vieira, fazendo um paralelo, diz que se deitarmos metal fundido pelos ouvidos de duas fôrmas, ainda que os ouvidos ou orifícios de ambas sejam iguais, as fôrmas iguais no exterior, e o metal, o mesmo para ambas, de uma pode sair um santo e da outra um demônio. Isto é porque interiormente as fôrmas são diferentes. Assim é o homem, diz; se é bom tudo o que lhe entra pelos ouvidos vai ter ao coração e é bem; o mau, igualmente, tudo o que ouve se transforma em mal no coração. Aquele surdo-mudo fizera noutras existências (se é que não foi naquela mesma) mau uso da língua e dos ouvidos; dos ouvidos, ouvindo o que não deveria; e da língua, falando e ferindo com ela ao próximo. E como fala a boca do que está cheio o coração⁷²; vede quanta maldade havia no do mudo, para que lhe fosse emudecida a língua! E como a maldade daquele coração havia de ficar sepultada para sempre, então, tocou Cristo à língua do mudo, para só orientá-la a falar o bem. Se Tiago⁷³ diz que a língua é leme, é bem que tenha mão nela Cristo.

VI

Atrás eu dizia que para curar a mudez bastava a cura dos ouvidos; a razão dei-a com dizer que todo o mudo é juntamente surdo. Então quem abre ouvidos, solta língua; diga-se: abre-te, para os ouvidos e soltar-se-á a língua, como aconteceu a este mudo do Evangelho. A boca fala do que está cheio o coração; porém o coração se enche pelos ouvidos e pelos olhos. Corrijam-se, pois, os ouvidos e os olhos, e estará corrigida a língua; por isso quem, por fazer obras boas, abre ouvidos, solta línguas que glorificam ao Pai que está nos céus; basta que sejam as obras boas, vistas ou referidas, para que se abram ouvidos, e se soltem línguas. Quando João enviou aqueles seus discípulos a saber de Cristo se era ele o Messias, o Senhor nada disse, mas, fez muitas curas, para que as vissem os enviados. – Ide, agora, e dizei a João, disse Jesus, o que vistes e o que ouvistes⁷⁴. O que viram e o que ouviram havia de lhes soltar as línguas com que falariam a João, e todos

68 Lc 9, 58

69 Clássicos Jackson, XIV, Cartas, Prefácio.

70 Lc 1, 20

71 Mt 15, 11

72 Mt 12, 34

73 Tg 3, 4 - 5

74 Lc 7, 22

juntos deram glória a Deus, porque Jesus era o Messias.

O que entra pelos ouvidos vai ter ao coração e o enche; daí, depois, sai o que há-de falar a língua. Todavia o coração só recebe ou solta aquilo para o que está em ressonância; o mau íntimo jamais guardará a lição da caridade, assim como o bom íntimo jamais agasalhará o ódio e a violência. Assim o ouvir e o falar estão subordinados ao sentir. Quando Moisés e Josué desciam do monte Sinai⁷⁵, ouviram o barulho do povo que, lá embaixo, adorava o bezerro de ouro; o ruído, a Josué, pareceu-lhe de quem combate; a Moisés, de quem canta. Ora, a distância é muita do cantar ao combater; contudo cada um ouviu de acordo com suas ressonâncias íntimas, e por aqui se vê que as de Moisés, porque era o mais manso dos homens⁷⁶, eram cânticos e hosanas, no passo que, as de Josué, porque era guerreiro temerário, eram hinos bélicos. Esta é só a razão por que Josué ouvia som de guerra e rumor de quem combate, naquilo que Moisés cuidava ser canto pacífico.

De acordo, pois, com o sentir, será o ver e o ouvir. Do ver temos no Evangelho uma prova, e foi quando, em reclamando os trabalhadores das primeiras horas o terem recebido salário igual ao das últimas, disse-lhes o Senhor: – Acaso porque teu olho é ruim, minhas obras são más?⁷⁷. Logo podem minhas obras serem más, não porque o sejam, de fato, mas, porque são ruins os olhos que as observam? Sim. E do mesmo modo que os olhos, são os ouvidos. Donde vêm os mal-entendidos? raramente vêm dos *mal-ouvidos*, mas, dos *mal-sentidos*. Ninguém é capaz de referir o bem por bem, se é mau; pois se não refere o bem visto, do que tem absoluta certeza; como há de referir o só ouvido, que bem pode vir já deformado? Tem o pregador de abrir ouvidos com as mãos, para que suas obras boas sejam bem visto, que o que pregar, por muito bem que seja, só será bem ouvido. Os olhos são a chave dos ouvidos, e os ouvidos, a cadeia da língua; pregue primeiro para os olhos quem quiser ter acesso aos ouvidos, e por aqui se hão de soltar as línguas, para a glorificação de Deus.

Cristo para abrir os ouvidos ao surdo-mudo usou as mãos; porque usou as mãos abriu os ouvidos; e porque abriu os ouvidos soltou a língua, e tanto que para soltá-la não disse *solta-te*, para ela, senão, *abre-te*, para os ouvidos. Ao falar às vistas, com as mãos, tendo o surdo-mudo por paciente, no ponto que abriu os ouvidos a este, abriu-os também a todos os que assistiam de vista, e que por isto ficaram preparados para ouvir o Evangelho. Logo, se não abriu só a dois ouvidos, mas, a muitos, também não só soltou uma língua, senão muitas, que todas haviam de glorificar a Deus, pelas boas obras vistas. Vede quanto podem as mãos? Se abrir dois ouvidos é abrir muitos; quantos ouvidos abre, quem abre muitos? Se solta muitas línguas, quem solta uma; quantas línguas solta, quem solta muitas? Não são as mãos, que fazem obras boas, quase onipotentes? Assim é. Esta quase onipotência é conferida pelo Onipotente, àquele que se tornou uma vontade-força, posta ao serviço do bem.

O trabalho de Jesus foi o de dar língua e voz a um mudo. Todavia não foi este o seu trabalho maior, posto que grande; aqui teve de falar um homem que não falava; pior é o fazer falar o bem quem só fala o mal. Quando um homem faz mau uso da língua, Deus o faz mudo, como a dizer, para dar sentido oposto ao movimento da língua; o mesmo que se faz a uma roda cujo movimento se quer inverter, há-de se fazer com o que faz mau uso da língua. Primeiro se o faz mudo, isto é, faz parar o movimento da língua; depois fá-la mover-se em sentido oposto. Por isso, como Cristo fez mover a língua a um mudo, digo que este não foi o trabalho maior, posto que grande. Trabalho maior e mais dificultoso, que lhe não quero chamar impossível, é fazer uma roda em movimento inverter o sentido deste sem a parar. Pôde Cristo Senhor nosso demover a Nicodemus no que era? tanto que não pôde que lhe disse ser necessário reencarnar-se, que só em nova vida corpórea poderia ser outro⁷⁸. A nova infância de Nicodemus, com o indispensável esquecimento do passado, seria o parar da roda; com o seu crescer, dar-se-ia sentido contrário ao movimento. E como para iniciar o movimento a uma roda se usa a mão, porque o arranque sempre pede mais força, que quando em movimento, Cristo, com tocar à língua ao mudo, inicia e dá sentido novo e certo ao movimento.

VII

75 Ex 32, 17 - 18

76 Nm 12, 3

77 Mt 20, 15

78 Jo 3, 7 - 8

Parece não caber à mão o dar movimento à língua; obra seria esta dos ouvidos, porque como já disse, o mudo é mudo, por ser surdo; logo, cure-se os ouvidos e estará curada a língua. Assim é; mas Cristo Senhor quis dar força à sua lição, usando esta redundância: não mandou o Senhor que luzisse a luz para que os homens, em vendo as boas obras, glorificassem a Deus? Se pelas boas obras vistas vem a glorificação de Deus, claro está que as mãos, com fazer obras boas, soltam línguas que glorificam. O Senhor, pois, tocou à língua, para mostrar que é com mãos, e com obras boas, que se soltam línguas.

Quando descia Jesus montado no jumento, como Rei, todos os que o acompanhavam, não só lhe punham no caminho capas e ramos, como o honravam com lhe cantar hosanas⁷⁹. Instado pelos fariseus para que fizesse o povo calar-se, disse não ser isto possível, e dá o porque; porque, disse o Senhor, se se calarem os homens clamarão as pedras. Aqui reparo muito, não ter preferido aos dos homens, os clamores das pedras; pois não são os clamores das pedras os que mais vibram na história? De pedra não são feitos todos os clamores, que hão-de atravessar os séculos? Vede aquela esfinge do Egito, e aquelas pirâmides? que são elas, senão, clamores de um povo tão grande na sabedoria e no poder, que até hoje não foi superado? E porque os grandes brados e clamores se eternizam na pedra, Cristo ameaça aos que lhe pedem para fazer calar o povo, dizendo-lhes, que se se calasse, clamariam as pedras. Cristo contudo preferiu aos clamores das pedras, os dos homens, porque mais difícil é fazer cantar glória homens, que pedras. Ora, fazer o mais difícil é mais honroso; para fazer clamar uma pedra basta o cinzel e o maço, com que se lhe entalham letras e palavras, ou dela se fazerem estátuas e monumentos; e tanto estátuas e monumentos, quanto letras e palavras, clamam e falam, cada um na sua linguagem. Para fazer falar a pedra são necessárias mãos, que se apliquem ao maço e mais ao cinzel; para fazer aos homens glorificar a Deus, também são necessárias mãos que se apliquem em fazer boas obras. Mas a pedra fica para a glória de quem a trabalhou, e as boas obras levam-nas os que as recebem. Esculpir e entalhar a pedra, é fazer para mim; dar esmolas e fazer obras boas é fazer para os outros, porque para serem verdadeiramente obras boas, não hei-de esperar recompensa. Entre o fazer para os outros e o fazer para mim, vence o fazer para mim; daí o eu dizer que fazer clamar a pedra é mais fácil do que fazer clamar os homens. E Cristo faz o que é mais difícil por ser mais glorioso. Clamem, pois, os homens, o que é mais, e só clamem as pedras, o que é menos, se aqueles se calarem.

VIII

A outra coisa que fez Cristo, foi o levantar os olhos aos céus. Como vinha em Cristo, primeiro o ensinar, com que era mestre, depois o curar, com que era médico; que, pois, ensinou com levantar os olhos aos céus para curar? Se ensinou que os ouvidos se abrem com mãos, e as línguas também se soltam com mãos; os ouvidos para que ouçam e as línguas para que falem; que é isto de levantar os olhos aos céus? Eu é que replico perguntando: se Jesus Cristo Senhor nosso, sendo quem era, para abrir ouvidos e soltar línguas fita os céus; donde vem tanta ousadia de quem faz estas coisas fitando a terra?

As boas obras abrem ouvidos e soltam línguas, porém, só têm efeito completo, se quem as pratica olha os céus. Quem olha os céus mostra que tem esperança e tem fé. Quem nada espera e nada crê não olha os céus, senão, a terra. Pode um homem que não crê, e nem espera, praticar obras boas, e estas também abrem ouvidos e soltam línguas; porém como nada dá, o tal homem, aos ouvidos que abriu, as línguas só podem referir e elogiá-lo, como obrador do bem. Contudo Jesus disse que as boas obras hão-de ser luz, para que a vejam os homens e glorifiquem ao Pai que está nos céus; ora, como o que faz boas obras, não crê, nem espera, é certo que não estará olhando os céus, onde está aquele a quem se deve glorificar. Sendo assim, que há-de falar aos ouvidos que abriu? Abrir ouvidos e não falar a eles, é como preparar a terra e não plantar. Contudo sem falar, neste passo, falou, Jesus, porque, olhando os céus, mostrou de onde há-de vir o que deve entrar pelos ouvidos, então abertos, e encher o coração. Os ouvidos estão abertos, mas, por eles não há-de entrar, e encher o coração, o que se diz cá embaixo na terra, senão, o que se diz lá em cima nos céus; e Jesus sendo quem era olhou o céu, para mostrar donde vem o que se deve ouvir.

79 Lc 19, 38 - 40

As obras boas praticadas por um incrêdo servem a ele, porque se cada um colhe o que semeia, o que semeia o bem colhe o bem. Absurdo seria que o fazedor do bem, porque não crê, fosse lançado às trevas e aos infernos, que são os mundos inferiores, ou as partes inferiores deste nosso mundo. Mas também nego, que o incrêdulo e obrador do bem seja mais merecedor que os crentes e operantes no mesmo bem. Estes últimos têm mais merecimentos, porque, como Jesus, fazendo o bem, não só abrem ouvidos e soltam línguas, como também olham e vêem os céus, falando aos ouvidos que abriram, do que vêem.

Que um homem que se diz ateu, faça o bem, eu não duvido nada; mas duvido muito que um homem que faz o bem, seja ateu. O homem pode ser ateu no conceito de todos, e no seu próprio; porém no meu é um crente, cuja crença difere das vigentes; tem ele seu sistema a que segue a seu modo. E isto está certo porque, como pode um homem fazer o bem por instinto, se não crê? O instinto é filho da repetição⁸⁰; e quem repetiu ações boas tanto e tanto, que o bem se fez instinto; como pode não crer no mesmo bem que faz? Deus não é o Bem? e como crer no bem e não no Bem? no bem e não em Deus? Lá no Evangelho⁸¹ já deixou Cristo a parábola destes, e é a do filho que prometeu ir à vinha e não foi; o outro filho, mandado à vinha, disse não ir, mas, tocado depois, no coração, de arrependimento, foi. E quem fez a vontade do Pai, foi o que foi, ainda que se recusou a ir, e não o que prometeu ir, e não foi. Assim é o que se diz ateu e faz o bem. Dizer-se ateu é como dizer: – não vou à vinha; mas porque é bom por instinto, arrependido, vai. Os religiosos que enchem o mundo vivem a dizer: – eu irei à vinha, isto é, eu cumprirei o que Jesus me manda no Evangelho. Todavia não vão à vinha, isto é, não cumprem o que prometem pela fé. O Evangelho é todo obras, e eles as não fazem nenhuma; vivem eles olhando os céus, como fez Jesus, porém não estendem as mãos às obras; e como são só as mãos e as obras delas que abrem ouvidos e soltam línguas, estes tais pregam a surdos-mudos como este surdo-mudo do Evangelho.

Este surdo é juntamente mudo porque se falasse, talvez dissesse com Jesus a todos os religiosos da terra: – Se a vossa medida não superar à dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos Céus. Ora, o surdo às coisas do céu ou à fé, vê que a medida dos fariseus modernos não ultrapassa à dos antigos, e sobre ser surdo, fica ainda mudo. Supere-se a medida dos fariseus e o surdo ouvirá e o mudo falará. Este superar de medida é fazer como Jesus que tinha as mãos no doente, e os olhos nos céus, o que vem a ser, obras e fé.

E reparo muito que primeiro pôs as mãos no surdo, metendo-lhe nos ouvidos os dedos, para depois olhar os céus. Primeiro o obrar das mãos, depois o da vista; primeiro as obras, depois a declaração da fé. Das três virtudes maiores, maior é a caridade, como disse Paulo, e Jesus o confirma aqui, agindo primeiro com as mãos, fazendo, e depois com a fé, olhando os céus.

Quando, no deserto, o povo hebreu se viu acometido das serpentes, Moisés fez levantar numa haste uma víbora de bronze, e no ponto que os mordidos olhavam para ela ficavam curados⁸². Notável modo de curar para aqueles tempos, porque hoje também se cura a mordedura da cobra com a cobra; é a lei dos semelhantes a dar efeitos contrários. Notai agora este paralelo que faço: Não foi por ordem do céu que o surdo-mudo ficou tal? Sim. Pois se foi o céu que deu a surdo-mudez, seja agora remédio, o mesmo céu, e para tanto baste olhá-lo, o que cura e o que quer curar-se. Ora, a serpente foi sempre o símbolo do mal; na alegoria bíblica⁸³. Satanás tomou forma de serpente para tentar e enganar a Eva no jardim. Mas que é isto? sendo a serpente o símbolo do mal, há-de se curar o mal com o mal? Sim, que Deus nos leva aos seus fins pelos nossos caminhos; Jesus foi com os dois Apóstolos para Emaús, para os trazer a Jerusalém⁸⁴. Eu quero me afastar de Deus, indo-me pelos caminhos do mal? pois nestes caminhos está a dor que, sendo mal, é relativa; é mal como consequência do erro; é bem como meio de corrigenda, e como caminho de ascensão. “O conceito de dor-dano e dor-mal, evolve assim, gradualmente, para o de dor-redenção, dor-trabalho, dor-utilidade, dor-alegria, dor-bem, dor-paixão, dor-amor”⁸⁵, é remédio do mal. Neste sentido toda a doença da carne é remédio com que Deus cura as doenças da alma.

O único meio de vencer o inimigo é olhá-lo, estudá-lo e conhecê-lo bem nos pontos vulneráveis. Davi para prostrar o gigante atacou-o na testa com a pedrada da sua funda⁸⁶, e isto não por outra razão, senão porque esse era o único ponto descoberto e vulnerável. Olhe, pois, cada

80 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 205

81 Mt 21, 28 - 31

82 Num 21, 6 - 9

83 Gên 3, 1

84 Lc 24, 33

85 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 270

86 I Sam 17, 49

um a serpente e a conheça bem, que este é o primeiro passo na luta por vencê-la. E assim como a serpente de bronze de Moisés era o remédio dos mordidos, igualmente o olhar o céu, que isto é ter fé e esperança, é o remédio dos pecadores todos que no mundo se debatem. Já que o céu é o que fere para corrigir, corrigido que é, venha do céu a cura. Por isso do modo como olhava o povo a serpente no deserto, olhe cada um o céu, que só ele é o que dá e o que tira, tanto de bem como de mal. Tinha, pois, razão Jesus de olhar o céu, ao curar o surdo-mudo, porque do processo feito lá em cima é que veio como pena o ficar surdo-mudo, o homem que tinha diante de si.

IX

A justiça pintam-na de olhos vendados, e com uma espada e uma balança; com a espada separa ao meio e com a balança pesa as partes separadas; mas porque de olhos vendados? Para não inclinar a nenhuma parcialidade; logo o coração e o sentimento, que pode inclinar o fiel da balança, está nos olhos? Sim. Logo os olhos são os instrumentos da misericórdia? Sim. Porque também não se tapam à justiça os ouvidos com que a façam surda a todos os clamores? Porque se a fizessem surda, fariam-na também muda, que todos os surdos, se o são de nascimento, são juntamente mudos. E como a justiça tem de ouvir acusações, defesas, réplicas e tréplicas, para depois julgar; pode ser cega, mas não pode ser surda; e como tem de sentenciar condenando ou absolvendo, também não pode ser muda.

Os ouvidos são instrumentos da justiça, os olhos, da misericórdia. A justiça não ama e nem perdoa, mas corta reto. A misericórdia ama e perdoa, e por isso não corta reto. Faça-se pois cega a justiça, e surda e muda a misericórdia. E Cristo que veio a este mundo para só ser misericórdia e não justiça, ficou surdo para não ouvir os clamores dos pecados do surdo-mudo, e mudo para não o acusar; e assim surdo e mudo, Cristo só teve olhos de misericórdia, que primeiro fitaram o desgraçado, para depois fitarem a fonte de toda a graça que é o céu.

E se Cristo, Senhor nosso, sendo quem era não julgava e menos ainda condenava; como se não bastasse isto, sentenciou: – não julgueis⁸⁷; quem somos nós para andarmos julgando e condenando aos nossos próximos, que com todas as fraquezas e misérias são muitas vezes melhores que nós? – Atire pois a pedra, disse Cristo⁸⁸, o que se julgar sem culpa! mas que disse? o que se julgar sem culpa? logo deve haver um julgamento, que é o no qual o homem se julga a si mesmo? Sim, que assim nos manda o Senhor; mas, valha-me Deus! os homens só têm olhos de misericórdia, de tolerância e de perdão, para com os erros próprios, e nenhum há que não se sinta cheio de razões para ser o que é. Para os outros, contudo, são só justiça com que julgam e condenam, e às mais das vezes injustamente.

Olhe pois cada um o céu, para que o céu se reflita nesse olhar, com toda a sua placidez, com toda a sua imensidade, com toda a sua mansidão, e com toda a sua caridade; depois com esse olhar de céu, plácido, imenso, manso e caridoso olhe seus irmãos, e até mesmo os piores inimigos. Não julgue nem condene, porque Jesus não julgou nem condenou; ame e perdoe, porque Jesus perdoou e amou; esta é em suma a lição de Cristo em levantar os olhos ao céu.

X

Até aqui temos Cristo obrando com as mãos, e fitando os céus com os olhos. Agora teremos Cristo suspirando.

Ó quanto é necessário a curar um surdo-mudo! Tocar e abrir ouvidos com mãos e obras, olhar o céu com fé e esperança, tudo se faz, posto que com dificuldade; mas o ponto mais difícil é o suspirar. Suspirou Cristo aqui porque sentiu a imensa dor do infeliz. Pouco há disse eu serem instrumentos da misericórdia os olhos; e como o tocar nos ouvidos e na língua, como que forma uma parte do sermão, o olhar o céu e o suspirar forma outra. Pois se nos olhos está a misericórdia; que estará no suspirar? Pois se os olhos, porque vêem, sofrem; que será do coração que sentindo suspira? Se suspirar o coração pelas dores próprias é já sofrer; que será o suspirar pelas alheias? Este é o mais fino de toda a lição que nos legou Cristo, Senhor nosso, porque o curar, muitos curam, que para isto basta ter mediunidade própria e o desejo do bem; olhar o céu quase todos olham, que para isto basta a fé; mas o suspirar, este é o mais fino da caridade, que só quem ama suspira.

87 Mt 7, 1 - 2

88 Jo 8, 7

Sendo a caridade o atributo das almas grandes, fica-lhe por sua conta o suspirar, que o obrar das mãos corre por conta da filantropia. Para fazer o bem basta ser filantropo, mas sofrer com o que sofre, só o fará o que for caridoso.

Descia de Jerusalém a Jericó, primeiro um levita, depois um sacerdote; e posto que eram escolhidos para o serviço de Deus, um e outro passou de largo ao ver o que fora roubado e espancado por ladrões. Que vos parece? Se a fé só é capaz de obras, como as não produziu a que animava ao sacerdote e ao levita? Mas, caso estranho! pela mesma estrada vinha um samaritano, montado em seu jumento, por fazer uma viagem; e no ponto que viu o pobre homem semimorto à margem do caminho, outro ânimo não teve, senão o de o socorrer; diz expressamente o Texto que ficou movido à compaixão. E que é compaixão? Diga-o a mesma palavra com suas partes, que uma é *paixão*, e a outra, *com*. *Paixão* é sofrimento, e *com* é designativo de companhia, e mostra o de que estava acompanhado ou possuído o samaritano. Porque o samaritano teve por próprias as dores alheias, então diz o Texto que isto é estar movido à compaixão. Há maior fineza? Não diz o Texto que suspirasse o samaritano, mas porque se doeu tanto da dor não sua, era bem que até gemesse e chorasse, como gemeu e chorou Jesus, ao lhe tocarem o coração augusto, os lamentos de Marta, irmã de Lázaro⁸⁹.

Só neste suspirar está a salvação do mundo, porque se fora da caridade (que quer dizer amor) não há salvação⁹⁰, ninguém há que não suspire e se salve. Há no mundo Cursos de Aprendizado do Evangelho, mas só de Evangelho Aprendido; Cursos de Evangelho Sentido, os não há no mundo. Ensina-se nas escolas de arte, a arte de sentir a música com os ouvidos e mais com o coração; ensina-se a sentir as belezas da paisagem com os olhos e mais com a alma; ensina-se, na escultura, a arte tridimensória, em que a pintura toma relevo e vive numa atitude de amor, de heroísmo ou de martírio. Agora pergunto: – que são da natureza o mais sublime? os sons, na música? as cores, na paisagem? o relevo e a força, na escultura? Digo que não com os artistas, que estas todas são belezas secundárias.

À estátua falta-lhe vida e movimento, com que relevo e força só ficam sendo aproximações da natureza; mas o Homem é estátua viva e móvel, de relevo, de força, de alma, que Deus tomou por sua conta fazer. Esta é a Arte Suprema, do Artista máximo, à qual se deve supremo amor. As outras belezas são secundárias, mas esta é não só primária como obra prima, onde se condensaram os labores maiores da evolução. Pois como não há Cursos de Arte Divina, em que se ensine a sentir com todo coração, com toda a alma e com todo o entendimento, o Homem e as belezas dele? É bem que se ame a toda a criação, e não ao rei dela, que é o Homem? É bem que se tenha amor, e muito amor, à natureza, e à síntese dela, o Homem, não se o ame?

Fuzilem os raios, uivem os ventos, trema-se a terra toda, que tudo nela está errado com desprezar o homem a seu próximo! E se por isto é bem que fuzilem raios, bramam ventos e se trema a terra; que diria um titã, em linguagem de titãs, contra o homem, que ainda agora, é lobo do homem? Ó dor! ó angústia! ó desolação! Pois crepitem-se então, horrenda e soturnamente, as labaredas dos infernos profundos, e ferva, e cresça, e suba das entranhas da terra a lava ardente do demônio, que sem a dor não pode o homem deixar de ser a besta fera que é! Ó inferno terrestre! ó demônios humanos, ou homens demoníacos! Deus há-de vos mudar em anjos de luz, com a luz do Evangelho, ou com o fogo da dor! À-toa não foi que Cristo, Senhor nosso, disse que Deus não cessa de agir até agora⁹¹; o Homem com ser obra-prima da criação, é o que mais precisa de retoques e de múltiplos acabamentos.

A Escola onde se ensinasse a sentir amor e respeito pelo Homem, seria a do Evangelho Sentido, que sendo o Evangelho lei social, e só lei social, só do Homem cura, só nele começa e só nele acaba. Esta Escola e estes Cursos não se formaram na terra ainda, e só os há do Evangelho Aprendido, do Evangelho Decorado, do Evangelho Recitado. A arte de desenvolver o sentimento de piedade e compaixão pelo homem sofredor, esta é a que ensina a Escola do Evangelho Vivido, a do Evangelho Sentido, a do Evangelho Suspirado. Fineza é sentir o gozo de fazer o bem; porém maior ainda é o sofrer e suspirar com a dor de quem se socorre. Faço o bem porque mo manda a Doutrina; isto é filantropia. Faço o bem porque sofro com o sofredor; porque a dor sua é a minha dor; porque ele e eu somos um no sofrer; isto é caridade.

O *ama ao próximo como a ti mesmo*⁹², não só é máxima regra moral, senão também máxima regra estética a ser alcançada pela arte. Nenhuma beleza supera à da caridade e à das

89 Jo 11, 33 - 35

90 Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XV

91 Jo 5, 17

92 Mt 22, 39

obras. Aqui está no que resume a “muito mais alta estética moral-cristã de obras”, de que fala “A Grande Síntese”⁹³. É belo o quadro de u’a mãe extremosa amamentando o filhinho seu? pois mais belo é ainda o de u’a mão caridosa abençoando e amparando o pobre. Mais sublime, mais belo e mais heróico é Jó e Tobias dando do pão de suas bocas ao pobres⁹⁴, que Resfa defendendo os corpos de seus filhos, crucificados, dos abutres e dos chacais⁹⁵; aqueles davam o seu, e esta o guardava. E ainda que era caridade grande guardar os corpos dos filhos e dar o pão; entre o dar e o guardar, mais sublime, mais heróico, mais divino é o dar, e por isso mais belo. Vulgaríssimo e humano é o guardar; porém o dar, por ser divino, é caridade rara.

XI

Mas como se há-de lançar as bases desta Escola de Arte do Evangelho Sentido? No mesmo texto as temos. Reparava eu muito que Cristo Senhor, primeiro agisse para depois suspirar. Certa vez trouxeram-lhe um endemoninhado, cujo demônio resistia à força de todos os Discípulos reunidos. Notai bem, que o demônio não venceu pela resistência um por um, senão a todos como se foram um, o que é mais. Nem Golias se atreveu a tanto, porque em seus desafios sucessivos aos de Israel, por quarenta dias, ainda que era gigante e forte e experimentado na arte da guerra, sempre se propunha a lutar homem por homem. O Horácio que matou os três Curiácios, não o fez os três juntos, senão um por um. Mas que um demônio se atrevesse a vencer resistindo a nove Apóstolos, e não um por um, senão a todos em um só tempo, brava força! E que se seguiu daqui? Seguiu-se que sendo trazido o possesso, e vendo Cristo a derrota dos seus Discípulos, não só suspirou, senão até bradou de dor; seu brado contém uma declaração e uma pergunta. Declara que aqueles todos eram uma geração incrédula e perversa, e pergunta, até quanto tempo estaria junto dela e a sofreria: – até quando vos sofrerei⁹⁶? Sofreu, e por isso bradou, que é isto mais que suspirar. Depois que suspirou em seu coração e bradou com vozes, foi que estendeu a mão, e venceu o demônio, e curou o menino enfermo.

Mas que Jesus no passo deste Evangelho de hoje, primeiro agisse com as mãos, ao curar ao surdo-mudo, para depois suspirar, grande reparo. Mas é como já disse que Jesus aqui estava curando para ensinar; e ensinando lançou as bases da Escola do Evangelho Sentido. Ele antecipou as mãos ao suspirar, para mostrar que a caridade é filha da filantropia. Primeiro há que agir o homem, mesmo sem sentir nem suspirar; e isto é a filantropia; depois o coração se vai movendo ao mover das mãos, e isto é a caridade. Plante-se em filantropia e colher-se-á em caridade; faça-se o bem, porque o manda a Doutrina, que se o fará depois ainda que esta o não mande. Faça-se o bem por princípio, por razão, até que se chegue a o fazer por instinto; repita-se e fixe-se em automatismo, em natureza, o que a princípio só com esforço se faz.

Esta gradação que vai do esforço à filantropia, e desta à caridade, a temos no caso de Alfredo no livro “Mensageiros” de André Luiz. Paulo foi o falso amigo que, caluniando Ismália, arruinou-a, e a Alfredo, destruindo o lar de ambos; contudo, querendo eles disciplinarem os próprios corações trouxeram a Paulo para junto de si. Primeiro, agiram por necessidade de reconciliação; depois, por espírito de filantropia; logo mais, por compaixão da qual nasceu a simpatia e desta o amor fraterno⁹⁷. Esta mesma lição ensinou Cristo, Senhor nosso; estende a mão com a filantropia, para depois olhar os céus com a fé, e finalmente, então, é que suspira com a caridade com que sentiu, como sua, a dor do enfermo. E não ficou só nisto, que vem agora a última parte do sermão, que é Cristo bradando aos ouvidos e à língua do surdo-mudo.

De modo que Cristo ao curar o epilético endemoninhado, porque vinha primeiro o curar para depois vir o ensinar, sentiu e bradou para depois, agir; primeiro veio a caridade do médico, com que bradou, para depois vir a lição de filantropia do mestre, com estender as mãos às obras. Agora neste passo, primeiro vieram as mãos, para mostrar as obras de esforço filantrópico; depois o olhar os céus, que são fé e esperança; em terceiro lugar veio o suspirar, que é compaixão e caridade; e finalmente veio e vem o brado com que rematando Cristo a obra sua, pôe fim a meu sermão.

XII

93 A Grande Síntese, Ed. LAKE, 411 e FEB, 346

94 Jó 31, 16 - 21; To 1, 3; 1, 7; 1, 19 - 20

95 II Rs 21, 10 – Bíblia Católica – Trad. Pe. Antonio Pereira de Figueiredo

96 Mt 17, 16; Mc 9, 18 e Lc 9, 41

97 André Luiz, Mensageiros, 146

Estamos pois na quinta e última parte do sermão, e me apresso, que me demorei nas outras mais do que devera. Quanto a esta parte nem era preciso se a pregasse, por ser demasiadamente conhecida. Eu daria por acabado o sermão com estas quatro, que a quinta é por onde os homens começam. De vozes está cheio o mundo, porém vazio de obras. Vieira, escandalizado, reparava muito que as peças de artilharia, que erram o alvo, fizessem tanto ruído, quanto as que acertavam nele; que atroe e trema o mundo, a que acertou no alvo, entendemos; mas que atroe e trema a terra a que o errou!, grande escândalo da natureza! Assim se escandalizava Vieira, mas eu me escandalizo muito antes e por muito menos. Não quero falar com a peça que errou o alvo, que esta não a considero, mas só com a que acertou nele. É bem peça, que faça tão grande ruído, que como um trovão faça tremer a terra, para só depois tocares o alvo com o raio de tua bala? Primeiro as vozes e as ameaças de vulcão, com que fazes tremer o mundo, para depois um tão pequeno feito, que é o acertar no alvo? Acaso tomam exemplo em ti os homens, para atroarem tanto e fazerem tão pouco? vindo o falar antes do fazer? tanto falar e tão pouco agir?

Acaso, ó homens, que convosco falo, o julgamento final se fará em função do que falais? Digo que não, porque o disse, não menos que Cristo, Senhor nosso, em S. Mateus, capítulo vinte e cinco. Diz lá, o Senhor, falando aos justos da direita, que porque foi assistido deles em todas as necessidades de fome, de sede, de nudez, de doença e de encarceramento, porque em tudo foi assistido pelos da direita, por isso lhes dava a eles a glória dos bem-aventurados. – “Mas quando foi isto, Senhor?” – perguntarão os eleitos. Isto foi, diz Jesus – “todas as vezes que amparastes um dos mais pequeninos de meus irmãos”. Ora, isto na boca de Jesus deveria abalar o mundo em seus fundamentos mais fundos. Mas não abala nem o mundo e nem os homens, porque a natureza, ou seja no raio, ou seja numa peça de artilharia, ou seja no homem, está mais disposta a fazer barulho que feitos. Cristo aqui fala de obras mas os homens querem palavras, e cuidam que tudo são palavras.

Nem Cristo Jesus se pondo por pedinte, como mendigo, na frente do mais venturoso, nem assim o move a este a fazer obras pias. Ó fariseus modernos, que procedeis em tudo como o levita e o sacerdote da Parábola do Bom Samaritano! Contra vós está a sentença de Cristo que disse, que não entrareis no Reino dos Céus, se vossa medida não superar à dos escribas e fariseus. Antes de me sair deste passo quero perguntar-vos: se Cristo põe por perdidos os da esquerda, só porque não fizeram o bem; que será de vós todos os que fazeis o mal? se o não fazer obras boas, é boa razão para se perder; que se dirá ou não dirá (que tremo de o dizer) dos que só fazem obras más? Abri-vos ó ouvidos duros! Abri-vos a estes clamores do Evangelho! Abrandai-vos, ó corações de bronze, que como o bronze só sabeis soar! Amolecei-vos, ó pedras, que como penhascos só sabeis ter para as vozes ecos, com que repetis as palavras de Jesus! O Mestre não vos pede repitais o que vos disse, senão que andeis nos seus caminhos saindo-vos dos vossos, em que desandais !

Como os discursos de vento, tão comuns no mundo hoje, como os que imputava Jó⁹⁸ a seus amigos, não se abrem ouvidos, e antes os fecham mais, e os fazem surdos. Mas que se há-de juntar ao vento, para que seja ele ciclone voraginoso que abala e arrasta? que coisa é, senão o movimento? Que coisa é o vortilhão, senão duas forças entre si contrárias, que movem o vento, e o faz dobrar-se sobre si mesmo, e girar em torno de um eixo de vácuo? E como sendo o vácuo ausência de matéria, pode prender e disciplinar um mundo de forças? É que o eixo do ciclone é já uma forma quase psíquica, com as características rudimentares de um ser vivo⁹⁹. Há melhor imagem para as mãos, que, sendo duas, e encontradas, fazem do vento dos discursos moto turbilhonário, do qual é eixo o homem? E este eixo não é tanto mais forte, quanto mais diáfano e espiritual é o homem? Há ciclone maior do que o do qual a Cruz e Cristo é centro? – Quando eu for levantado na Cruz, o mundo arrastarei a mim¹⁰⁰, disse Jesus. E por que? Porque Cristo se tornaria, como se tornou, o centro genético do turbilhão do cristianismo. Ajam pois as mãos, que basta já o vento de tantos discursos que no mundo se proferem.

XIII

Outro reparo é o ter dito Cristo Senhor, *abre-te*, para os ouvidos, e não, *solta-te* para a língua. Pois Jesus não curava os ouvidos e juntamente a língua? Sim, curava. Não tocou nos ouvidos, e depois também na língua? Sim, tocou. Como então diz para os ouvidos, *abre-te*, e para

98 Jó 16, 3

99 A Grande Síntese, Ed. FEB, cap. 57

100 Jo 12, 32

a língua não diz, *solta-te?* Esta é outra lição: se não dizendo, *solta-te*, soltou-se a língua, quanto mais se o dissesse!? Se não mandando falar, fala, quanto mais se o mandasse!? Não é o Evangelho um código de ações? não é todo ele obras? e como os homens só se ocupam de o pregar? Por isso mesmo. O Evangelho sendo só obras abre ouvidos; e abrindo ouvidos solta línguas; e as línguas soltas falam o que ouviram os ouvidos; e como os ouvidos só ouviram relatos de obras, as línguas só de obras hão-de falar, e tudo fica só no falar. Cristo veio e fez; e com fazer, abriu ouvidos, e estes soltaram as línguas, que, há dois milênios quase, só se ocupam de referir o que Cristo fez, como se o fizera para ser referido e não para exemplo. Como Jesus sabia que haviam de falar as línguas, ainda que as não mandasse, então só para os ouvidos disse, *abre-te*, e no ponto que o disse, soltaram-se as línguas.

XIV

Acabei o sermão; e por meio dele digo que só queria uma coisa; é que os que me ouviram ficassem surdos-mudos. Cristo Jesus aqui curou um surdo-mudo; e eu quisera que os que me ouviram ficassem surdos-mudos; e por que? Surdos para que não ouvissem o que pudesse perturbar estas verdades; surdos para que fosse esta a última impressão dos ouvidos; surdos para que só estas palavras ficassem, em cada um, ressoando na acústica da alma. Por tudo isto surdos. E juntamente mudos, para que só falassem pelas mãos, que só este modo de falar verdadeiramente abre as portas do céu.

Eu falei bastante, como se não devera também ser surdo-mudo; ai de mim que só falei de boca e não de mãos; agora temo com os temores de S. Paulo, que dizia: – Faço penitência, para que não suceda, que havendo pregado aos outros, venha eu mesmo a me perder¹⁰¹. Daqui disse Sto. Agostinho, que o Apóstolo com seu temor nos atemoriza. Por que, que fará o cordeiro, quando assim treme o Leão?¹⁰² Diga-nos a esse respeito, de si mesmo, Monteiro, o doutrinador, que tendo doutrinado a tantos, faltoso se mostrou consigo mesmo; daqui lhe sobreveio a desgraça de cair no umbral, onde foi ouvir, das entidades perversas, em tom de ironia mordaz, as mesmíssimas lições que a elas dera outrora¹⁰³. Há desgraça maior? Ficai pois surdos-mudos vós todos que me ouvis, e fique surdo-mudo eu que vos falo, para que daqui em diante só falemos com as mãos. Se Cristo manda cortar-se a mão ou o pé, que serve de tropeço; se manda arrancar o olho, que serve de escândalo¹⁰⁴; que muito é que fique mudo, quem devera falar pelas mãos? Emudeça-se pois a língua, e falem as mãos, que só elas abrem dos céus as portas, com abrir a Deus¹⁰⁵ e aos homens os ouvidos, e de modo que jamais se poderão fechar.

Sirva-se Jesus de nos assistir com sua graça, para que estes tão belos propósitos de línguas que falam, possam ser mais que belos ainda, com ser de mãos que obram. Assim seja.

Piraju, 18 de Abril de 1952

101 I Cor 9, 27

102 Nota do pé da pág. da Bíblia do Ano Santo de 50, em I Cor 9, 27

103 André Luiz, Mensageiros, Cap. XII

104 Mt 18, 8 - 9

105 Argumento do Cap. III deste sermão

SERMÃO DE JOÃO BATISTA

Naqueles dias veio João Batista
pregando no deserto da Judéia.

Mt 3, 1

- I -

Quem é esse austero homem que se vai aos desertos por fugir à morte, e em lá chegando, a pede a Deus? Se foge por viver; como em fugindo quer morrer? Enquanto está no meio dos homens quer viver; indo-se aos desertos quer morrer? Sim. Que esta é a propriedade dos desertos; faz desejar a morte aos que vivem e querem viver. Enquanto Elias esteve no meio do povo quis viver; e tanto que Jezabel o quer matar, foge aos desertos, e lá chegando, pede a Deus que o mate, que já não quer viver¹⁰⁶. Enquanto esteve no meio do povo, fugiu por não morrer de morte gloriosa, como a de mártir, às mãos de Jezabel, a perversa e idólatra rainha; agora, metido nos desertos, pede morte natural e não gloriosa a Deus? Estes são os efeitos dos desertos; tornar os medrosos valentes e temerários. E quem fraco, uma vez, e timorato, se foi aos desertos, e lá se fez valente e animoso, bem era que começasse cedo com desertos, visto que cedo havia de perder a cabeça e com ela a vida, e não com morte natural, senão com a de mártir e gloriosa.

João Batista é esse cuja cabeça cedo havia de cair, e que, por sabê-lo, andava nos desertos a tornar-se forte. Outrora fora Elias, esse que agora é o Batista; como Elias aprendera a lição dos desertos, para aplicá-la a si mesmo, agora, como Batista.

Está anunciado muito, com dizer estas grandes coisas, mas, o que só quero, para tema do sermão, é que a solidão e o tumulto são dois pólos opostos de forças, e fortaleza só se tem, quando nesses dois extremos se opera. Só desertos faz egoístas; só tumultos faz vazios. Na solidão fala Deus ao homem; no tumulto fala o homem ao mundo o que ouviu de Deus. Mas se o homem nunca busca na solidão a voz de Deus; que terá para dizer? Digo que tem nada, e o seu muito falar é sempre nada dizer.

Assim divido o meu discurso em solidão e tumulto. Liga-se, pela prece, o homem, a Deus, na solidão, e ouve-lhe a voz, sentindo-lhe a presença num tumultuar de presenças, que são a dos Espíritos Santos, prepostos de Deus na terra. Cuidais que o Espírito Santo é uma das Pessoas da Divindade? uma expressão dela personificada? É-o se quiserdes entender que todos os que na terra ou no céu fazem a vontade de Deus, identificam-se a ele, cumprindo o desejo de Jesus quando dizia em oração: Pai meu! assim como eu sou um convosco, sejam um comigo e convosco estes que me seguem¹⁰⁷. Aquele que se identifica com Deus, é deus, e por isso Cristo Senhor nosso disse: vós sois deuses¹⁰⁸.

O que mais me dói é o não merecer, por justiça, esta posição de um com Deus e com Jesus, porque se com justiça eu a merecesse, então seria já, agora, espírito santo. Mas esta união que não posso lograr por justiça, logro-a por graça ou misericórdia de Deus a mim e a vós. Por justiça nada posso ter, que nada sou; mas por misericórdia a mim e a vós, os Espíritos Santos me hão de assistir para que vos fale. Esta graça peço, e ajudai-me a pedi-la.

- II -

Estamos, pois, na solidão, e falo dos solitários.

106 3 Rs 19, 4

107 Jo 17, 21

108 Jo 10, 34

Pouco há, muitos ouvidos se puseram a escutar o que dizia o Apóstolo da Úmbria. Mas que é isto? Todos os dias não saem milhões de jornais, de revistas e de livros? todos não trazem as vozes dos que falam? E como, pois, no meio de tantas vozes se destaca uma única e isolada, e de longínqua terra como é a Itália? A coisa é que todas as vozes falam, mas, esta diz; tanto vai de dizer a falar. É próprio das multidões o falar, o vozear, o arengar e até o ornejar, mas, não o dizer; e para lhes falar a elas basta gritar, ainda que se não diga nada. Os oradores das multidões não escrevem o que falam, porque não há o que escrever; para estes, como notou Vieira, o pregar não é outra coisa que falar mais alto¹⁰⁹.

Pietro Ubaldi vive no isolamento de Gúbio, e dentro desta solidão isola-se no seu quartinho, onde recebe as mensagens que abalam o mundo, e traçam o roteiro do porvir. E quem assim no isolamento vive a buscar Deus, ao mundo tem o que dizer.

Solitário também era este Batista, que vedes vir do deserto hoje, para onde se fora no passado, como Elias; Jezabel buscou matá-lo, afrontada com a morte dos quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, que com ela se sentavam à mesa. Fugitivo Elias, e indo-se para onde conduziam os seus desejos, viu-se num deserto. Como é isto, Elias? Se diz expressamente o texto que vós vos ides para onde vos mandam os desejos vossos¹¹⁰; e agora vos achais num deserto? vossos desejos, logo, vos levam a desertos? Sim. O homem interior, com ser o repositório das passadas experiências, fixadas em instintos, conhecia a eficácia dos desertos; mas era preciso afrouxasse a tensão da vontade, para que o homem interior conduzisse o exterior; Elias, assim, de fazer frouxa a vontade, passou a não querer; e toda a vez que não se quer, querem os desejos, e quiseram os de Elias conduzi-lo ao deserto.

Ó glorioso Elias! então quando cessa de querer a vontade vossa, vossos instintos vos levam aos desertos? Não fora vós, e tudo se teria dado de outro modo. Nem aconselho a ninguém, que deixe afrouxar a vontade, porque é certíssimo que os que a tiverem frouxa, ir-se-ão, arrastados, pelos instintos, não às solidão com Deus, mas, à todas as torpezas da carne, onde se perde a alma e mais o corpo.

Aqui está a diferença que vai de homem a homem; do homem comum, a Elias, o profeta; a este levam-no os desejos aos desertos a encontrar-se com Deus; ao homem medíocre, afrouxada que é a tensão dos princípios que o defendem, leva-o o diabo aos infernos pela porta de todas as torpezas e degradações.

A evolução de um homem se mede pela altura dos seus instintos; não é pelo que diz, senão como vive; e não como vive nas horas de vontade tensa, senão nas horas de vontade frouxa. Aqui está a raiz da sabedoria romana, de que o homem se conhece no vinho. Homem avinhado é homem sem vontade; e como quando cessa de querer a vontade, querem os instintos, cessada a tensão da vontade, o homem se revela no que é.

Os instintos baixos são como os elevados, com a diferença de que os baixos arrastam para baixo, e o altos, para o alto. Os instintos baixos funcionam como a gravidade, que tende arrastar para o fundo dos abismos o que intenta escalar a montanha. Os instintos altos são como os balões cativos; estes, tanto que se rompe o cordão que os prende, sobem-se aos céus. O homem superior prende-se à terra por esforço da vontade; frouxa que é esta, vai-se à solidão levado pelo desejo de encontrar Deus.

Moisés apascentava o rebanho de Jetro, e estava no monte Horebe¹¹¹, quando lhe apareceu na sarça o Anjo do Senhor; e desde esse dia, sempre que quis falar a Deus e ouvi-lo a ele, buscou-o no cimo das montanhas ermas e nos desertos. A Lei foi-lhe dada no Sinai, o maná foi-lhe dado a ele e ao povo no deserto.

Mas antes que me saia do deserto, onde estão Moisés e o povo, reparai comigo no comportamento dos homens comuns no deserto.

- III -

Pouco há dissemos que os homens superiores, abandonados a si mesmos, vão-se pelos instintos aos desertos. A vontade tensa é que os prende aos amontoados humanos, onde operam e criam, dando de si mesmos em holocausto. Mas assim como o superior pode, por força, ficar no meio da multidão, o homem comum pode, por força, ir-se ou ser levado aos desertos; e que acontece? O mesmo enfado e nostalgia, que sente o grande no meio do tumulto, sentem os

109 Vieira, Sermões, VII, 201

110 3 Rs 19, 3-4

111 Ex 3, 1

mediócre na solidão. A vida destes, porque é só física, precisa das agitações exteriores; sem elas, eles fazem o que fizeram os hebreus, que pediam para voltar ao Egito, ainda que tivessem de viver escravos. É-vos bem isto, hebreus? Vida não é liberdade? Sim, que sem liberdade a vida é morte. Como então intentais a volta ao Egito? à escravidão? Não foi por ouvir o vosso clamor de escravos, que Deus vos enviou Moisés? E se Deus fez tanto por vós; não suportais por um pouco o deserto onde Deus está, e vos guia como em pessoa, por uma coluna de nuvem de dia, e outra de fogo de noite? Porventura houve povo por quem Deus se mostrasse tão parcial como a vós? Se Deus quer filhos e não escravos¹¹²; como vós vos quereis escravizar de novo? Se Deus faz convosco, como faz a galinha aos pintainhos; como quereis vós fugir à sua presença?

Estas razões todas têm uma só razão e é a que já assinalei; o mediocre não suporta as solidão. Se não fosse Elias quem era, eu diria que pediu a Deus a morte no deserto, pela fastio que lhe deu a solidão; o povo de Deus enfasiado do maná clamava pelo Egito, que era escravidão e morte; Elias enfasiado do deserto pediu a morte a Deus. Seria isto? Mas se o fosse, como então Elias é levado ao deserto pelos seus desejos, pelos seus instintos, aos quais se abandonara? Se primeiro desejou deserto, e depois desejou morrer, cuidou que seu morrer é diferente do morrer dos hebreus. Os hebreus, de deserto e livres, queriam ir-se à escravidão e morte; Elias, de deserto e livre, mais desejou libertar-se, saindo-se do corpo e da vida a ir-se aos céus; neste sentido entendo o seu querer morrer. Os hebreus queriam morrer dentro da vida, que isto é ser escravo. Elias queria viver dentro da morte, que isto é ser livre.

- IV -

Esta foi a primeira vez que um povo inteiro se viu num deserto; e se muitíssimas famílias, que isto é ser povo, reagem como reagiram as hebréias, tendo o consolo grande da companhia; que se dirá de um homem comum que se visse isolado num deserto, metido numa cova, como Elias ou o Batista? Elias antes e o Batista depois? Ó! nem quero referir a sensação de vácuo e tédio, que sentiria dentro do peito tal homem! Seus olhos queriam ver, e não viam mais que céu e areia; seus ouvidos queriam ouvir, e tão grande era o silêncio, que se quisera saber se tinha ouvidos, havia de primeiro gritar e saber se tinha voz. Céus! como pode suportar isto quem só tem a vida dos sentidos? Razão, pois, tinham os hebreus de querer tornar ao Egito; só é livre, quem o é no espírito, e eles, porque só tinham a vida física, eram escravos, ainda que se lhes soltassem todas as gargalheiras e amarras; poderosa cadeia os prendia ao Egito, e esta era a dos apetites grosseiros; quanto mais distanciava a satisfação deles, tanto mais se recrudesciam, trazendo às lembranças as paneladas de carnes egípcias. Moisés tinha de suportar aquele povo, cuja inferioridade só conhecia o fundo dos abismos, e se não caiu, ou não cedeu, foi só porque estava no deserto. Moisés com ser grande, nutria-se do mesmo deserto, e não satisfeito deste isolamento, subia-se às montanhas para ser mais solitária ainda a sua solidão. O povo enfraquecido do deserto, mais não fazia que clamar pela volta; todas as rebeliões, que intentava fazer, era sufocada por Moisés, que, além de evoluído, tinha a ciência toda dos faraós, e mais um treino e sustento de quarenta anos de deserto, que era o de quando fugiu por ter matado o egípcio opressor de seus irmãos. Que poderia um povo inteiro contra um tal homem? o povo enfraquecido do deserto, e o homem alimentado do mesmo deserto, e mais da solidão mais que solitária, das montanhas?

De Anteu se conta que era invencível, porque sua mãe, Gea ou Terra, o alimentava e fortalecia pela planta dos pés, que era por onde a ele se ligava. Aqui o povo israelita era o Anteu, que da terra do Egito recebia força, com que era gigante e forte, ainda que escravo. Mas Moisés tirando-o de lá, enfraqueceu-o primeiro, vencendo-o depois; nesta luta usou Moisés a mesma traça de Hércules na luta contra Anteu, em que, para vencer a este, desligou-o da terra. O povo está fora do Egito? então se era forte está fraco, e nada poderá contra Moisés. Abra-se, pois, então, a terra em abismo, e traguem-se a Coré, Datã e Abirão¹¹³; cubra-se de lepra nojenta o corpo de Maria¹¹⁴; sejam mortos a quantos se encurvarem diante do bezerro de ouro¹¹⁵; mas a um tal homem, alimentado dos desertos e mais da solidão das montanhas deles, não se lhe caia um só fio de cabelo da cabeça!

A obra maior de Moisés foi, não a executada no Egito, diante de faraó e dos magos, senão, a de tirar de lá o mesmo povo; faraó endurecido por Deus, prendia e segurava o povo, depois de o

112 Gál 4, 1-7

113 Num 16, 31-33

114 Num 12, 10

115 Ex 32, 25-28

haver autorizado que saísse; e só o deixou sair, e pediu mesmo com encarecimentos que saísse, quando o Anjo de Extermínio passou matando a todos os primogênitos das casas cujas portas não foram borradas com o sangue do cordeiro¹¹⁶. Mas que Moisés houvesse convencido a um povo, ainda que escravo, a ir-se pelos desertos, esta foi a maior façanha do seu poder; ainda mais que, neste ponto, tinha de agir por meio de Arão. Moisés era gago e falava pela boca de Arão¹¹⁷ que era desenvolto de palavras; e conseguir de um povo, com tais dificuldades, o ir-se com ele pelos desertos, esta foi a maior façanha, não sei se diga do juízo e conselho de Moisés, ou se da eloquência e desenvoltura de Arão.

Mas o argumento mais forte foi a promessa que Deus fizera, de dar, ao povo seu, a terra dos cananeus; tanto se falou da Terra da Promessa, que esta se passou a chamar da Promissão. Mas para entrar na terra da Canaã, é preciso atravessar desertos? Sim. Para quem idólatra se achava no Egito, e como escravo, assim era preciso. Assim é também com a Canaã celestial, à qual só chegaremos depois de sairmos da escravidão em que nos achamos do ouro e do sexo. Somos escravos dos sentidos, porque só queremos viver a vida física, sem as criações imperecíveis do espírito; somos idólatras, porque adoramos, primeiro a nós mesmos, com que somos fumosos, depois ao dinheiro, com que nos enfunamos, e finalmente tudo o mais que vem dele, com que nos inchamos de todo, e como Lúcifer nos afastamos de Deus, com dizer com aquele: – Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo¹¹⁸. Nós, porque inferiores, somos chamados à Canaã, pelo deserto de todas as renúncias e sacrifícios, mas, preferimos continuar escravos que somos, a sermos livres. Os grandes, como Moisés, são chamados dos desertos, onde se fizeram gigantes na renúncia e no sacrifício, para virem nos ensinar a viver nesses mesmos desertos.

De quantos saíram do Egito, somente Josué e Caleb lograram a Terra da Promissão; e por que? Porque foram os únicos, à exceção de Moisés, que souberam se nutrir dos desertos, e mais da solidão das montanhas deles. E que se seguiu daqui? seguiu-se que com esta constante nutrição cresceram e ficaram mais que gigantes. E como Deus estava selecionando o povo seu no deserto (que aqui é onde se provam os homens), Josué e Caleb foram os únicos que se saíram bem desta seleção. Mas em que se mostraram Josué e Caleb mais que gigantes? Ora, dai-me atenção, e vereis.

Moisés e o povo chegaram junto à terra dos cananeus, e daí enviou Moisés espias que vissem a terra e o povo dela. Foram e voltaram os espões com a notícia de que da terra manava, de fato, leite e mel, mas, que os seus possuidores eram gigantes temerosos, perto dos quais eles eram como gafanhotos¹¹⁹. Neste ponto adiantaram-se Josué e Caleb, e disseram que mesmo sendo, os possuidores das terras, gigantes, eles os haviam de comer e devorar como pão¹²⁰. Os que podem comer e devorar a gigantes como a pão; vede se não são mais que gigantes? Os demais espões do povo, apoucados e enfraquecidos com ano e meio de deserto, que foi a duração da travessia, viram nos seus iguais gigantes, só porque estes estavam em terra firme e aqueles no deserto; Josué e Caleb crescidos e agigantados com o mesmo deserto, viram nos gigantes coisa de bocado, que se podia comer e devorar. Estes, por causa disto, lograram a Terra Prometida, depois de mais de trinta e oito anos e meio de errarem no deserto, enquanto esperava Deus formar-se a nova geração¹²¹. A nova geração se ia formando, sem as lembranças do Egito, e debaixo das vistas dos três grandes que, porque tinham vencido na prova da solidão, podiam ser postos por mestres e por condutores do povo.

Ao grande cumpre-lhe vir do deserto, que, se aí só fica, se torna egoísta. Ao medíocre cumpre-lhe ir ao isolamento, porque, se só fica no meio da multidão, perde-se no nada que ela é. Aqui estão as duas estradas encontradas, mas, complementares. Para o isolado, o tumulto, onde obre; para o da multidão, o isolamento, em que se edifique, pela oração e pelo conselho com Deus.

Diz Clovis Tavares, em seu livro "Pietro Ubaldi - Sua Vida e Sua Obra", que quando Pietro Ubaldi se desfez de tudo o que possuía, e se pôs, como andarilho, a caminhar a esmo, indo-se para onde o conduziam seus desejos, viu-se ladeado por Jesus e S. Francisco. Como é isto? então depois que um homem rico se faz pobre de dar o que tem, é que lhe vêm pedir o auxílio de ajudar

116 Ex 12, 7-29

117 Ex 4, 14-16

118 Is 14, 14

119 Num 13, 34

120 Num 14, 9

121 40 anos, contando-se também o ano e meio desde a saída do Egito – Bíblia Sagrada do Ano Santo de 50, I, nota da

o mundo? Assim é. Só pode dar quem ficou pobre de dar, porque, como pode dar, quem ficou rico de não dar? Não disse bem. Como pode dar quem ficou rico de tomar? de tirar? de explorar? de roubar? Logo, fique pobre Pietro Ubaldi e terá, como teve, e tem, o tudo para dar, e quanto mais dá, mais tem, como se fora arca e almotolia da viúva de Sarepta¹²². Enquanto esteve Pietro ou **Pedro** ocupado das coisas das convenções humanas, ouvindo os que falam, mas, nada dizem, nem Cristo e nem S. Francisco se lhe fizeram visíveis e audíveis. Pietro Ubaldi esteve só, enquanto no meio da multidão; no ponto que se isolou, teve por companheiros de jornada a Cristo Senhor nosso, e a S. Francisco, o Discípulo amado.

Conta a tradição que noutro tempo, Pedro, ao sair de Roma, encontrou-se com Cristo. – **Quo vadis, Domine?** Assim lhe perguntou o Apóstolo¹²³. Vou a Roma a fim de ser de novo lá crucificado. Sim, que se lá se crucificavam os seus, justo era que se sentisse lá crucificado, e ainda fosse lá de novo a crucificar-se. Mas isso foi noutro tempo. E se Pietro ou Pedro perguntasse a Cristo agora: – **Quo vadis, Domine?** que diria o Senhor? Diria o que fez. Diria: – Vou contigo para a solidão de Gúbio; e dentro dessa soledade hás-de te isolar na ermida do teu quartinho; e no profundo silêncio da noite falarei a ti e tu escreverás a palavra, que abala, arrasta, incendeia e alumia o mundo, criando a Nova Civilização do Espírito.

- V -

Mas sendo o homem um animal sociável, como acertadissimamente o definiu Aristóteles, que é isto de se isolarem os grandes? acaso serão eles exceções da lei? Digo que não; e é por esta mesma lei que se afastam e se isolam; o homem é um animal sociável? logo, se isola. Não é paradoxo; dai-me atenção.

A reunião dos corpos não é a reunião das almas; a cavalgada e a sua carga humana, ainda que muito próximas, estão distantes; logo, as uniões ou reuniões, só o serão, se o forem de almas; logo, pode o homem estar só, quando acompanhado. Só, quando acompanhado? logo, pode estar acompanhado, quando só. Assim a necessidade de solidão guarda relação com a evolução do espírito, e com o ambiente em que se acha. Os grandes, sejam gênios, santos, artistas, sentem a necessidade dos ermos, todas as vezes que se enfastiam do ambiente humano; só se sente bem aqui aquele cuja evolução corresponde a deste meio, aquele cuja densidade espiritual corresponde à do lugar onde estão todos. Para o medíocre a solidão seria solidão, mas, para o evoluído, para o santo, para o gênio, ela é cortejo, é séquito, onde além do tumultuar das idéias, há ainda o das presenças às quais se não vêem, porque invisíveis, mas, se as sentem, porque sintônicas. O solitário só o é no meio dos tumultos, mas, no ponto que se isola, já está acompanhado; e porque o homem é um animal sociável cada um busca a sua sociedade: o medíocre, o seu igual, que são todos, nos amontoados humanos. O solitário, a solidão, onde o seu igual se manifesta, ainda que invisível.

Não é isto que diz **Sua Voz?** “Na solidão dos imensos silêncios, o santo ama, com a alma hipersensível voltada e aberta para todas as vibrações do infinito, num arroubo impetuoso e frenético, para com a vida de todas as criaturas irmãs... Se ele vos parece isolado, é que está com o Invisível, para o qual estende os braços, no êxtase de um supremo e vastíssimo amplexo... Alguma coisa do imponderável lhe responde, o inflama, nutre e sacia... Num incêndio, que reduziria a cinzas qualquer ser comum, se abrasa o amor que abarca o universo... Num mistério de sobre-humana paixão, o Cristo abre aflito os braços na Cruz e S. Francisco abre os braços para o Cristo”¹²⁴.

- VI -

João Batista era um solitário que se agitava no deserto e bradava às pedras. A isto disse Cristo ao povo: – Que saístes vós a ver no deserto?¹²⁵ uma cana agitada pelo vento? Mas que saístes a ver? Saístes a ver, não um homem de roupas finas, que estes só os vedes nos palácios dos reis, e nem a um profeta, que mais que isto é João Batista; digo-vos, mesmo, que não é nascido de mulher outro que lhe seja maior. E que um tal homem diga de si mesmo: – Eu sou a voz que clama

122 3 Rs 17, 14-16

123 Quo Vadis ? Henryk Sienkiewicz, pág. 336

124 A Grande Síntese – Ed. FEB – pág. 274-275

125 Mt 11, 7 - 11

no deserto?¹²⁶. Sim, que um tal homem não deve sair do deserto a clamar ao povo, mas, o povo é que deve ir-se ao deserto a ver e ouvir ao que clama.

Porém que João clamasse e pregasse no deserto às pedras? grande mistério! Seria para acostumar-se à dureza e frieza dos auditórios? Seria para acostumar-se aos homens, que em tudo procedem como as pedras? Sim, isso é. Os penhascos respondem com vozes, e os homens também, com vozes. Assim eram e são todos, aos quais João havia de pregar. Clama o que prega a Doutrina, para que os homens respondam com obras, mas, todos respondem com ecos, que são as vozes das vozes; o pregador é repetido, é citado, é reverenciado como autoridade, e glorificado no tumulto das vozes, que se refletem umas às outras, mas, não seguido no que prega, já com a palavra, e já com a vida. Se fora que só pregava com palavras, bem estava que só achasse repetidores; mas se vive o pregador o que prega; porque só tem ecos as palavras suas? A razão é porque, como dizia, os homens são como os penhascos, que só sabem repetir vozes.

Outros há, oradores, que falavam na solidão. De Marco Antônio, refere Cícero, que orava assim, não por aguçar o engenho, senão para vaporar o vinho¹²⁷. De Demóstenes se sabe, que orava nas praias e no recifes, onde rumorejava o mar, não só por corrigir a gagueira, como para aprender a manter-se firme e falar até no meio dos tumultos. De Lacordaire, como refere Silveira Bueno, se sabe que falava às flores, não que as quisesse convencer e menos converter, senão, para adestrar-se no falar¹²⁸. Todos esses falavam na solidão, por adestrar-se no que haviam de dizer nos auditórios. Mas que João Batista clamasse no deserto, às pedras? Se não era para aguçar o engenho, só podia ser pelo que eu dizia: para acostumar-se à dureza e à frieza dos auditórios. Esses oradores todos adestravam-se no isolamento, para irem-se aos auditórios; João, ao contrário, falava no isolamento, para que os auditórios viessem a ele. Os primeiros eram do mundo e se exercitavam em falar ao mundo. João, com ser o maior dos nascidos, era já dos céus, e buscava trazer pela palavra e mais pelo exemplo os homens do mundo ao deserto, e daqui aos céus.

- VII -

Já no exórdio deste sermão mostrei em paralelo quem eram Elias e João; contudo o caso é mais de igualdade que de paralelo. Mas que digo eu? igualdade? Ainda que pus em paralelo Elias e João, e disse depois ser o caso de igualdade, digo agora que o é de continuidade de vidas e de destinos, com que tudo fica sendo identidade, e não igualdade e paralelo. Duas coisas iguais são duas; mas se duas coisas são uma, como dizer que são iguais e duas? Identidade sim, porque Elias e João Batista são um só, e o mesmo espírito. Assim se expressou não menos que o próprio Jesus, quando disse: – Esse é o Elias que havia de vir¹²⁹.

Todavia os opositores do Espiritismo, dizem que João veio só na virtude e no espírito de Elias. Precisa mais que isto? Não. Basta vir com as qualidades, e não só isto, mas, com o espírito (que é tudo) de uma pessoa, para ser essa pessoa. Além disso João não podia vir no corpo de Elias, por muitas razões, mas, só tomo esta: a eletricidade celeste consumiu e reduziu a pó e cinzas o corpo de Elias, no ponto que Elizeu o viu subir envolto num turbilhão de fogo, que, porque girava sobre si mesmo e se deslocava, foi tido por um carro¹³⁰. Matou com fogo do céu, Elias? morra então uma vez com fogo do céu, às vistas de Elizeu; matou a espada? morra então outra vez, e a espada, às mãos de Herodes.

Mas dissei-me, ó opositores; se Elias não veio, então não se cumpriu a profecia que diz que ele viria primeiro?¹³¹. Se não veio Elias, que deveria vir primeiro, segue-se que não veio Cristo, que deveria vir depois; é isto? Negar que João Batista seja Elias, é negar que Cristo seja o Messias prometido. Com esta vossa negação, acusais a Cristo de impostor. Mas vede que João era Elias, não só pelo espírito, senão também pelas virtudes, pelos hábitos e até pelas vestimentas, que em ambos eram igualmente rústicas¹³².

E descoberto Elias na pessoa de João Batista; não seria Herodias, Jezabel, e Herodes, Acab? O mesmo João veio viver o destino de Elias, e Jezabel que nada pôde contra Elias, pôde-o, e muito, Herodias, contra João Batista. Não é lei da natureza (causa e efeito – reversibilidade da ação) e do Evangelho, que quem com ferro fere, com ferro seja ferido? Pois com que feriu Elias os

¹²⁶ Jo 1, 23

¹²⁷ Clássicos Jackson, II, 143

¹²⁸ A Arte de Falar em Público, 2ª Ed. pág. 27

¹²⁹ Mt 11, 14; 17, 12 - 13; Mc 9, 11 - 12; Mal 4, 5

¹³⁰ 4 Rs 2, 11 e Bíblia do Ano Santo, III, nota 4. da pág. 313

¹³¹ Mal 4, 5

¹³² 4 Rs 1, 8; Mt 3, 4

quatrocentos e cinquenta profetas de Baal? Como se não bastasse este morticínio, nada recomendável que o fizesse um profeta, mata Elias cento e dois homens, ou seja, dois capitães de cinquenta soldados cada um, que em duas vezes sucessivas foram todos mortos com o fogo do céu¹³³. Onde estavam aqueles débitos a serem saldados, senão no destino de João, que é o mesmo Elias? Com festas matam-se a quatrocentos e cinquenta profetas? Pois com festas mate-se ao maior dos nascidos, e com maior rigor de afronta, porque Salomé, seminua, e com trejeitos lascivos, há-de dançar em torno do prato, que lhe contém a cabeça. Pouco adiantou fugir a Jezabel, quem teve de morrer às mãos de Herodias. Aquela cabeça leonina, cujos cabelos jamais tinham sofrido golpes de tesoura, caiu a golpe de espada, para que fosse apresentado em banquete o mais estranho prato, de que dá conta a história. Cortem-se os cabelos, como a Sansão, e com ignomínia vazem-se-lhe os olhos; mas não tenha mãos quem quiser acutilar uma tão grande cabeça, que só as idades milenárias podem criar; contudo o Batista foi decapitado; e seus olhos baços assistiram, do prato, a dança de Salomé, no debochado festim de Herodes.

Quem, pois, tinha de morrer, e de tal jeito, meta-se num deserto, pregue às pedras, que se respondem não ferem como os Herodes e as Herodias. Eu dizia que os homens são como as pedras que respondem com vozes, e não com as obras que pede o pregador. Agora vejo que nisto diferem as Herodias, os Herodes e os homens das pedras; as pedras respondem com vozes; as Herodias e os Herodes, com vozes e mais com obras más. O pregador quisera que só respondessem com obras boas; mas trocando o bem em mal, respondem com más, e contra o mesmo pregador. Mas este é só o caso das Herodias e dos Herodes, e posto que muitos, não são todos.

VIII

João veio aplainar veredas e tornar rasos os montes e cheios os vales. Grande missão. E se tal era a missão; porque se deixava ficar no deserto, onde o iam buscar os mesmos montes, que eram os grandes, e os mesmos vales, que eram os pequeninos? Por isto mesmo. O deserto é onde não há nem montes e nem vales, senão planuras e ondulações leves e inconstantes. O vento se incumbem dos nivelamentos; e João, com ser um vento forte, era o que fazia nos homens tais nivelamentos.

O vento sopra onde quer, diz o texto¹³⁴; ouvis-lhe a voz, mas, não sabeis donde vem e nem para onde vai. Assim é o que se reencarna; o espírito é o vento que sopra no corpo e lhe dá vida; mas não se sabe donde vem e nem para onde vai; assim é o que é nascido do espírito. Assim era João um vento que soprava, e como o dos desertos, havia de fazer nos homens as necessárias nivelamentos.

No deserto viam as sociedades humanas o como deviam ser. Em João viam o vento forte que produzia tais nivelamentos. Assim mostrava João aos homens o deserto, como num espelho, e dizia: – Vede este deserto? desprovido de tudo para ser grande diante de Deus e dos homens? Pois sede vós assim também em grandeza e desprendimento. Tendes duas túnicas?¹³⁵ Então dai uma ao que não a tem nenhuma, e assim ficarão iguais e nivelados, como o é este deserto que vedes. Seja vosso comportamento como o destas areias, e assim como se deixam elas mover do vento, movei-vos vós às minhas palavras, porque é chegado o reino de Deus.

Sabeis o que sejam as areias? (Quero que continue falando João). Digo-vos que são rochas e penhascos desgastados e corroídos da erosão e dos ventos. O que era pétrea grandeza foi reduzida e humilhada ao ponto de simples areias movediças. Não vos torneis como os penhascos, que só com ecos respondem, e tanto mais respondem, quanto mais são duros e secos; digo-vos que do modo como nenhum deles há que resista a estas areias do deserto, movidas do vento, que se não desgastem, assim eu, que também sou vento, moverei as areias das massas humanas, e com elas desgastarei todos vós que sois penhascos e montes. As vossas convenções sociais derrubá-las-ei! Aquele que for monte arrasarei, e o que for vale encherei, que nivelar quero o caminho do Senhor!

O machado está posto à raiz da árvore que não dá bons frutos, continua o Batista; e como são os homens árvores invertidas, cujos galhos que dão frutos são as mãos; o que nas árvores são pés e raízes, nos homens são pescoços e cabeças. Cuidais vós que me apiede dos que não dão frutos nenhuns? Aquele cuja estrada venho endireitar, é o que às figueiras pede frutos até fora do

133 4 Rs 1, 10 e 12

134 Jo 3, 8

135 Lc 3, 11

tempo¹³⁶! Seja-vos isto notório e arrependei-vos! Batizai-vos com água, agora, até que venha Cristo que batiza com fogo e com Espírito Santo¹³⁷.

Ó geração perversa e adúltera! ó raça de víboras, prossegue o Batista, quereis fugir à ira vindoura pelo meu batismo? Pois se não derdes frutos de arrependimento, vão ele será! Arrependei-vos! eis a grande coisa que vos digo, e só para o dizer, vim ao mundo! Esta pregação não é minha, prossegue João, é pregação, que me manda Deus repeti-lo sempre, para que à força de martelar vos desperteis, ó rochas humanas! ó pedras duras que me respondeis com ecos, mas, não com as obras boas que vos peço, e só pelas quais vos salvareis! Como Jonas aos ninivitas, e como Noé aos do seu tempo, hei-de vos pregar um só sermão: o do arrependimento. Oxalá sejais como os ninivitas que se arreponderam, e até seu rei vestiu-se de saco e cobriu-se de cinzas, porque se fordes surdos, como o foram os dos dias de Noé, já ao seu pregar, já ao seu martelar, então, de nenhuma sorte vos salvareis! Fazei isto, que com paixão vos peço, por amor de vós mesmos, visto que a Deus já não amais.

Assim falara (ou suponho que falara, porque devia ter assim falado) assim falara o Batista, e assim falaram e falam os grandes solitários para que suas solidões não se resolvam em egoísmos.

IX

A segunda parte do sermão é a que só tumultos faz vazios. Eu cuidava que não acharia prova nem Escritura com que demonstrar esta verdade, mas vejo que me enganei. Dos solitários, que por seus egoísmos só foram solitários, totalmente não falarei porque deles não se tem o que falar; não criaram nada, fechados só dentro de si mesmos. Ora, o homem é o que faz; logo quem não faz não é, não existe. Por esta dificuldade não falarei dos solitários egoístas, que só viveram para si mesmos. São mortos, ainda que vivos, e porque vivem nas covas, bem era que a estas também se lhes pusessem os epitáfios. Eu, da minha parte, escolheria que se escrevesse numa: – *Aqui jaz quem cuidou que morrer para o mundo era também morrer para as obras; por este engano morreu duas vezes: morreu para o mundo por fugir dele, e morreu no espírito por fugir às obras.* Noutra: – *Aqui jaz quem por querer viver morreu; queria viver para Deus e morrer para o mundo; mas como Deus tanto assiste no mundo como no céu, com morrer para o mundo morreu também para Deus.* Nesta outra: – *aqui jaz um morto que se enterrou a si mesmo.* Ainda noutra: – *Aqui jaz quem morreu do remédio; o remédio cuidou-o que fosse fugir ao mundo; mas como não soube fugir (que este fugir tem arte, e muita arte!), morreu de fugir; morreu da cura por não saber curar-se.*

Há mais epitáfios? Sim há os destas covas, e verdadeiramente epitáfios, por concisamente dizerem tudo; numa diz: – *Aqui jaz um morto que já o era na vida.* Na outra: – *Aqui jaz um ninguém.*

Agora cuidava eu que a dificuldade era a mesma. Pois que? pode o que é vazio fazer alguma coisa, por que fique conhecido? Sim. Há deles documentos, e Escrituras, e provas, e exemplos até no presente. Por aqui começaremos.

Mas se declarei há pouco que o homem é o que faz; pode o que é vazio fazer? Sim, pode; porque é vazio-cheio. Do anacoreta do deserto, nada pude dizer, ainda que lhe pus na cova epitáfio, porque é vazio-vazio. É vazio das obras boas, mas também vazio das más; e ainda bem que o é destas. Mas o vazio das multidões é vazio das obras boas, e juntamente cheio das más; por isso eu disse vazio-cheio. Do anacoreta, porque é vazio-vazio, ou duas vezes vazio, nada direi, porque sendo o homem o que faz, como não faz, não é. Já o vazio-cheio porque faz obras más, sendo o homem o que faz, como faz, é. Mas sinto que me arguis de haver fundado meu raciocínio em suposição que não provei ainda; dai-me atenção, e o farei agora.

Quando a João lhe foram perguntar quem era, ele respondeu ser a voz que clamava no deserto. Perguntaram quem era, e ele respondeu o que fazia, porque o homem é o que faz. Quando da parte de João foram perguntar a Cristo Senhor nosso se ele era o Messias¹³⁸, não só para contar que o era, contou o que fazia, senão até, duvidando das palavras, fez, que este é o mais certo meio de dizer. Cristo nada disse, mas, estendendo a mão fez, e com isto se declarou quem era, porque o homem é o que faz. Que fez Jesus? Fez o que faria o Messias, logo é o Messias. Cristo quando quis pôr a Pedro por fundamento da Igreja sua, primeiro lhe mudou o nome de Simão para Pedro,

136 Mc 11, 13 - 14

137 Mt 3, 11

138 Lc 7, 21 - 22

que deriva de pedra¹³⁹; e não contente, diz que Pedro é pedra sobre a qual edificaria a Igreja sua. Tu és Simão Barjonas? Pois porque te quero por fundamento da Igreja minha, diz Cristo, hoje és Pedro, e amanhã, pedra. Fazes o serviço de pedra no alicerce? sejas, pois, então Pedro, que o homem é o que faz. E tu Tiago e mais João, continua Jesus, porque me haveis de pedir permissão para fazerdes chover fogo sobre as gentes de Samária¹⁴⁰, sois, já Boanerges, que quer dizer filhos do trovão¹⁴¹. Filhos do trovão? logo netos do raio, porque deste nasce o trovão. E aqueles que do raio são netos, e do trovão, filhos, não é muito que dos céus desejem fogo, para assolar a terra. E tu, Judas Iscariotes, que direi que és? Porque me hás de trair, diz o Mestre, e porque o homem é o que faz, és, já, agora, o Traidor. Porque o homem é o que faz, pelo estudo do que faz, descobrir-se-á o vazio.

Quereis ver o vazio? olhai para o que está ao vosso lado, e quem sabe até para vós mesmos. Vazio é o que não tem necessidade da solidão e da prece; é o que não pode entender porque Jesus teria dito que buscasse o silêncio do quarto, o que quisesse orar, e assim, de porta fechada, orasse em segredo ao Pai¹⁴². Esse é vazio. São vazios os que, tendo de tudo, se dizem desprendidos, e como tais, se põem por modelos dos homens, aos quais pregam que os grandes solitários, ainda que não têm nada, são uns egoístas. Os que só vivem ocupados com o momento que passa, os que só vêem na vida vantagens imediatas; os que semeiam as causas da dor, e depois se admiram dos frutos que colhem; os que só vêem superioridade no poder, na força e no dinheiro, esses são vazios. O que olha para o vizinho, e não para si; o que vê claro o defeito alheio, mas, não o próprio; o que condena a rapacidade nos outros (ou não a condena), mas, a própria deixa livre e operante, esses todos são vazios. Vazios são todos os que no mundo (dentro ou fora da carne) vivem para ele, os que só têm as vistas voltadas para as posições da terra, os que cuidam que se pode usurpar a felicidade, e se a pode conseguir por vias oblíquas, e não pelo trabalho honesto e pela renúncia, esses são vazios.

Mas para que é ir citando o que vêem os olhos, se temos nas Escrituras exemplos mais autorizados? Por causa de um prato de lentilhas perdeu Esaú o morgado¹⁴³, a benção do pai, que tudo era direito da primogenitura; toda a promessa de Deus em o fazer tronco de toda a posteridade, perdeu-a de um só golpe, no ponto que metia na boca um colher de comer; é só estômago? então é vazio, e disto deu-o prova aquele rústico, peludo e avermelhado homem, vendendo seus direitos ao irmão mais moço, delicado e débil. O primeiro era matéria e força bruta; o segundo, espírito e alma. Esaú se foi, depois de cheio o seu pandulho, diz o texto¹⁴⁴, pouco se lhe dando de ter vendido os seus direitos, por tão pouco. Jacó, porque tinha suas vistas voltadas para o morgado, ainda que era o segundo nascido de sua mãe, foi o primeiro, de seu pai, porque deste, e contra a vontade deste, recebeu a benção e a herança.

De Adão leio que perdeu o paraíso por comer um fruto¹⁴⁵; e o tentar enculpar Eva, por livrar-se¹⁴⁶, foi outra prova de vacuidade sua; pois se ambos formavam uma só carne¹⁴⁷; como condenar e punir Eva sem condenar e punir Adão? E se Eva foi-lhe a causadora da morte; como ao pôr-lhe o nome diz ser Eva, que quer dizer vida, e não morte?¹⁴⁸.

Se Adão era vazio por querer encher-se de um fruto; que esperar dos que lhe são filhos, que somos todos nós? Razão, pois, tive eu de dizer que provas não faltariam de vazios, num mundo que começou vazio. No começo Deus fez o céu e a terra, diz o Gênese; e a terra era vazia, e até sem forma¹⁴⁹; porém que depois de cheia viesse habitá-la esse famoso vazio, que foi Adão? ele que era a obra prima da criação? ele que era o rei e vencedor da vida, cair e afundar por vazio? Assim o foi.

O que mais se nota nos vazios, é que são cheios; fumosos e inchados, ou seja de ciência, ou de poder, mas, sempre inchados e cheios. Satanás despenhou-se dos céus por inchado e cheio¹⁵⁰. Elias pediu a Deus a morte do deserto, para ir-se aos céus, também por cheio. Eu dizia que o virtuoso é como o balão cativo, que, rompido o fio que o prende, se vai aos céus. Ora, o ser seu

139 Jo 1, 42 - Bíblia Sagrado do Ano Santo de 50, X, nota 7 do pé da pág. 107

140 Lc 9, 54

141 Mc 3, 17

142 Mt 6, 6

143 Gên 25, 33 - 34

144 Gên 25, 34

145 Gên 3, 6

146 Gên 3, 12

147 Gên 2, 24

148 Vieira, Sermões, X, 81

149 Gên 1, 2

150 Is 14, 14

aqui é o balão; o de que está cheio é a virtude; o fio é a vontade, por cujo esforço se prende cá embaixo. O vicioso é também balão ou recipiente cheio do que é pesado, que por isso tende para baixo. Assim o foi com Lúcifer, inchado e cheio de orgulho e ciência primeiro, e de tudo o mais depois; mas porque inchado e cheio, vazio; e porque vazio, caído para o centro da matéria.

Mas deixemos Lúcifer onde está, como entidade. Que? como entidade? então Satanás é entidade? Digo que é e o provo com Cristo Senhor nosso num oposto. Não está escrito: O reino dos céus está dentro de vós mesmos?¹⁵¹. Sim. Pois aquele que só tem o céu dentro de si, como estado perene de consciência, que é? É um anjo bom ou seja, um espírito superior. Ora, se o céu é estado bom, o inferno o é mau; e os que o tem a este sempre dentro de si mesmos, que são, senão diabos e demônios? Céu é estado de consciência; no entanto há as muitas moradas da casa do Pai, como nos referiu Jesus¹⁵². Mas o céu é lugar, ou é estado de consciência? É uma e outra coisa. O ambiente exterior é a exteriorização da consciência; quem a tem em estado de céu, exterioriza o bem; quem a tem em estado de inferno, exterioriza o mal. De sorte que há as muitas moradas da casa do Pai, que são os planos felizes, subindo-se do umbral, e os infelizes, descendo dele. O umbral começa na crosta terrestre, diz Lísias¹⁵³, e o baixo umbral, as trevas e as cavernas são esferas a se iniciarem na crosta, e descendo daqui para o centro da Terra¹⁵⁴. Que Cidade Estranha é a de que fala André Luiz?¹⁵⁵. Quem era Gregório, e que são os Dragões, aos quais ele servia?¹⁵⁶ Por este processo de descensão, que há no centro da Terra, senão o chefe supremo do mal em nosso planeta? e quem é ele senão Satanás? Assim a pirâmide ascendente, que tem por vértice Cristo, e por base nós, opõe-se a outra descendente, cuja base ainda somos nós, e o vértice, Leviatã. O mal é o inverso do bem, é o oposto, é o reflexo como em espelho. Satanás é a inversão de Cristo, e assim como há uma hierarquia ascendente, outra há descendente. Assim como Cristo é o Reino do Céu, e personifica as forças do bem, Satanás é o Reino do Inferno, e personifica as forças do mal. A diferença é só que o bem é definitivo, e o mal, provisório. Nós somos as bases das duas pirâmides. Aqui é a linha de frente da batalha titânica entre o bem e o mal. O que é bom sobe e o que é mau desce pela universal lei das densidades. Tão impossível é ser-se bom no inferno, sem subir de nível, como mau no céu, sem cair dele. Contudo não há um Satanás para o sistema planetário solar, como há um Guia supremo dele, e isso porque, estando Lúcifer no centro da matéria, não se pode sair dela e operar fora, entre os orbes, numa coordenação geral.

Mas para não fugirmos ao assunto pela digressão, e antes dispartindo estarmos nele, vejamos os famosos vazios que foram Herodes, Herodias, e sua corte.

X

O maior dos três Herodes foi o Grande. Mas porque ou em que Grande? Grande porque vazio; Grande em ser mau e perverso. Satã, do centro em que está, meteu a mão por cima da cabeça e a pôs fora da superfície da Terra; e essa mão foi o trono de Herodes, o Grande. Ao maior poder do céu, que é Cristo (para nossa Terra), se tinha de opor o maior poder do inferno, cujo cêrbero era Herodes, e por isso, e só por isso, Grande.

Convoca Herodes os doutores de Israel, e lhes pergunta onde nasceria Cristo. Em Belém de Judá, disseram os maiores do povo. Em que tempo? Pela profecia de Jacó, nosso pai, disseram, no tempo em que um estrangeiro estivesse no trono de Judá¹⁵⁷. E vós sois estrangeiro com serdes idumeu. E Balaão disse (continuam eles), que uma estrela sairia de Jacó ou Israel¹⁵⁸; e como essa estrela, que os magos viram, saiu daqui de Jacó, que é onde estamos, cumprida está a profecia, logo é nascido o Messias. Há clareza mais clara? Contudo não houve nenhum dos doutores e letrados que sáisse a ver Jesus e a o adorar. E por que? Porque eram vazios e a ciência e o saber que os inchava, os tornava densos para os levarem aos infernos, e não leves para os levarem aos céus. O próprio Herodes, em matando os inocentes, deu bem mostra de como queria adorar a Cristo, conforme prometeu aos magos. Esse cêrbero não ia já aos infernos, tragado pela terra aberta em abismo, porque, como dizia, tinha por trono a mão do mesmo demônio que o amparava

151 Lc 17, 21

152 Jo 14, 2

153 André Luiz, Nosso Lar, 3ª Ed. pág. 58

154 André Luiz, Nosso Lar, 3ª Ed. pág. 217 - 218

155 André Luiz, Libertação, 1ª Ed. pág. 52 - 64

156 André Luiz, Libertação, 1ª Ed. pág. 103

157 Gên 49, 10

158 Num 24, 17

e sustinha cá na superfície. Em sabendo Herodes do nascimento de Cristo Senhor nosso, diz o texto, que se turbou e toda a Jerusalém com ele. Ó Jerusalém vazia, que apedrejas os profetas e matas os que te são enviados! Em te turbares com Herodes, bem mostras que do sórdido animal ele é a cabeça, e tu, o corpo !

Herodes, e não menos monstro, foi o de hoje, relatado neste Evangelho, e que deu morte a João; teve ele por sobrenome Antipas; era filho de Herodes o Grande. Tão vazio foi este, não sei que diga (que lhe chamar monstro acho pouco), e tão inchado do trono que do pai herdara, que só porque Salomé o excita com danças lascivas, manda a ela que lhe peça o que quisesse, até a metade do seu reino. Há estupidez maior? há maior vacuidade? Sim, há. Foi a de Herodias que, consultada pela filha Salomé, pede num prato a cabeça de João Batista. Não é como eu dizia que aqui na terra é campo de luta do bem contra o mal? Percam-se coroas, percam-se tronos, percam-se honras, reputações e vidas, contanto que se ponha num prato a cabeça do maior dos nascidos, para que não perverta o mal que é o bem dos maus. Este mesmo Herodes, em ouvindo falar dos prodígios de Cristo, disse à sua corte: – Este é João que matei, ressuscitado¹⁵⁹. Um tal homem que conhecia e cria na ressurreição dos mortos, concluiu-se depois com Pilatos na morte de Cristo.

Ó Senhor, Jesus meu! com toda a reverência que vos devo, dai-me licença de discordar de vós, no que dissestes desse Herodes! Vós dissestes que ele era raposo¹⁶⁰, e eu quisera dissésseis que era toupeira. Vós com dizerdes que era raposo o elogiastes, porque a raposa é o símbolo da agudeza. Mas eu que o vejo tão lerdo, e errado, e estúpido, e vazio; como lhe não hei-de cuidar que é toupeira? Mas vós dissestes raposo, seja então raposo que haveis razões que não alcanço.

Como se não bastassem estes dois Herodes, houve o terceiro, de sobrenome Agripa, para formar a trindade infernal. Este foi o que deu morte de espada a Tiago e prisão a Pedro. Mas voltemos nos Herodes; ao Antipas, filho do Grande, que empenhado ainda estou com ele.

Herodes Antipas foi a quem Pilatos mandou Cristo; e que fez? Cobriu-o de ignomínia, vestindo-o de rei de zombaria, coroando-o de espinhos e metendo-lhe nas mãos, por cetro, a cana suja. Bem comparou o Senhor noutro tempo estes vazios a crianças que gritam nas praças¹⁶¹. O que faziam era próprio das crianças, e se tudo não estivesse escrito, eu cuidara que homens feitos não pudessem fazer tal.

Enquanto tudo faziam a Jesus, o populacho gargalhava inconsciente pedindo se soltasse a Barrabás, e se crucificasse a Jesus. No pretório de Pilatos, na maior das inconsciências, pediam os judeus que lhes caísse nas cabeças próprias e nas dos filhos o sangue do inocente.

Mas que é isto, Deus meu!? Pouco há este povo não cantava hosanas ao Filho de Davi, e não punha nos caminhos os seus vestidos? Sim. Pois como mudou tudo, e o vento que soprava de um lado, sopra agora no oposto? Porque o povo é vazio e procede em tudo como o vento. Paulo teve prova disto em Listra, cujo povo, a princípio, o teve por Mercúrio descido do Olimpo, em forma humana, e até quis fazer-lhe sacrifício de um boi¹⁶²; mas depois da instigação de alguns vindos de Antioquia e Icônia, o mesmo povo o apedrejou a ele por feiticeiro. Maldito o homem que confia em homem, escreve Jeremias¹⁶³. A mesma boca que louva, blasfema; o mesmo ânimo que é bom, é mau aqui na crosta terrestre, onde todos se confundem, bons e maus, por ser aqui o equador entre os dois pólos – Cristo e Satanás. A língua é pequeno órgão que, como diz Tiago, produz incêndios. É leme, diz o mesmo Tiago, que leva a nau do homem para o norte ou para o sul¹⁶⁴. E porque esta inconstância, que bem a fixou Esopo num ensinamento de sua vida¹⁶⁵. Porque os homens dos tumultos são vazios, e tanto mais vazios, quanto menos se preocupam com a busca de Deus.

Ah! inconstante língua que, porque não tem osso, se move mais que o vento! Ah! massas ignaras, que com a mesma facilidade com que dizem: – Hosanas ao Filho de Davi, dizem depois: – Crucifica-o! Ó vazios, cuja vacuidade mais se mostra no falar! Bem disse Jó de seus amigos, que se ficassem quietos, podiam passar por sábios!¹⁶⁶ Os discursos deles diz Jó¹⁶⁷, serem de vento. Ó humanidade versátil! ó homens vãos! Vós correis atrás das coisas efêmeras, como o jogador, atrás

159 Mc 6, 14

160 Lc 13, 32

161 Mt 11, 16

162 At 14, 11 - 19

163 Jer 17, 5

164 Tg 3, 5 - 6

165 Esopo foi mandado uma e outra vez a comprar a melhor e a pior coisa do mercado, para dois banquetes sucessivos; e foi e trouxe, nas duas vezes, língua, por ser, como disse, a melhor e a pior coisa que há no mundo.

166 Jó 13, 5

167 Jó 16, 3

da bola. De correr atrás dela, muitos se tornam ídolos para vós. Os vossos ídolos são os que correm atrás de um vento aprisionado num couro? Então desenganai-vos, que como eles, e a bola deles, por mais inchados e cheios que estejais, sois vazios!

XI

Acabei o sermão. Mostrei, como prometi, os dois extremos, ao longo do qual os homens se debatem: a solidão e o tumulto. A solidão, se é só solidão, aos evoluídos faz egoístas, que só estes a ela suportam. O medíocre diz que o solitário é egoísta, mas, nem sempre o é; o vir da soledade, o eremita, fá-lo, ele, com esforço. Duro é o ter de suportar a presença de todos que vivem de dizer tolices, e de falar muito sem dizer nada; duro é. Mas é preciso dizer alguma coisa no meio da multidão, para que a entenda quem possa entender. Então o solitário vem, e diz, e some-se de novo.

O homem comum se sente a gosto no ambiente humano; esse ambiente, que é o da sua satisfação, já existia antes que nascesse; para ele está a sentença d'A Grande Síntese que diz: "Ai daquele que se sente muito a gosto no ambiente terreno: isso significa que está aí o equilíbrio do seu peso específico espiritual"¹⁶⁸. A esse, digo que procure no retiro e na prece sentir a voz de Deus, que lhe fala no profundo da alma. Se cuida esse que a solidão é egoísmo, eu digo que sim é, mas, para o superior que a pode suportar e viver nela. Mas para ele, medíocre, a soledade é a maior de todas as renúncias; tamanha é, que ele angustiar-se-á, como no deserto se angustiou o povo hebreu. Para o que só tem a vida dos sentidos, aponto o ermo, e lhe digo: aprendei a viver no espírito; retiro, meditação e prece, eis o caminho da edificação interna. Que seja bem lembrado o exemplo de Jesus, que se ia constantemente aos retiros mais ermos a orar. A batalha do Getsemani, de suor, de lágrimas e de sangue, donde se saiu vitorioso para o Gólgota, Cristo a venceu orando e vigiando, e por não terem feito isto argüiu seus três Discípulos¹⁶⁹.

Eia, pois, vós, que sois bem intencionados; se sois medíocres aponto-vos a soledade, para que vos edifiqueis; se gostais do isolamento, ponde-vos no meio das multidões a-fim-de que a ajudeis subir aos céus. Aos que têm prazer no retiro, eu lhes digo: cuidado! não vos percais dentro de vós mesmos! As conquistas só realmente o são, quando tomam sua expressão nos atos, quando se cristalizam na ação. O homem não só tem cabeça e coração, senão também braços. Cristo diz que o Pai não cessa de agir até agora, e ele também¹⁷⁰. Pois se é Cristo o que mais age; como é também o que ensina que a prece se há-de fazer no quarto, de porta fechada, e em segredo? Porque se isola com seus três íntimos no Getsemani, e ainda destes se afasta mais, para ser de mais silêncio o seu recolhimento? É porque como eu dizia, o recolhimento e a prece é pão; e se até Cristo Senhor nosso não prescindiu deste pão; quem somos nós para o desprezarmos? Qual é o manjar que Jesus disse ter, desconhecido dos Apóstolos¹⁷¹, senão o da prece feita nos cabeços ermos dos montes solitários? Não é aqui que buscava para si forças que gastava no trabalho rude de suportar os homens cá embaixo, no meio dos quais executava a vontade do Pai? Por que mistério os mais altos e mais levantados feitos de Cristo se deram nos montes? Até a escolha do Calvário, que correu por conta das massas ignaras, foi guiada pelo Alto para que fosse monte, e não várzea ou vale.

Quereis saber se sois medíocres e vazios? Pois ide-vos à solidão e vede como vos comportais ali; vede o que sentis; se o tédio vos assalta, sois medíocres; se gozais, não o sois. Quereis saber se sois superiores? Ide-vos aos amontoados humanos, aos salões e saraus chiques, às festas e aos folguedos; ouvi a todos os que falam mas não dizem, e quando voltardes para vossas casas sem terdes aproveitado e aprendido nada, vede como vos sentis: se estais satisfeitos, sois como é a multidão; se estais entediado, já vos estais afastando dela e progredindo.

XII

O que são os amontoados humanos, senão um crescendo ou decrescendo da grande sinfonia "Estômago e Sexo", onde cada um emite a sua nota particular no instrumento que lhe é próprio? Já ouço os graves mais que profundos, das vibrações quase físicas, dos homens práticos, que como as mais graves notas do trovão fazem tremer a vidraça, a parede, a casa e a Terra inteira.

168 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 291

169 Mt 26, 40

170 Jo 5, 17

171 Jo 4, 32

Aí estão os estadistas, os governos e os homens de negócios, dentre os quais vibram alguns, notas tão baixas e profundas, que já não são vibrações, são tremores; tremores são estes, como os do diabo, que por ter fé se treme¹⁷². Mas como som nenhum há, nem nota, que não tenha harmônicos, e estes são sempre os múltiplos das vibrações; no meio do grave e profundo das vibrações dos abismos, das barrocas e dos charcos, há sempre o perfume das flores, e os agudíssimos que só os podem dar as notas da dor.

Agudo e mais que agudo é o pensamento do gênio, e ainda que soa sua nota no meio dos homens, não lhes encontra ressonância porque (isto é científico) harmônicos não os há, descendo da fundamental, mas, só subindo dela. Ora, quem vibra baixamente como pode responder às vibrações agudas? Se os harmônicos mais agudos do grave não chegam, em agudeza, à fundamental do gênio; como pode ser este compreendido? Quebre pois Moisés as tábuas da Lei, e ainda que são tábuas da Lei quebrem-se que só com gestos físicos e sons de matéria, podem os que são só matéria ver e ouvir! Ó dor! ó desolação! ó cansaço! Contudo tem o grande de viver no meio de todos e participar dos pequeninos nadas! Há-de ele vibrar com as mãos, agindo e fazendo, porque sua boca há-de estar emudecida! Ó Beethoven! à-toa não foi que tu tiveste os cantos da boca recurvos para baixo, num angustioso e perene rito de ironia e de sarcasmo! Tão grande foi a dor tua, que nem tua máscara mortuária escapou de ficar com essa marca dos infernos!

É bem, Jesus meu! é bem que Anjos dos céus, como Alcione Vilamil e Célia Lúcius¹⁷³, pousem na terra podre e malcheirosa dos pântanos e dos vales, onde soa, e cresce, e avulta, e domina o coro dos batráquios? É bem, Senhor meu! que vós desçais da transfiguração e do monte, a expelir demônios, que nem os vossos Discípulos juntos puderam expelir?¹⁷⁴ É-vos bem que suporteis, ao que chamais de geração incrédula e perversa, é-vos bem, Senhor? Sim, é, responde o Senhor. É da lei que “a evolução volva atrás e leve consigo os instrumentos do seu labor”¹⁷⁵. “É lei da natureza que as grandes criações se originem de grandes dores”...¹⁷⁶

Sim, esta é a lei. Que faz a matéria no ponto que se torna energia? Tanto que te desfazes de matéria, a ela volves, e a investes? Então não tocas adiante a superar o tempo, como onda, já que superaste o espaço, como matéria? Tua ânsia não é a da libertação, com que te lanças pelo ilimitado? Sim, é, diz a energia; mas eu, para ir-me às formas mais altas, hei-de investir as mais baixas; se não invisto a matéria não chegarei a ser vida, que é para o que me destino; o meu caminho de avançar está no retroceder e ajudar, que é da lei da evolução que torne atrás, o que avançou, a fim de auxiliar o que se atrasou.

Que a matéria se torne energia, é coisa comprovada hoje, e fato que se não discute; porém “A Grande Síntese” avançando mais, diz que, do modo como os corpos densos e radioativos, do fim da escala dos corpos simples, se transformam em energia, também, na escala dinâmica, em seu último grau, a eletricidade se transforma em vida¹⁷⁷. “A base da vida é, precisamente, um sistema elétrico de fundamental importância, que a tudo preside”¹⁷⁸.

Há mais clareza? É a vida, que faz ela? Do modo como a energia investe a matéria e a move, e como ela se funde numa simbiose, que se não concebe uma sem a outra, assim também a vida investe a energia, no mesmo ponto que é investida pelo psiquismo mais alto. Deste modo que é mais alto sempre se encurva sobre o mais baixo, que é o instrumento do seu labor, com que se eleva a si e mais ao instrumento seu. A subconsciência (consciência instintiva) é investida pela consciência, e esta, pela superconsciência; assim instinto, razão, intuição, tudo funciona em cadeia onde uma coisa cresce por fazer crescer a outra. As dimensões (medidas das fases) abrem-se numa cada vez maior liberdade, começando pelos planos subfísicos, onde o espaço ainda não nasceu, e indo-se para os superfísicos, onde ele já morreu. Com a matéria nasce o espaço; com a energia, o tempo; com a vida, o instinto; com a consciência, a razão; com a superconsciência, a intuição. “O grande mar da energia, que fora matéria, se transforma no mar imenso da vida, que se muda em consciência”¹⁷⁹.

Que é a mesma reencarnação, senão uma investidura da matéria, onde quanto mais para baixo se dobra o espírito, tanto mais dura e rija é a luta, e maior a têmpera conquistada? E neste pelear quem leva a melhor é o espírito, com ampliar os seus domínios. É de saber que o espírito,

172 Tg 2, 19

173 Emmanuel, "Renúncia" e "Cinquenta Anos Depois"

174 Lc 9, 40 - 41

175 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 212

176 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 281 - 282

177 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 149 e 151

178 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 160

179 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 219

ao investir a matéria densa, em nova reencarnação, não o faz pela matéria (a qual força evoluir), senão por si. O mestre com ensinar aprende, com ajudar ajuda-se, com iluminar ilumina-se, visto não haver quem possa acender luz para os outros, que a si não se ilumine primeiro.

A vida, qual a que se vê na Terra, hoje, só sabe investir e trabalhar corpos simples do começo da escala estequiogenética, mas, tempo virá em que, mais evoluída ela, investirá até os mais densos. O hectoplasma das materializações espirituais é já um estágio avançado na escala estequiogenética¹⁸⁰; logo, o médium de efeitos físicos é um supertipo biológico (em sentido orgânico), capaz de investimentos mais complexos. Mais tarde os espíritos gigantes não precisarão reencarnar-se; materializar-se-ão, para os feitos a que se dispuserem fazer. Um dia o sexo não será, juntamente com o estômago, uma dura imposição, e o homem (então super-homem) estará liberto para amar com amores cada vez mais espirituais, longe da animalidade que ora nos acabrunha. Comer e reproduzir são os dois tributos mais pesados que pagam os Anjos, quando em trânsito na Terra, porque são duas funções que humilham o homem e lhe atestam a sua, não origem, mas atualidade animal.

A necessidade de reencarnar-se é imposta pela lei que diz ser forçoso volver atrás, e cobrir a estrada percorrida, porque a repetição é base do aprendizado. Não há, pois, só subir sem descer; há-de se descer ajudando, que só este descer é subir. Cristo não se foi com os dois Discípulos para Emaús, para os trazer a Jerusalém?¹⁸¹. Pois como é isto? Então ir-se com os que vão, é vir e os trazer? Sim, é. Logo, descer com os descidos, se por amor deles se desce, é subir-se a si quem desce, e levantar os descidos. Isto foi o que entendeu e sentiu Albano Metelo, aquele espírito glorioso, tanto que viu Jesus iluminando consigo mesmo, que é todo luz, o vale das sombras¹⁸².

É, pois, lei da natureza que ir por diante seja tornar atrás ajudando, que só neste ajudar está o fazer, o repetir, o fixar, o variar, o transferir, o extrapolar, que tudo é evoluir. Não se há-de ir por diante de mãos vazias, senão cheias; não se há-de ir só, senão seguido, tirando-se, pelos de trás; não se há-de ir sem esforço, mas forçoso é ir (e só este ir é ir) por meio da ajuda aos outros. Eis aqui está a simbólica visão da escada de Jacó¹⁸³. Não diz lá que os Anjos subiam e desciam por ela? Que subissem não reparo, que é dos Anjos o subir; mas que descessem, grande reparo. Mas é que descer é subir, e quem não desce ajudando não se sobe a si mesmo evoluindo. De maneira que os Anjos que desciam eram depois os que subiam mais levantados; desciam Anjos e se subiam Arcanjos; desciam Arcanjos e se subiam Potências; desciam Potências e se subiam Virtudes; desciam Virtudes e se subiam Dominações; desciam Dominações e se subiam Querubins; desciam Querubins e se subiam Serafins, e de mais subir e descer não sei que vos possa falar.

Vede agora, vós que me ouvis, porque os gênios, os santos, os heróis e os artistas, ainda que fogem das multidões, a elas tornam arrastados? O maior instinto da vida é a evolução, e forçar a alheia é fazer a própria. Inútil será fugir quem tem de cooperar.

Aqui estão os dois extremos, pólos do sermão: isolamento e tumulto. E como os extremos se tocam, aqui estão tocados, e ligados, e enlaçados, nestas conclusões finais. Vir dos desertos, onde clama, é dever de João Batista; ir-se a eles é dever das multidões. Vir dos desertos a falar aos que não podem ir aos desertos. “Se o gênio não se abaixar até ao seu nível (do homem), ele de certo não saberá elevar-se até o gênio”¹⁸⁴. Vir dos desertos a pregar a Herodes que, porque Herodias é mulher de seu irmão Filipe, não lhe é lícito o tê-la por esposa. Ainda que lhe custe a cabeça, como lhe custou, isto há-de pregar¹⁸⁵. Ir-se aos desertos, aos ermos, às solidões, às preces é obrigação de quantos arrependidos buscam Deus, e mais a salvação. A paz de Jesus esteja conosco .

Piraju, 20 de Junho de 1952

180 A Grande Síntese, Ed. FEB, pág. 234

181 Lc 24, 13 - 35

182 André Luiz, Obreiros da Vida Eterna, 2ª Ed. pág. 16 -17

183 Gên 28, 12

184 A Grande Síntese, Ed. FEB. Pág. 267

185 Mc 6, 18

SERMÃO DO FILHO PRÓDIGO

*E o filho lhe disse: Pai, pequei
contra o céu, e diante de ti; já não sou
digno de ser chamado teu filho.*¹⁸⁶

I – Exórdio

Tanto Fausto de Goethe, como o Livro de Jó tem seus prólogos nos céus, como referem Wells e Huxley¹⁸⁷. Jó representa a virtude; Fausto, a ciência; a Jó antes, e a Fausto depois, tentou o diabo, mas, por diferentes modos. A Jó tentou-o tirando-lhe tudo o que possuía; primeiro os bens, depois os filhos e finalmente a saúde; e para sua maior desgraça, foi-lhe preservada a mulher e os amigos, tudo para o atormentar. A mulher o mandava que amaldiçoasse a seu Deus e morresse¹⁸⁸, e os amigos lhe diziam que se sofria, era porque Deus o punia de pecados¹⁸⁹. Sendo Jó virtuoso conformava-se dizendo ter saído nu do ventre materno, para nu ali retornar. Jó era poderoso e rico de começo, e ficara pobre depois, mas, por vontade alheia à sua; tudo aconteceu à sua volta sem que ele se alterasse no seu íntimo. Dois erros cometeu o diabo aqui. É que se tendo conservado Jó fiel a Deus, no muito que possuía, só poderia cair por uma posse ainda maior; ao invés de lhe aumentar os haveres, para que, em ficando assoberbado de matéria, olvidasse a Deus, tirou-lhe o muito que possuía fazendo-o, por isso, não mais apartado, senão, mais vizinho de Deus. Este é o primeiro erro, e vamos ao segundo.

Virtude é sabedoria, e tanto que Salomão pedindo a Deus um coração reto e justo, diz-lhe Deus que o atendia, fazendo que fosse o mais sábio de quantos vieram antes e viriam depois. Pediu virtude, Salomão, e Deus lhe dá sabedoria, porque sabedoria é virtude. Se Jó, pois, sendo virtuoso era sábio; em lhe tirar o poder de que dispunha, não podia estar a causa de se corromper. O poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder. Mas se o ignorante é fraco porque detém o poder, e tanto mais fraco, quanto maior é este, logo que se lhe tira o poder, cessa de ser fraco, porque sem o peso que o derrubava, pode agora andar desimpedido. Se, pois, só com tirar a carga ao fraco, fá-lo menos fraco e mais forte; quanto mais forte não ficaria sem ela, quem já é forte? Se Jó era forte, porque virtuoso ou sábio, ainda que com a carga do poder e da riqueza; quanto mais leve e forte não ficaria sem ela? por isso errou segunda vez o diabo, em o fazer pobre, que só na sua maior riqueza e poder podia estar a sua perdição.

Muda de tática o diabo, depois de sua derrota com Jó, e a Fausto, fá-lo moço, sendo velho, e rico, sendo pobre. Mas a ciência de Fausto, posto que muita, não chegava a ser sabedoria, pois, toda era da cabeça, e nenhuma do coração. E se Fausto suportava tão mal sua miséria e desprezo; se caía já com tão pouco, por lhe faltar sabedoria pela qual ansiava; como não havia de cair com o poder da mocidade, sendo já velho, e da riqueza, sendo pobre? Se o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder; como não cair com um poder, e tal poder, quem só tinha ciência, e dizia, de si, que “a humana insciência é lei nunca infringida”¹⁹⁰. Quem não tem sabedoria, mas, só ciência, como não cair com um poder tão grande, qual seja a riqueza aliada à mocidade? Lá já se recomendava Salomão, dizendo que se não esquecesse o moço do seu Criador,

¹⁸⁶ Luc 15, 21

¹⁸⁷ Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 5, 15

¹⁸⁸ Jó 2, 9

¹⁸⁹ Jó 4, 7

¹⁹⁰ Goethe, *Fausto*, Clássicos Jackson, XV, 27

nos dias da sua mocidade¹⁹¹; e ele, que se recomendava o não esquecer na mocidade, esqueceu-o na velhice, e isto, por causa da riqueza e do poder; apesar de ser o mais sábio dos homens, tropeçou e caiu, pela luxúria, ao peso do seu grande poder, chegando até à idolatria dos deuses, pela muita paixão que votava às mulheres do seu harém. Se com um saber de Salomão se cai, quanto não cairá o que só tiver poder e não saber? Andou, pois, bem, aqui, o diabo, na perdição de Fausto, quanto andara mal, na perdição de Jó, pois, o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder.

Tenho me declarado quanto ao assunto de hoje; e tendo só falado do Evangelho, a ele ainda não me referi. O caso é do Evangelho, porque é o do filho pródigo que por desejar correr mundo, pede ao pai a parte que lhe toca na partilha da fazenda. A Jó e a Fausto tentou-os o demônio por iniciativa do mesmo demônio, e se caísse o primeiro, como caiu o segundo, ambos, contudo, se poderiam desculpar de não terem caído por iniciativa própria. Mas o moço rico, que como um outro Fausto, se saiu a correr mundo e a esbanjar os bens; de que modo se poderia desculpar da queda? Quem o tentou? Tentou-se ele a si mesmo, pois, no ponto que trocava o amor do pai pelo da riqueza, tornou-se diabo e demônio. Como Satanás, querendo ter mais do que possuía, perdeu o que tinha, porque, como bem notou Vieira, “quem quer mais do que convém, perde o que quer, e o que tem”¹⁹².

O moço desamoroso caiu por cometer o erro de pedir riqueza, sendo já rico, visto estar com o pai. Só o estar com ele era causa de não poder ser mais rico do que já era; e isto foi o que disse o mesmo pai ao filho mais velho, para o consolar: – tudo o que é meu é teu, disse-lhe o pai; compreendeu-o também o filho mais moço, quando morria de fome sobre as landes ou bolotas, que lhe não permitiam comer dos porcos. Lá no chiqueiro, arcado sobre o cocho, disputando as landes com os porcos, lembrou-se de que, na casa de seu pai, até os serviçais tinham melhor vida. Não é como eu dizia, que por estar junto do pai era já causa de ser rico? Mas como no mundo tantos buscam riquezas, sendo ignorantes; tantos que se querem afastar de Deus, para terem nada, cuidando que terão tudo; por amor deles me animei a pregar este sermão, e, nele, mostrar que este mundo está às avessas do verdadeiro; que sereis pobres, sendo ricos, e ricos, sendo pobres; que sereis grandes, sendo pequenos, e pequenos, sendo grandes; que é riqueza (e só esta riqueza é riqueza) o estar em Deus, ainda que sem nada, que ter o mundo inteiro, não o possuindo a ele. Enfim que o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder.

E para que possa desincumbir-me de tão pesada tarefa, peço a Deus que, só, tudo pode, que eu, sem ele, nada posso, para que faça o sermão, ainda que por meio deste seu pobre servo.

Assim seja!

II – A narrativa da luta de Davi contra Golias

O primeiro dos três dos trinta fortes de Israel chamava-se *sapientíssimo*¹⁹³, e não fortíssimo, como devera ser, e isto, porque o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder. Poder era, e grande, o de Golias; contudo porque lhe faltou o saber, por isso caiu ele e toda a sua fortaleza de uma pedrada que lhe deu Davi¹⁹⁴. Tão confiante esteve o gigante da sua estatura de dois metros e meio, da sua lança, que mais parecia um rolo de tear, da qual só a ponta pesava seiscentos siclos de ferro, equivalendo a sete quilos e trezentas e oitenta gramas, feito o cálculo, ainda, pelo sistema leve, pois que havia o pesado; tão confiante ia ele da sua armadura de cascos, corselete, escudo e caneleiras; tão certo de triunfar, como até ali sempre triunfara, que se mostrou ressentido de Davi lhe fazer frente com apenas um cajado, pois era só o que via. – Serei acaso um cão, disse Golias de Gath, para que me enfrentes tu com teu cajado? Golias não viu a funda, nem as pedras perigosas ocultas na sacola do pastor. E não com mais que uma pedra, pois “na guerra não se permite errar duas vezes”¹⁹⁵, prostrou Davi a Golias, e com a mesma espada do gigante cortou-lhe a cabeça.

Pela história sabemos que os hoplitas atenienses caíram sob o ataque da falange dos Mirmidões, e isto, não porque o falangista isolado fosse melhor que o hoplita, senão porque a essência da força da falange estava na organização militar, pela qual a turba de guerreiros individuais se transformou num organismo de tropas, com poder, por isso mesmo, dez vezes

191 Ecl 12, 1

192 Vieira, Sermões, VII, 277 - 278

193 II Reis 23, 8

194 I Sam 17, 49

195 Vieira, Sermões, XI, 227

maior, que o mesmo número de guerreiros, se dispersos¹⁹⁶. Vence, pois, mais uma vez a sabedoria da organização, sobre a força bruta desorganizada. O hoplita usava armas pesadas, e o falangista também; por isso, como vos disse, o aumento de poder residiu somente na sabedoria da organização. Assim as gloriosas falanges espartanas foram um Davi, em relação aos hoplitas atenienses, que caíram como Golias. Contudo este Golias caído ressuscitou noutro Davi, que foram os peltastos; e como novo Davi reencontrou-se com o agora Golias das falanges espartanas, e as desbaratou.

Os peltastos têm os nomes dos escudos (pelta) leves que levavam, de madeira ou couro. Como se não bastara a leveza das armas destes novos Davis, juntaram-se eles aos tebanos, cuja técnica adotaram. Foi frente a este poder novo que caiu Esparta no Sec. IV, A.C., invencível, até então, pelas suas falanges de hoplitas, ao poder mais sábio de outra falange, a de peltastos.

Contudo, diz Cristo Senhor nosso que quem com ferro fere, com ferro será ferido¹⁹⁷. O poder ateniense e tebano de peltastos, de Davi que fora, transformou-se em Golias, em relação a um novo Davi que surgia; este foi uma formação macedônica, refinação bélica constituída pela integração de um escaramuçador e de um falangista montado num cavalo. Ferida a batalha no ano 338, A. C. , caiu de novo Golias ao poder e sabedoria maiores de Davi.

Esta falange macedônica que, com Alexandre, fez tremer o mundo, caiu por sua vez ao impacto dos legionários romanos, de tática e armas refinadas na dor terrível da derrota que sofreram em Canas, no tempo da guerra com Aníbal.

Vem depois a derrota do legionário romano, pelo arqueiro a cavalo em Carrae, no ano 53 A.C.

Em plena Idade Média, encouraça-se, de novo, o homem e o cavalo, para cair, por sua vez, sob o poder de um cavaleiro inteiramente sem armaduras, munido apenas de um Chuço longo e leve, semelhante a um fuso. Foi isto na batalha ferida no lado ocidental da Cidade da Paz (Bagdá), em 1258¹⁹⁸. Contra os mongóis, limpos de couraças, investiram os tártaros, montados em cavalos árabes, tão equipados de armaduras, que mais pareciam, diz o historiador sociólogo¹⁹⁹, u'as montanhas. Ferida a batalha, caiu de novo Golias ao poder de Davi, fechando o ciclo histórico, que começou no recontro do filisteu com o israelita, ambos a pé, no vale Terebinto, e acabando com outro recontro, o dos mongóis contra os tártaros, vinte três séculos mais tarde²⁰⁰, com a diferença de que neste recontro Davi e Golias estavam a cavalo.

A história continua daí, mas, basta já destas provas, e voltemos ao enunciado do sermão, de que o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder; esta é a razão por que, o primeiro dos três dos trinta fortes de Israel se nomeava sapientíssimo, e não fortíssimo. Só no saber está a garantia da força; no poder está a fraqueza.

Na história militar, como vimos, venceu sempre a inteligência sobre a força bruta. Quanto mais delicadas e sutis são as formas de luta, tanto mais probabilidades há de vitórias para quem as empregar. No mundo biológico triunfou sobre os encouraçados répteis, os mamíferos delicados, ágeis, e de pelos macios. Parece que aqui podemos trocar o enigma proposto por Sansão, e dizer que do doce saiu o forte, e da comida, o comedor²⁰¹; porque os Davis, humildes e dóceis, acabaram sempre por comer os Golias, comedores e fortes; e tanto que os Davis se habituavam a ser comedores e fortes, próprio dos Golias, novamente eram comidos por outros Davis, enquanto ainda doces e comidas. A seleção no mundo sempre se fez no sentido de apurar o mais sábio, mais refinado, mais doce, mais espiritual; Davi representará sempre as forças sábias do espírito, e Golias, as baixas e ferozes da matéria, e é da lei de Deus que o espírito prevaleça sempre sobre a matéria, e que o Arcanjo derrote a Satanás.

III – O poder e o saber

Tenho declarado e provado a valia do saber, que é já em si poder; contrariamente o poder sem saber é fraqueza. Poder era o de Sansão; contudo porque não foi sábio guardador do seu segredo caiu às mãos de Dalila primeiro, e às dos filisteus depois, os quais lhe vazaram os olhos, e o puseram, como um bruto, a rodar um moinho; e se derrocou Sansão as colunas do templo de

196 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 623 - Ed. Jackson

197 Mat 26, 52 – Gên 9, 6 – Apoc 13, 10

198 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 628

199 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 628

200 Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 628

201 Jui 14, 14

Dagon, matando os filisteus, não o conseguiu fazer, senão matando-se a si também com eles²⁰². Poderoso era Holofernes; contudo porque confiou no seu poder brutal, e não desconfiou da mulher e do vinho (que ambos tiram ao homem o juízo), foi decapitado por Judite que levou sua cabeça a passear por sobre as muralhas da cidade de Betúlia, à qual dera ele sítio²⁰³.

Todos os males do mundo provêm da ignorância. O homem ignaro quer enriquecer-se, e tem para si que todos os caminhos lhe servem; com isto cai, porque a riqueza é poder que, desacompanhado do saber, é fraqueza. Um exemplo disto temos no Evangelho de hoje. Ardía o filho mais novo de um pai, no desejo de correr mundo. Pede a partilha dos bens, estando o pai em vida; este que com razão lha podia negar, contudo, porque o amava, e o queria livre, e não escravo, fez-lhe a vontade. E que sucedeu então? Sucedeu ao moço desamoroso e tolo, que se indo pelo mundo esbanjou tudo o que possuía chegando a ter de apascentar porcos. Encurvado e faminto sobre as bolotas, que não podia comer, pois lho não permitiam, lembrou-se de como viviam em abundância os serviçais da casa de seu pai.

Humilhado primeiro, humilde e arrependido depois, se dispõe a desandar o caminho que fizera, voltando, não como filho, como dizia de si para consigo, que disto não se sentia digno, mas, como simples serviçal.

O pai não se esquecera daquele filho ingrato, e porque sempre olhava o caminho, por onde ele se fora, viu quando ele tornava. Correu o pai amoroso a encontrar-se com o filho que, mais morto do que vivo, voltava à casa paterna.

Saíra ele rico da casa do pai, e voltava agora pobre e esfarrapado; fora poderoso, porque rico, mas, fraco, porque insciente; voltava agora fraco, porque mendigo, mas, poderoso, porque sábio. E sua sabedoria, que era para si experiência própria, porque vivida, serviria ao irmão mais velho de experiência indireta, porque observada. Antes era possível a queda, por causa do poder sem saber; agora não, porque o próprio saber limitava o poder.

Assim também foi a queda de Adão que, rico e poderoso no mundo da Capela, (“A caminho da luz” – Edgar Armond) quis conhecer as experiências do pecado, que isto é comer dos frutos proibidos da árvore da ciência do bem e do mal. Abusou do pouco saber que já tinha, afastando-se de Deus; subverteu a ordem, entravou o progresso espiritual daquele orbe, por só querer gozar das delícias da vida, das comodidades da ciência, esbanjando, assim, as oportunidades e haveres que lhe dera o Pai. Dera-lhe o Pai liberdades formais, no conhecimento da ciência, que tanto pode ser do bem como do mal, dependendo apenas da sua aplicação. A Adão lhe cumpria ter mão sobre si, não se permitindo abusos, encolhendo-se numa não liberdade substancial, o que, para seu azar, não fez.

Uma seleção coletiva lá, que é o tão propalado, mas incompreendido Juízo Final aqui, o alijou do orbe da Capela para estas paragens terrenas, a conviver com os brutos, metido em corpo simiesco, que isto é estar entre porcos para os alimentar, sem poder contudo comer do que comem. Foi assim que surgiu no palco terrenal a raça adâmica. Terrível fome espiritual de afetos sentiam os exilados, e num esforço sobre-humano de voltar ao paraíso perdido, os egípcios, de antes do tempo das pirâmides, não faziam outra coisa que viver dentro da morte, e para a morte, a suprema libertadora e renovadora da vida. Sabiam que para voltar precisam morrer bem, e só morrem bem os que vivem para os porcos, mas, sem se acomodar a eles. Ainda que se morra de fome, não se há-de comer bolotas com os porcos, e entenda isto quem possa entender...

Mas que é estar falando deste, que é um caso particular, do qual a parábola do filho pródigo é figura? Passemos já ao caso geral e máximo acontecido na eternidade, do qual todos os demais decorrem.

IV – E jurou o Anjo que não haveria mais tempo ²⁰⁴

Na eternidade, que é um tempo sem tempo, Deus quis criar uns filhos, tirando-os de si mesmo. Encurvou-se, pois, Deus, sobre si mesmo, e estas limitações de si foi a criação de Espíritos puros que, quais focos de luz enceguentes, quedavam a contemplar um foco maior e central. Eram esses Espíritos uma chama, um clarão, uma centelha etérea²⁰⁵. O que sentiam essas

202 Jui 16, 30

203 Jdt 14, 1

204 Apoc 10, 6

205 Allan Kardec, Livro dos Espíritos, 18ª Ed., 86

criaturas perfeitas era um incêndio interior de êxtase e gozo, tão intensos, perto do que, a auto-ignição em que se consomem os gênios e os santos, são gelos e sombras. Esbraseavam-se de amor as criaturas num delíquio supremo, que quanto mais Deus as fazia apartadas de si, para as amar mais, mais queriam elas precipitar-se no centro do incêndio, numa retribuição de amor, num sacrossanto intuito, quem sabe, de chegar a um não-ser, para que só Deus fosse o ser. Queriam perder a vida em Deus, e quanto mais a buscavam perder, mais a tinham. O altruísmo as dilatava num aniquilamento de êxtase, de modo que cada uma se abraçava com o todo que era Deus e as criaturas irmãs.

E como acontece a quem goza perder a noção de tempo, estas almas de inconcebível grandeza e formosura não sentiam o fluir do tempo, pois que, estavam fora dele. A eternidade é marcada num relógio parado; neste os ponteiros não andam. Tempo é a duração do movimento. Ora, em Deus não há tempo, porque não há mover; como mover? mover-se quem, para onde, e quando, se Deus é o quem, o onde e o quando? Move-se o homem tolo, como o filho pródigo, que podendo estar parado, com o pai, no centro, a dominar tudo, quis descer para o mundo das velocidades, que é o da matéria, onde se desgastou, já nos bens, já na vida, e se não se extinguiu de todo, foi porque arrependido voltou. Bem certo do que dizia estava o pai, quando afirmou que aquele filho estava perdido e morto, e agora lhe voltava achado e redivivo. Que não se tivesse empedernido no mal e na dor, até a extinção, era milagre grande, que devia ser comemorado com festas. Para onde correis vós, ó homens, ó néscios!? Para onde correis vós?

Estai comigo. O homem não busca superar o tempo aumentando a velocidade? Sim. E como quanto mais corre, mais diz que não tem tempo? Por isso mesmo. Aumentando-se a velocidade o tempo tende a encurtar e ir para zero; pois como pode então ter tempo, quem corre tanto?²⁰⁶. Contrariamente se desprezarmos a matéria, se fugirmos às glórias e honras mundanas, se no libertarmos dos artificialismos da vida, já não precisamos correr. Diminuída a velocidade o tempo tende a aumentar, até chegarmos no seio de Deus, onde, ficando zero o mover-se, teremos um tempo infinito, que isto é possuir por tempo a eternidade. Pare de correr quem corre e já terá o tempo.

Pare de correr o homem futilmente para o nada. Que vibra mais; um oceano, ou uma gota d'água? Uma gota, dizeis. Que é mais veloz; um elefante, ou um rato? Um rato, dizeis. Tendes razão; as coisas grandes têm maior inércia que faz lento o seu mover-se. E se o homem busca ser veloz, para encurtar o tempo, segue-se que busca apoucar-se, para diminuir a inércia. Buscar uma velocidade infinita seria tornar-se um grão de pó, um ponto, um zero. Quem não tem tempo é porque corre; quem corre, o faz, por sentir-se na periferia do sistema, no plano da matéria, no mundo das velocidades vertiginosas, pelas quais, quanto mais se corre, mais se desgasta no atrito, mais se pouca, tendendo para o não-ser, onde, ficando a velocidade infinita, o ser fica zero. Sabeis porque o bólido se consome? É por querer correr. Enquanto ficou parado no espaço, movendo-se com este, existiu. Mas a sua gravitação egoística estava vigilante. Eis que passa um planeta por perto de si; perturba-se, então, aquele, exalta-se, é oportunista e quer arrastar o planeta consigo para enriquecer-se com ele. Mas vence a inércia maior; o planeta o arrasta, e ele cai pelos espaços; o atritar-se com a atmosfera o desgasta e o consome.

Esta não é a figura do homem? Não quer ele enriquecer-se com a matéria? O inglês não diz que o tempo é dinheiro? O dinheiro quando pouco, pertence ao homem; quando muito, o homem é que passa a pertencer ao dinheiro. Vede aquele milionário? notai, pela sua vida, como o dinheiro não lhe pertence a ele, senão, que ele pertence ao dinheiro. O dinheiro é o senhor, e ele, o escravo, e todos os dias vedes o escravo correndo a servir o seu senhor. No mundo astronômico vence a massa maior, e o bólido cai para o planeta; no mundo econômico, que também é material, cuidais vós que outra seja a lei? A fortuna é o planeta, e o homem, o bólido. Não é a riqueza que vem para o homem, senão, o homem que vai para a riqueza. Já dizia Engels que "...os homens agem antes de argumentar. No *princípio era a ação*. E a ação humana resolveu a dificuldade muito antes de a subtileza humana a ter descoberto"²⁰⁷. E agindo desse modo louco no plano econômico, pelo método dos ensaios-e-erros, próprios dos animais, o homem põe em movimento forças que depois não pode controlar. Há a rebelião da economia contra o homem que a criou, imagem da revolta dos Anjos contra Deus. O homem é como no "Aprendiz de Feiticeiro", impotente para dominar aquilo que pôs inconscientemente em movimento a sua ação. É assim que o homem rico, como o moço rico do Evangelho, não é senhor da riqueza, mas, escravo dela, em razão do que, fica sendo mais fácil a um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar nos céus.

206 Pietro Ubaldi, Problemas do Futuro, 103 - 104

207 Armand Cuvillier, Introdução à Sociologia, 90

E quando o homem busca enriquecer-se, não se pergunta nunca até onde vai sua sabedoria; não sua ciência econômica, que é a demoníaca ciência de enriquecer, mas, sua sabedoria, que é a ciência divina de se tornar pobre na matéria, para enriquecer-se no espírito. Só quem é rico no espírito, ou sábio, poderia controlar a riqueza para benefício de todos, que de outro modo, o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder.

O homem cuida que sabe tudo, como o filho pródigo da parábola, e vive a pedir ao Pai, Deus, a partilha dos bens. Pergunta blasfemando, o pobre, porque uns têm tanto, e ele nada; no entanto a riqueza está no possuir o indispensável, e por isso o que tem muito não tem mais que isto. Tinha, pois, razão Goethe de dizer, no seu Fausto, que “o que o homem herda só pode chamar seu, quando o utiliza. Haver que não nos presta é simples ônus. Só no uso consiste a propriedade”²⁰⁸. Montaigne afirmava que “o avarento tem mais a sofrer com sua paixão do que o homem sem dinheiro”²⁰⁹. E no entanto o homem vive a pedir e a querer riquezas; pede, a cada passo, por pensamentos, por palavras e por obras, a partilha dos bens, ao Senhor dos Mundos, e Deus, por misericórdia, não lha dá, e quando lha dá, para o punir, cai o ignorante, pela fragmentação da vida, até o nível dos porcos.

Assim caiu Satã, assim caiu Adão, assim caiu o filho pródigo, assim caímos nós, o que é mais; continuamos caindo, vós que me ouvis, e eu que vos prego, e apesar do sermão. Melhor fora silenciar Deus estas palavras que me inspira, para que vos fale, como ficou silencioso o pai do filho pródigo, que sabendo o que ia acontecer, por causa da partilha, nada falou por saber que não adiantava falar. Assim também Deus não nos adianta falar, porque amanhã não nos conformaremos com pedir, no Pai Nosso, somente o pão de cada dia, para desejarmos uma provisão que nunca comeremos.

Aprendei esta economia divina de não possuir nada para ter tudo, não amontoando vãmente na matéria, mas, tornando-vos mais evoluídos, e por isso mais próximos de Deus que é a fonte do ser. Acudi em aplicar a sabedoria de Ciro, o persa, quando arrazoava aconselhando aos seus comandados: “O resultado de nossa avidez de riquezas seria dar-nos uma posse efêmera; entretanto que, se desprezando-as, nos fizemos senhores dos territórios que as produzem, adquiriremos uma posse constante”²¹⁰. Tomai para vós a lição que aprendeu Gobrias, de Ciro, quando declarava: “Não me admiro que possuindo nós maior porção de taças, de vestidos e de ouro, sejamos contudo inferiores a vós. Nós curamos de amontoar riquezas; vós de fazerdes mais valorosos”²¹¹. “Bem ensinava Alexandre Magno (anota Vieira) aos seus soldados que a pobreza era a única mestra da milícia, e por isso os Macedônios venciam tudo, porque nada tinham; que as cidades com ferro se defendem e não com ouro; com homens armados e não com casas ornadas, como depois de bem experimentado o confessou el-rei Dario”²¹². Em tal se reduz a economia divina: em nos tornarmos mais valorosos, e não em possuir o mais; cresça o “eu sou” divino em nós, ao invés do satânico e egoístico “meu só”.

Que possa estar um ser em eterno gozo, perdido e achado no seio de Deus, com que não tendo nada possui tudo; vede se uma tal criatura pode queixar-se de não ter tempo? Fugi ao tempo, que é medida da matéria, pois, com ele é que se medem os espaços; querê-lo a ele, é buscar a matéria, que é extensão espacial. Fugi ao espaço, indo-vos para os reinos do espírito, e tereis um tempo eterno, um tempo superado por quem se move noutras dimensões.

V - A Queda dos Anjos

Assim foi no princípio sem princípio, como dizíamos atrás, pois que, implicando princípio a idéia de tempo, e não havendo ainda o tempo (movimento), não havia princípio. (Tolerai que assim vos fale, pois tal mo impõe a relatividade das palavras, visto como ainda não se criou a linguagem volumétrica, que é a que fala por símbolos sintéticos). Criados os Anjos, estes deveriam buscar o aniquilamento em Deus, num amoroso altruísmo, pois, quem busca perder a sua vida, por amor de Deus, achá-la-á, mais abundante ainda, e o que a busca achar, pelo egoísmo, perdê-la-á, para sempre, no aniquilamento extremo do não-ser²¹³. Quando se busca perder a vida por amor, seja de Deus, seja do próximo, que lhe é expressão, a vida se expande, cresce e domina

208 Goethe, Fausto, Clássicos Jackson, XV, 45

209 Montaigne, Clássicos Jackson, XII, 14

210 Xenofonte, Ciropédia, Clássicos Jackson, I, 147

211 Xenofonte, Ciropédia, Clássicos Jackson, I, 181

212 Vieira, Obras Escolhidas, I, 13

213 Mat 10, 39

tudo, e isto é achá-la. Quando, ao contrário, se quer achar a vida, e a possuir, egoisticamente, ela se restringe e se abate, e este restringir-se e abater-se é tanto maior, quanto maior for o egoístico desejo de crescer.

Era Lúcifer chefe de uma legião de Anjos; o que recebera em ser, deveria retribuir em amor e gratidão; deveria buscar extinguir-se em si, para crescer em Deus. Contudo, porque era livre de querer, quis crescer em si mesmo e agigantar-se, ampliando a própria vida e o próprio eu, com que ficasse sendo um outro deus, por açambarcamento dos próximos na sua individualidade. “Subirei acima das mais altas nuvens”, dizia, inchado, “e serei semelhante ao Altíssimo”²¹⁴. E tanto que pôs por obra tão feio intento, começou a cair, com os seus anjos, porque é da Lei que perca a sua vida, o que a quiser ganhar pelo sobrepujamento; porque não se contentou com viver, e quis sobreviver, por isso extinguiu-se no não-ser.

Caiu para a periferia Satanás, como um relâmpago, e Cristo Senhor nosso disse que viu esse cair²¹⁵. De rico em Deus, que é tudo, fez-se pobre num nada relativo, donde depois surgiu toda a criação, como a vemos e como a não vemos. Com a queda começou o princípio, porque, com o movimento, nasceu o tempo. Então pôde a mente de Moisés sentir e dizer: “No princípio Deus criou o céu e a terra”, e tudo era caos, para que a terra fosse “sem forma e vazia”, não havendo mais que “trevas sobre a face do abismo”²¹⁶.

Mas rompe tonitruante o Verbo de Deus, e diz: “Faça-se a luz”... E o pó de Satã se revolveu, na sepultura do infinito, e como Lázaro, ressurgiu para nova vida. Vibrou do ilimitado as forças da energia, e as ondas se aprisionaram em núcleos de matéria; estava formado o éter, que é forma transitória entre matéria e energia²¹⁷; rodopiou o éter em sidéreos turbilhões, batidos e formados pelas forças da criação, e aqui e ali se condensou na velocidade, na massa, na rigidez; apareceram então os céus e a terra. “Da tempestade imensa nasceu a matéria. Deus criou”²¹⁸.

Pouco mais, e o espírito de Deus (raio globular) paira sobre as águas, e as fecunda, já num germe, já numa vida, já em miríades delas, que lutam, que se saem das águas para a terra; do nadar de peixes vem o rojar de répteis; ganham patas, correm, trepam, voam, levantam-se na vertical, olham o ilimitado, e o primeiro gênio e santo entoia o seu hino, e eleva a sua prece: Bendito sejas, ó Deus meu, pois que vos sinto vibrardes aqui no meu ser que, ansioso, se arrasta na vossa direção.

O homem que, como indivíduo, se achou assim em prece, entendeu logo que se todos buscavam a Deus, como Pai comum, é que eram irmãos entre si. As sociedades, que são unidades superorgânicas, nasceram da religião, e não do fator econômico, nem da técnica, nem da família. “Nem tudo”, diz Cuvillier, citando Durkheim, “Nem tudo depende do «estado da técnica industrial», e «o fator econômico» não é a mola do progresso. É a religião – e não a técnica – que é «o mais primitivo de todos os fenômenos sociais... No princípio, tudo é religioso. Ora, nós não conhecemos nenhum meio de reduzir a religião à economia, nem qualquer tentativa para operar realmente essa redução»²¹⁹. Também não surgiu da família a sociedade, e nisto estão de acordo biólogos, sociólogos e historiadores, conforme a discussão que se travou no *Centre de Synthese* em 1932; estão, pois, eles de acordo, que “a tese outrora clássica, que fazia a sociedade surgir da família, parece cada vez mais abandonada... A família é posterior ao desenvolvimento da organização social”²²⁰.

Na raiz dos fenômenos sociais estão os místicos e religiosos, e todo o progresso aqui se resume na formação da consciência coletiva, na expansão do egoísmo (altruísmo), até abranger a humanidade inteira, com a realização plena do “ama ao próximo como a ti mesmo”, da Boa Nova de Cristo Senhor nosso. E isto tudo, que é, senão, religar alguma coisa rompida, com a volta para Deus? E como se pode religar e voltar, se porventura (ou desventura) dele não se desligou, e não se saiu? A queda originou-se, pois, porque o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder. A volta consiste num progressivo aumento de saber, único capaz de disciplinar o poder.

A gravitação seria o egoísmo supremo do ser, que da hiperconsciência angelical, na queda, encurvou-se na consciência superficial e rasteira do homem, o qual, agachando-se no chão, sobre quatro patas, como bruto, estreitou-se na serpente linear e satânica, não parando aí o desfazer-se.

214 Is 14, 14

215 Luc 10, 18

216 Gên 1, 1 - 3

217 Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, Ed. FEB, 44

218 Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, Ed. Lake, 56

219 Armand Cuvillier, Introdução à Sociologia, 71

220 Armand Cuvillier, Introdução à Sociologia, 181

Reabsorveu as patas o quadrúpede, rojando-se de ventre sobre o solo; e como acontece ao verme planariano²²¹, o ser nutriu-se de si mesmo, com que se reduziu de tamanho, sobrando só a cabeça, única parte pensante do Anjo, a encerrar-se numa carapaça de matéria, prestes também a desfazer-se. Desligado da fonte suprema, Deus, o ser se empobreceu; a fome, a avidez, a avareza, o egoísmo, a angústia da extinção é tal, no ser que morre no espírito, que os grãos de matéria, último reduto do Anjo, se atraem uns aos outros, sendo este atrair na razão direta do quanto já haja atraído e agigantado, já na rocha, já no planeta, já nos agregados planetários, galácticos e siderais.

Satanás é um faminto. Os espíritos perturbadores do umbral e das cavernas, que o representam, molestam-nos para que vibremos baixamente, pois, essas vibrações inferiores são-lhes alimento. Não recebendo eles abastecimento direto da energia solar, a fonte da vida, exploram-nos, vampirizam-nos, que de outro modo não poderiam viver. E para poderem chegar-se a nós, necessitam-nos afastados do Evangelho. Precisam-nos, como transformadores vitais de baixa frequência, como é a do magnetismo animal, e não alta, como é quando se dá a transformação do fluido nervoso em onda ultra-curta emotivo-intelectiva do saber e do amor. Somos, por isso, quando irritados, o celeiro dos habitantes das profundezas da terra ou das trevas infernais. No centro está o chefe que recebe abastecimento energético, graças a um sistema de exploração de próximo em próximo, até a superfície, onde ficam os que diretamente nos podem abordar. Para conseguir obediência e colaboração num tal sistema de hierarquia invertida, empregam os demônios um regime de espionagem, de flagelações e de terror. Eles nos querem afastados do Evangelho para que, deste modo, continuemos a ser o único recurso divino, a lhes possibilitar as vidas. Suas vidas estão na dependência de não nos voltarmos para Deus, e eles nos agridem, nos tentam, nos molestam, não tanto por ódio, como por necessidade de viver. O dia em que, coletivamente, vivermos o Evangelho, Satanás morrerá, e por sabê-lo luta ele para que a lei social do Evangelho não se efetive. A prova na vida corporal é frutuosa por nos colocar nesta vanguarda de lutas da luz contra as trevas, do bem contra o mal e de Deus contra Satanás. É aqui, neste fronte, que nos decidimos, com as obras, se subimos ou se descemos. A morte total será o encurvamento supremo, com a conseqüente desagregação de todas as unidades de que se compõe o ser, nas suas unidades menores, até o nada relativo ou não-ser...

Encurvou-se, pois, a hiperconsciência de Lúcifer (que quer dizer luz), sobre si mesma, perdendo a noção do Absoluto no enrodilhamento da consciência humana, superficial e relativa; encurvou-se, depois, a consciência humana, por desfazimento e pobreza, vindo achar-se ela no nível dos brutos, que mais não representam que linha férrea de determinismo instintivo. Há mais encurvar? há mais cair? Sim, há. A impulsão primeira, com que caía o Anjo, o levou a cair mais fundo, que é da lei, que de quanto mais alto venham os bólidos, tanto mais se desfaçam na queda.

Caindo sempre, e já no reino animal, mas, sem corpo denso, a vida encurvou-se em ondas de energia, e estas se fecharam em si mesmas, da periferia para o centro, já em pó cósmico, já em núcleo, já em ponto abstrato da geometria, carente de dimensões no espaço.

“Como caíste do céu, ó estrela da manhã filha da alva! como foste lançada por terra, tu que debilitavas as nações!”

“E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei meu trono, e no monte da congregação me assentarei, da banda do aquilão”.

“Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo”.

“E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo abismo”²²². “E eu via cair a Satanás, como um relâmpago”²²³.

Levantai-vos, se podeis, e, em silêncio, voai com as asas da intuição, pois que, já não é possível rastejar sobre o solo com as precárias palavras da razão. Pouco mais, e este sermão se reduzirá a respeitoso silêncio, pois, é só com ele que se pode, dignamente, considerar as grandezas de Deus. Ouvei estas palavras, porém, cuidai mais de as sentir que de as entender. Quem toca o inconcebível fala mais ao coração que ao entendimento, para que os ouvintes compreendam mais pelo sentir, que pelo raciocínio. Aqui tanto menos se entende, quanto mais se é doutor nas humanas ciências, pelo que se pode dizer com Cristo Senhor nosso: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos”²²⁴. Nestas alturas o convencional perde o pé, a palavra, o sentido, e o simbolismo se esfuma em música e poesia que vos tocam os ouvidos, para que o sintais com o coração. Nestas

221 Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 4, 180

222 Is 14, 14

223 Mat 10, 18

224 Mat 11, 25

alturas o sermão é como “estrelas, que todos vêem, e poucos as medem”²²⁵.

VI – A justiça da evolução e da dor

Mas (pensais vós), este pregador nos vem dizer que Satanás caiu para a periferia do sistema divino, e lá se esfareou num nada relativo, donde, depois, todo o universo, tal como o vemos, inclusive o homem, saiu por evolução. Ora, Satanás foi o único culpado da sua própria queda, e o castigo seu, bem merecido, foi o extinguir-se como personalidade, sobrando dele só a Essência, porque divina. Nós, pois, não provimos da personalidade ou individualidade de Satã, senão, da sua Essência que, porque divina, é inextinguível. Na Essência não ficou culpa, a menos que se diga que ela ainda é Satã, e não Deus. A grande culpa, pela qual caiu, não é nossa, mas dele. Nós, pois, somos inocentes, porque não nos rebelamos. E continuais vós pensando: O pecado original, a rebelião, que deu motivo a grande queda, não nos foi transmitida, porque a revolta estava naquela organização personalística de Satã, e não na sua Essência; e como foi desfeita a personalidade, sobrando só a Essência divina, segue-se que essa Essência não podia estar impregnada de culpa; e como provimos dela, somos inocentes. Como então a dor nos aflige, nos aguilhoa, nos esmaga? Satanás teve o seu galardão, que foi o extinguir-se no nível da Substância, isto é, no nível da Essência, que é Deus imanente. Mas que soframos nós, nascidos dessa Essência, e sem participação na queda? Satanás não nos veio perguntar a nós, visto que não existíamos então, se convinha ou não cair; despenhou-se para o nada. E que agora esse nada se mova em ondas já de pó, já de energia acantonante, já de matéria, já de energia outra vez, agora, expansível, já de vida, já de psiquismo, já de consciência humana, para nesta perguntar a Deus: –

“Não basta inda de dor, ó Deus terrível ?!...
É pois teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor ?
E que é que fiz, Senhor ? que torvo crime
Eu cometi jamais, que assim me oprime
Teu gládio vingador ?!”²²⁶

E que nos venha agora Deus dizer que soframos, porque caímos com Satã? acaso somos nós culpados daquela queda? Estaria o pecado, a culpa, impregnando a Essência divina, que residuou de Satanás?

Acalmai-vos, irmãos meus! acalmai-vos, que não acabei o sermão, e os vossos pensamentos me perturbam. Estai comigo, pois, o estardes contra, é obra do diabo, visto que vos quero conduzir a Deus, de onde aquele vos quer afastados.

Argumento com vossos próprios argumentos. Não concordastes vós que sois de Essência divina ? Sim, que daquele antigo Satã, não restou mais que pó e cinza, os quais, de tão fino, chegavam a não ter dimensão, como a não tem o ponto da geometria, que os representa, no seu desfazimento extremo. Alguma coisa há em vós, que não seja manifestação dessa Essência? Não. Logo, porque vos revoltais contra a dor, se não sois vós quem sofreis, senão, Deus que sofre em vós? Deus imanente sofre por querer abraçar-se a si consigo no transcendente, que lhe estende os braços. “O universo inteiro é uma imensa cruz na qual está pregado o Pai”²²⁷. Se vossa dor é dor de Deus, porque vos rebelais e chamais injusto aquele que, unicamente, é o que sofre em vós? Se de vós for tirada aquela Essência, que sofre, a que vos reduzireis? Logo, se a vossa cruz é cruz de Deus, porque dizeis que é vossa? Se esta dor que Deus sofre é injusta, é-o para consigo, e não para convosco.

Deus sofre a dor da reconstrução, para, nesta, buscar a perdida alegria, e vós, quando sofreis, melhorando-vos, sentis esta alegria que vos premia o esforço de cada passo. A dor de quem avança é dor-alegria, e a dor de quem se afasta, é dor-tristeza. Não pagais, pois, por Satã, senão quando vos ides a ele, ou lhe fazeis o caminho; pagais, antecipadamente, em esforço e dor, pela alegria e libertação que vos esperam. Não sofreis punição, mas, estais submetidos a provas, com as quais vós reconstruis, por meio da dor-alegria, aquela perdida grandeza de Satã. Vós sois filhos de Satã somente, quando como ele, vos inchais de egoísmo, cuidando que deveis, não conviver com o próximo, mas, sobreviver a ele, ou seja, viver à custa dele. Quando, porém, vos

225 Vieira, Sermões, I, 18

226 Castro Alves, Vozes d’África, Poemas Revolucionários, 141

227 Pietro Ubaldi, citando, Giovanni Papini, Deus e Universo, 273

sacrificais para que esse próximo sobreviva, então estais indo-vos para Deus. Vosso *eu* não deve crescer e agigantar-se como indivíduo, porém, crescer noutra sentido, como coletividade, em que vos sentis viver na vossa família, no vosso próximo, em Deus; isso significa decrescer e anular-se como indivíduo, para a sobrevivência do todo, do qual fazeis parte.

Lúcifer quis crescer como individuação, quando devera crescer como coletividade, abarcando a Deus nas criaturas irmãs, num grande abraço de amor. O seu *eu* coletivo é o que deveria crescer, e anular-se o outro, o *eu* individual.

Emile Durkheim diz que possuímos dois *eus*, inextricavelmente ligados, que não se podem separar, senão por abstração. Um é o ser individual, egoístico, sede da natureza animal e dos instintos; o outro é o ser social, altruístico, onde se contém todo o patrimônio educativo. “O homem – escreveu Gabriel Tarde – é um ser social enxertado num ser vital”²²⁸. Não existe, diz Charles A. Ellwood, “não existe um espírito social, no sentido em que existe um espírito individual, mas, uma vida mental coletiva”²²⁹. Esta vida mental coletiva é o que se chama consciência social. É ela já uma expressão volumétrica, um desdobramento, um descurvamento da razão planimétrica, superficial do homem comum, que se alça em vôo para uma complexidade muitíssimo maior. É por isso que Sighele afirma que “o resultado de uma reunião de homens não é uma soma, mas, um produto”²³⁰. No mundo mental das representações coletivas é que o homem se eleva sobre si mesmo, de superficial que é, para outra dimensão, o volume. Tire-se ao homem tudo o que o convívio lhe deu, e ter-se-á um animal com todas as características de um mono. A evolução de um homem se mede pelo quanto haja expandido o seu *eu* social. Evoluir é fazer expandir-se este *eu* social, e involuir é deixar crescer o outro, o *eu* individual.

Assim Satanás inverteu-se e quis crescer como ser individual, para que tudo viesse a ser ele, por açambarcamento e sobrevivência absoluta. Por isso é que disse: Subirei acima das nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. E como ele não tinha Substância divina suficiente para ir tão longe em tamanho, tanto que se inchou, rebentou-se, como é bem que se rebentem os que se incham. Estourado Satanás, só lhe sobrou um pouco de poeira cósmica, que são os pontos geométricos, sem extensões, de onde saiu o universo por expansão de dimensões.

Se quereis, pois, vos revoltar, revoltai-vos contra aquele antigo Lúcifer, contra Satanás, na sua plenitude de não-ser, por isso mesmo agora desfeito, para sempre, no nada, de onde Deus criou o universo. Revoltai-vos, então, contra esse nada! agredi esse nada! lançai-lhe a ele as vossas imprecações, se podeis!... Mas não agridais as formas evolventes da Substância, ainda que satânicas, pois, como vós, são vítimas, e não culpadas da queda, visto que a culpa se radicava na personalidade luciferina, e não na sua Essência, que é Deus. Satanás pagou pela queda, em dor horrenda da extinção, com o não-ser; nós pagamos, antecipadamente, em dor da evolução, pelas alegrias de que desfrutava Lúcifer no seio de Deus. Lúcifer possuía um crédito infinito que se restringiu a nada; nós temos de conquistar um crédito, que do nada se vai tornando ao infinito.

Nós não somos aqueles anjos decaídos, mas, o produto deles, e candidatos a seus lugares primitivos. A legião satânica de anjos rebeldes caiu até o nível da Substância, que é a Essência divina, ou não-ser. Essa Essência se misturou, como a massa do oleiro, para a reconstrução de novos vasos, de novas individualidades, não, porém, as mesmas. O pecado original ficou no anti-sistema, por culpa de Satanás, que o representa, mas, não por culpa de Deus, nem nossa. Não por culpa de Deus, porque não foi ele quem ordenou a queda; não por culpa nossa, porque procedemos da Essência, a qual, sendo Deus, não podia conter culpa. A culpa estava naquelas organizações personalísticas, naquelas coletividades biológicas, orgânicas, que formavam as individualidades dos Anjos, mas, não na Essência mesma deles, ou Substância, da qual procedemos por evolução. Aquele antigo Lúcifer, desfeito em pó, foi amassado de novo, e um pouco daquela Essência está neste que vos fala, e outro pouco está em vós, que me ouvis, e ainda um outro pouco está nalgum brâmane que, neste momento, adora o seu Deus, que é o mesmo nosso, porém com o nome de Brama. Mas o pouco que me falta não me falta, por estar substituído por outro pouco procedente doutras unidades desfeitas. Não somos, pois, os mesmos, mas, outros. Houve circulação da Substância que antes estava construindo aquelas entidades angelicais. A porção de Substância que me integra hoje, se eu não cair mais, estará comigo, na construção deste eu, por toda a eternidade. E se como vimos, o pecado estava na organização, e não na Essência, somos inocentes, sendo culpado aquele Satã, contra o qual podemos nos revoltar, se quisermos, conquanto ele seja pó e

228 Armand Cuvillier, Introdução à Sociologia, 45

229 Armand Cuvillier, Introdução à Sociologia, 51

230 Armand Cuvillier, Introdução à Sociologia, 46

nada. Está-vos bem assim? Não é o que querieis? que alguém demonstrasse vossa inocência na queda? Seja, pois, Satanás, o vosso bode expiatório. Sossegai-vos agora, que apareceu no processo um culpado pelas vossas dores e fadigas, se bem, seja ele hoje um nada...

Satanás é, pois, a involução; revoltai-vos contra ele e esta; revoltai-vos contra vós mesmos, quando fazeis este descaminho. Mas tende cuidado, e abençoai as formas, mesmo demoníacas, se elas vêm subindo a escala evolutiva. Não exijais santidade, nem genialidade, de um gorila, mas revoltai-vos contra vós mesmos se vos estais indo para o gorila pela degeneração.

Mas deixai-me vos demonstrar, com a ciência, o que seja o homem, e estareis a caminho do entendimento do que sejam Satanás num extremo, e o Anjo no outro. “A plenitude de Deus é o ser, e a plenitude de Satanás é o não ser”²³¹. Por este não-ser deveríamos começar; contudo comecemos de outro ponto, para depois tornarmos atrás. Conquanto não vos possa explicar o que seja a matéria, com a linguagem planimétrica da razão, e portanto, o modo como o não-ser de Satanás se organizou nas unidades coletivas do átomo, contudo vós acreditais na matéria, e por ela comecemos.

Como sabeis, o próprio átomo é uma individualidade coletiva, assim como também o são o próton, o neutron e o elétron. O último termo, descendo-se daqui, é o nada relativo, ou o não-ser de Satã. Mas a matéria se dissocia por desintegração atômica, por radioatividade, e as ondas de energia, dela provenientes, degradam-se, da gravitação ao raio globular. Este último é a onda retificada, que se torna eixo metabólico, bipolar, de assimilação e desassimilação, com que alguns definem a vida. O raio- globular é um princípio coletivista mais evoluído, e por isso capaz de coordenar e fazer um arranjo mais complexo da matéria bruta, a que se dá nome de vida. Vida é todo o princípio coletivista; ela “é de per si coletivista”²³².

Quereis saber o que seja a vida? Ide ao núcleo do átomo, e perguntai ao raio-globular, que lhe é o psiquismo, e lhe está no centro, o que ele é, e ele vos dirá: sou um eixo de forças, vazio de matéria, como o é, sempre, o eixo de um turbilhão... Mas quereis a vida numa expressão muitíssimo mais alta? Estendei a vossa mão, e eis aí está trilhões de vírus. Sabeis qual seja o tamanho de um deles? Ampliai um glóbulo sangüíneo até as dimensões de uma bola de pingue-pongue; segundo a mesma proporção, o bacilo da tuberculose terá meio centímetro de comprimento. Ampliai este bacilo agora para onze centímetros, e tereis de figurar o vírus, segundo a mesma escala, como um ponto. E é este um ser vivo, do qual se conhecem, hoje, cerca de trezentas espécies, das quais vinte cinco foram vistas. Participa o vírus da natureza da matéria bruta, e da natureza da matéria viva. Como vida, nutre-se, prolifera e reage ao meio; ao mesmo tempo cristaliza-se como os minerais, podendo ser conservado, assim, na forma cristalina, por tempo indefinido, sem que morra. “O vírus é um cristal de composto protéico”²³³.

“A matéria viva é matéria – mas uma espécie de matéria espantosamente complicada, muitas vezes mais complexa na sua constituição do que qualquer outra substância até hoje conhecida no universo”²³⁴. E contudo “a matéria viva é apenas um arranjo especial da matéria ordinária, e a evolução da vida não é mais do que um redemoinho peculiar e local, em meio da evolução cósmica”²³⁵. E um ser unicelular, que é? não seria uma colônia de vírus, em que a especialidade de função tornou-os dependentes entre si? E que é uma colônia celular, senão um grupo de células derivadas, que não se separaram, após as divisões, das células mães? Não há já nas colônias celulares especificidade de funções, que as torna dependentes, e por isso unidas? Não é exato que “as primeiras plantas aquáticas desde cedo principiaram a fazer a divisão do trabalho entre as suas partes”²³⁶.

Conquanto a esponja-do-mar se tivesse metido num beco sem saída, os pólipos Celentéreos são, incontestavelmente, os pais dos Metazoários. E o cordado mais primitivo, do qual derivaram todos os vertebrados, é o amphioxus, pois a seringa-do-mar, embora igualmente seja um cordado, como o prova o seu embrião, regride na fase adulta para os invertebrados. Mas entre o amphioxus e o pólipo há o balanoglossus, mais abaixo, perto do pólipo, e o ouriço-do-mar, mais acima, perto do amphioxus.

Do amphioxus, ou da seringa-do-mar saíram os peixes cartilagosos. Aos peixes nasceram pernas, pela transformação das barbatanas, como ainda se vê no peixe-salta-brejo (Periophthalmus); surgem os anfíbios, depois os répteis. De pôr ovos fora, para chocá-los ao sol,

231 Pietro Ubaldi, Problemas do Futuro, 220

232 Pietro Ubaldi, Ascensões Humanas, 43

233 Fritz Kahn, O Corpo Humano, I, 303

234 Wells e Huxley, Ciência da Vida, 5, 38

235 Wells e Huxley, Ciência da Vida, 5, 17

236 Wells e Huxley, Ciência da Vida, 5, 62

visto terem os répteis sangue frio, veio o chocá-los dentro da barriga, quando surgiu o ornitorrinco *Platypus* e aparentados, dos quais derivaram todos os placentários.

Avançam os mamíferos, rápidos, nos seus quatro pés, e o tarsus, filho evolutivo do lêmur, já começa a usar as patas dianteiras como instrumento de apreender. Não há negar que, “na realidade, foi a cauda dos nossos ancestrs que fez de nós o que hoje somos”²³⁷; todavia cai ela por desuso, com descer no chão os macacos arbóreos. Foi assim que surgiu na terra o

“Quadrúmano – gorilha, orango, chimpanzé
Quasi lobos, no chão, quasi gente, de pé !
Ambíguos animais d’olhar manso e feroz,
(Adão inda com cauda, almas inda sem voz),
Que aspirações, fundas e estranhas, vos consomem ?
Qual é o teu ideal, gorilha hirsuto ?
É o homem”²³⁸.

Dizei-me agora, se podeis, que é o homem? Não é ele, mesmo como ser individual, um coletivismo celular? não é ele um fato coletivo? Antes mesmo que pudésseis dizer: *eu*, vós já sofríeis a dor da reconstrução. E se a dor não era vossa, pois não podíeis dizer: *eu*; contudo, era de Deus. Se a dor de então era dor de Deus, como a dor de hoje dizeis que é só vossa? Aquilo que em vós diz: *eu*, é uma consciência coletiva, que ainda se há-de perder a si mesma, ao se encontrar noutra consciência coletiva mais vasta, que é a família, o próximo, a humanidade inteira, primeiro terrestre, e cósmica depois. Evolução é coletivização, e vossa dor atual, que vos aflige, foi e será a dor de Deus, enquanto sofrerdes. Deus é o que sofre em vós, e convosco, e antes de serdes o que sois, um fato coletivo, já numa expressão individual, ou *eu*, e já numa expressão social, ou nós, ele era o que é: o amor que abraçou os *eus* menores e múltiplos, no vosso *eu* individual, impelindo-vos agora, a vos unirdes com outras unidades coletivas, até à Unidade total.

Não podeis abalar estes fundamentos por serem científicos. Por eles, vistes que a evolução é uma construção partindo da matéria, que não quero começar pelo caos. Diante disto, ou tereis de aceitar a teoria da queda, ou tereis de concordar com os materialistas que afirmam ser o espírito, a consciência do homem, e a hiperconsciência do santo e do gênio, um puro produto da matéria. Assim terá de ser porque vós começastes na matéria, e não em Deus.

Por este sistema de pensamento, que admite a evolução partindo da matéria, sem primeiro a involução, partindo de Deus, este se torna potência exterior, que cria fora de si mesmo, como é o caso do homem e a máquina, pois, sendo o homem relativo e finito, cria a máquina exteriormente a si²³⁹. Se Deus pode criar fora de si mesmo, logo, não é infinito, pois, que o sendo, fora dele nada pode haver. Como impõe dores a inocentes, não é justo nem bom. E se pela evolução reconduz ao amor, que é bem; e ao mesmo tempo não é justo nem bom; ou está dividido sobre si mesmo, e por isso não subsiste²⁴⁰, ou o amor também lhe é exterior, como no caso, visto atrás, da criação. Se, pois, não é infinito, não ama, não é justo, nem bom; então que é? Não se pode chegar a Deus, se dele primeiro não se saiu; a evolução parte da matéria; logo, não chega a Deus. Mas a matéria saiu de Deus pela queda; logo, a evolução, conquanto parta da matéria, chega a Deus. Há-de-se partir, pois, de Deus, pela queda, para a ele se retornar pela evolução.

De modo que não podeis mais dizer, em sentido absoluto, que “no começo era o caos”, senão, que “no PRINCÍPIO era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus”²⁴¹. Não podeis mais dizer, de modo absoluto: “No começo era caos. Os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo”²⁴². Antes deste “começo”, relativo a uma fase, houve o “PRINCÍPIO” absoluto, que era o “verbo”. A fase que partiu do caos, e foi até a “os seres vivos apropriados ao estado do globo”, se continuou com os acréscimos descobertos pela ciência, pela qual, os seres vivos evoluíram até o homem; este, como o espiritismo ensina, pode alçar-se aos níveis do gênio, do Santo e do Anjo.

Tomados os atributos da divindade como premissas, delas podemos tirar conseqüências lógicas contra essa doutrina contida na resposta 43 do Livro dos Espíritos, se tomada ela em

237 Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 5, 83

238 Guerra Junqueiro, *Poesias Dispersas*, 36

239 Allan Kardec, *Livro dos Espíritos* (Resp. 77), 83

240 Mat 12, 25 – Luc 11, 17

241 João 1, 1

242 Allan Kardec, *Livro dos Espíritos*, (Resp. 43)

sentido absoluto. O que se disse ali é verdadeiro em relação a uma fase, em razão do que nossas assertivas são complementos da verdade, e não uma demolição diabólica. Mas vejamos as premissas, e também, depois, as conseqüências:

Deus é perfeito. Logo, não pode fazer obra imperfeita. O caos é a suprema imperfeição; logo, o caos não é obra direta de Deus. E como o universo surgiu do caos, o universo não é obra direta de Deus.

Deus é infinito. Logo, o caos tem de estar no seio de Deus, porque se o pusermos fora da divindade, Deus, no ponto que começa a ter exteriores, fica finito, e não é mais Deus. O caos, pois, está no seio de Deus. Todavia, Deus não pode ter-se a si mesmo encurvado no caos. Isto seria uma queda de um Deus que, em parte, se precipitou de si mesmo num encurvamento, até esse extremo encerramento de não-ser, que é o caos. Esse encerramento extremo não pode ser a primeira criação da divindade.

Deus é amor. No caos não há amor, mas ódio, lutas entre os elementos em confusão. O universo, como filho direto do caos, participa dessas propriedades de ódio e de luta, com que nele sobejam trevas, ignorância, dor, dano, mal. Tudo isto pode ser um resultado indireto do amor, mas, não direto, pois, amor é amplexo, luz, sabedoria, gozo, renúncia, obediência, bem.

Deus é sabedoria. O caos é ignorância, ilogicidade, absurdo, que estaria de todo e para sempre perdido, se Deus, como imanência, não o ordenasse. E Deus que tem sabedoria para disciplinar o caos, levando-o à perfeição, não podia criá-lo para algum fim, visto como podia chegar a esse fim sem passar pelo caos.

Deus é Todo-Poderoso. O caos é todo falências e ruínas. Logo, as falências e fraquezas extremas não vêm do **Todo-Poderoso**, diretamente, mas, da fragmentação de uma porção deste, que ficou autônoma, até para chegar a esse extremo, se quisesse.

E se se disser que não houve descida, ou involução da Substância divina até o caos, mas, que estando ela aí, já, desde todo o sempre, começou a evoluir, então temos que essa Substância é o mesmo caos que se ordena, por si mesmo, por obra do acaso. E sendo a Substância, Deus, temos, primeiro: que Deus é caos; segundo: que Deus evolui e se ordena; e terceiro: que essa evolução e harmonização se deu e se dá por obra do acaso. Deus seria, então, um resultado imprevisto de si mesmo. Há maior absurdo e maior blasfêmia? Neste caso Deus se **auto-constrói**, e não se **auto-reconstrói**. Não haveria reconstrução de uma coisa caída, mas, construção do sempre, e absolutamente novo e imprevisto, porque se houvesse previsão, então, essa seria alguma coisa que está acima da construção; e essa coisa inteligente, capaz de previsões, seria Deus. Deus estaria separado da construção, sendo finito, com que já não é Deus.

Deus e o caos são dois extremos absolutamente opostos (e oposição não é contigüidade). E a boa lógica nos diz não haver extremos sem meios. Logo, Deus não podia ter-se encurvado diretamente no caos, sem passar pelas fases intermediárias. Teve, pois, de encurvar-se nalguma coisa, que depois caiu no caos pela fragmentação, isto é, por uma cadeia de encurvamentos maiores (encurvamento maior = curva mais fechada), até um pó e nada. Esta queda no caos não pôde ser senão por progressividades. Logo, existiu um semicírculo involutivo: $+ \infty \rightarrow \dots \infty \rightarrow \beta \rightarrow \gamma \rightarrow \dots - \infty$.

Por isto se vê que a doutrina do Livro dos Espíritos é insuficiente, em face do amadurecimento psicológico atual, e se até agora não se podia perdoar esta demolição que fazemos, contudo hoje se permite, em razão de já ser necessário, ao Espiritismo, o acréscimo de um quarto aspecto, além do científico, filosófico e moral, que é o teológico, porque, conquanto o Espiritismo possa ser religião, contudo esta não tem ainda teologia. O aspecto teológico do Espiritismo é dado pela visão de “A Grande Síntese” e “Deus e Universo” de Pietro Ubaldi.

A insuficiência da Doutrina Espírita está em admitir a criação, vinda do caos, sem a cadeia descendente de Deus para o mesmo caos, com a necessária transferência de culpa, pela demolição do sistema, de Deus para algum outro ser criado. O processo é axiomático, intuitivo, de fé. Mas o homem querendo racionalizar isto, vai deslocando a dificuldade para cima, até a primeira criação dos Anjos, ou seja, o primeiro encurvamento da divindade.

Mas porque dizemos **encurvamento da divindade**, quando devêramos dizer que Deus se abriu nos Anjos? Trata-se de dois pontos de vista. O homem, com ser relativo e finito, quando cria alguma coisa, abre-se nessa coisa. As obras do homem são a sua expansão e expressão. Então em sentido antropomórfico, como se Deus fora homem, Deus abriu-se nos Anjos. Mas Deus é infinito, e o infinito não pode abrir-se, pois, não tem para onde... Logo, se não se abriu, encurvou-se, e aqui está como Deus cria às avessas de nós, simplesmente porque é o oposto de nós.

VII – Suspensão no infinito e na eternidade

Pela queda, pois, foi que se formou o anti-sistema, o sistema satânico e invertido, qual pequena roda a girar sinistramente para estar em oposição ao giro dentro do sistema divino; e deste atrito gerou o desgaste de Satã naquele pó de onde saiu o universo.

Adverte-nos o Texto sagrado que fomos pó e em pó nos havemos de converter: *pulvis es, et in pulverem reverteris*²⁴³. Pois em cada nova existência terrenal, como centelha divina que somos, temos de agitar o pó da terra com que formamos um novo corpo. Finda a existência, depomos o pó, para o retomarmos além. Entendeu Abraão bem isto, quando se chamou a si mesmo de pó²⁴⁴. Este pó, este simulacro de queda, é a solene advertência de Deus a nos dizer: cuidado, ó homem, filho meu, para que não caias além do pó da sepultura, para aquele outro pó, que é o nada, no qual se desfez Satã e do qual saíste!

Mas se Deus nos ama, ou se a si mesmo se ama em nós, visto que lhe somos partículas ou deuses²⁴⁵; porque há esta possibilidade de queda? Há porque estamos no meio da subida, e quem diz meio, diz dois extremos. Ora, destruir a possibilidade de queda seria destruir o extremo inferior, que é de onde vimos. Isto significaria estarmos sempre no começo, sem a consolação de ver o caminho percorrido. Haveria a eterna humilhação de quem se vê no fundo do abismo. Neste caminho percorrido pelo homem estão os animais, as plantas, a matéria bruta, sobre os quais se apóia ele para subir. Destruir as possibilidades de voltar e cair, seria destruir estes reinos todos da natureza. E como o homem se situa neles, no mineral como corpo, no dinâmico como vida, e no espiritual como consciência; destruir os reinos que lhe estão abaixo é tirar-lhe o corpo e mais a vida. Com se destruir estes universos sobraria só o espírito atrasado, que não pode progredir, a não ser num corpo, e pelas vidas sucessivas. Não podendo evoluir estacionaria, entediado; não poderia subir, por lhe faltarem os instrumentos da ascensão, os corpos; e não poderia descer, por não haver para onde. Quereis vós ficardes assim suspensos no infinito e na eternidade? com a perda total da noção do tempo e mais do espaço, como se fora um astronauta perdido no espaço cósmico, e sem ao menos poder morrer? Vede portanto que é indispensável haver possibilidade de queda, para poderdes subir.

Mas que é estarmos discutindo este assunto ainda? Se isto que vimos, fosse possível, Deus já o teria feito, e seria ter impedido aos Anjos de caírem. Então teria negado a liberdade que dera aos seres, quando os criou. Seriam eles autômatos, mais que escravos. Sendo eles a semelhança e imagem de Deus, pois, este se refletira ou se manifestara neles, o negar-lhes Deus a liberdade, prova era, de que a não tinha também em si. Assim teria de ser, que de tal Pai, tais filhos. Está-vos bem assim, irmãos meus, um Deus cego? um Deus automático? um Deus “robot”? Então se concordais que Deus não pode ser um autômato, haveis de concluir que suas criaturas mais perfeitas hão-de ser livres.

E do modo como o pai no Evangelho de hoje anuiu no desejo do filho mais novo, de repartir a fazenda entre os irmãos; Deus, ao abrir-se nos Anjos, dito, assim, em sentido antropomórfico, criou o que era: seres livres e perfeitos, ainda que, porque livres, pudessem cair, para que, em caindo, aprendessem que o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder.

VIII – A dor de Deus

Mas não está de todo desfeita a dúvida. Sinto que me replicais que Deus podia impedir a queda, criando filhos cientes do que aconteceria se caíssem em desobediência. Este saber antecipado, esta ciência infusa, os inibiria de cair. Mas então, outra vez, os filhos não seriam livres, porque esta ciência os atemorizaria da queda, e impedidos de escolher por esse caminho, só lhes restaria o estar com Deus. E quem tem só um caminho a seguir, não é livre de escolher. Acaso, por aqui, não cairíamos de novo no automatismo de “robots”? não por parte de Deus, agora, mas, da de seu filhos? Mas que digo? Se os filhos saem ao pai, e os filhos são “robots”, que é o pai?

Logo (replicais-me vós daí, que vos sinto os pensamentos), logo, se Deus não podia dar ciência aos filhos, por não lhes tirar a liberdade, já que pedia obediência por amor e não temor, segue-se que ao voltarem os filhos ao regaço paterno, no fim dos tempos, estes filhos, ou perderão

243 Gên 3, 19

244 Gên 18, 27 – Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 122 e 144

245 João 10, 34 – Sal 82, 6 – Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 295

a ciência, para que o amor seja espontaneamente livre, ou terão ciência, e obedecerão por temor de nova queda. Se perderem a ciência, adquirida na subida, poderão cair de novo, recomeçando o processo em ciclo vicioso; se continuam cientes, já só tem uma coisa a fazer: estarem juntos de Deus. O conhecimento dos resultados da desobediência, certo, os fará obedientes; e Deus que ocultou este conhecimento antes, por querer obediência por amor, como estará seguro agora de que a obediência não será por temor?

Digo que a obediência dos que agora sabem é por amor, porque não seriam Anjos, e sim demônios, se não tivessem entranhas e gratidão para com um Deus tão amoroso, que, por amor das criaturas, se desterrou da transcendência, para estar nelas imanente no universo todo, que é uma grande cruz, na qual esteve pregado. Se o homem sofre uma dor particular e sua, e Cristo Senhor nosso padeceu a dor da humanidade, Deus imanente sofre a dor do Universo, não podendo haver gemido, que não provenha dele. Como não o amar depois deste sacrifício, que só ele pode sofrer, por ser infinito? Se a ciência me diz que devo obedecer, a gratidão me grita que devo amar. Já que alguns dos Anjos criados foram tão ingratos e egoístas, que responderam ao dar-se de Deus neles por amor, com egoísmo, com orgulho e com ódio, depois deste sacrifício maior de Deus, de se deixar crucificar na criação, não poderá restar quem não fique rendido pela gratidão, e não retribua, quanto possível, amor por amor.

A criação dos Anjos, antes da queda, continha, em si, a possibilidade de cair, para conter a perfeição da liberdade. Depois da queda e redenção total, aparecerão dois elementos novos: a ciência, que impedirá nova queda, e a gratidão, que garantirá o amor. Dos Anjos, uns caíram, outros não. Como os filhos do pai na parábola, um se fez pródigo, e o outro não se afastou da casa paterna. Mas ambos os filhos, o pródigo e o não, assim como os Anjos, os redimidos da queda e os fiéis que não caíram, ambos se aproveitarão da experiência da queda. Os Anjos redimidos e o filho pródigo contarão com uma experiência direta, vivida, sofrida nas próprias carnes. Os Anjos que se mantiveram fiéis a Deus, e o filho que não se apartou do pai, terão também uma experiência indireta, refletida, pela observação da queda e erguimento dos irmãos. Este elemento novo, a ciência, que antes não existia²⁴⁶, e existe agora, completará a perfeição do sistema. Ora, se porque faltava isso antes, deu-se a queda, e porque apareceu isso depois, a impossibilita, segue-se que a última criação é mais perfeita do que a primeira. O que tornou perfeita a última criação foi a queda da primeira; logo, a queda foi instrumento de perfeição. Os Anjos não caídos, só com receberem o ser, se renderam, agradecidos, ao amor de Deus. Os rebeldes, já caídos, já levantados, adquirirão o saber pela experiência direta, o que é mais do que a ciência filha da só observação dos não caídos. É verdade que Deus de contínuo enviou estes Seres não caídos ao reino periférico de Satã, sendo este um dos modos com que se crucificou no Universo. Cristo Senhor nosso, ainda que perfeito, e pertencente às hostes dos fiéis de Deus²⁴⁷, sofreu a experiência da matéria e a dor que desintegrou Satã. Logo, não só os caídos e levantados tiveram experiência direta, senão também alguns dos não caídos. Alguns, mas, não todos, porque para todos terem esta oportunidade, num esforço profícuo, era preciso que a maioria tivesse caído, e não só um terço como foi.

Antigamente havia amor, mas não havia ciência, pois, se a houvesse não se daria a queda. A queda, pois, possibilitou a ciência que faltava; logo, aperfeiçoou o sistema. Se aperfeiçoou-o, era que não era perfeito. Para a perfeição da última criação, que virá no fim, foi necessária a queda da primeira, que veio antes. Da demolição do sistema veio o sofrer, e deste, a ciência e a retificação, ou seja, a harmonia para com a Lei, isto é, a sabedoria. Se o que veio antes é menos perfeito do que o que vem depois, segue-se que Deus não criou tudo, mas, está criando ainda, sendo a queda e a evolução a sua ferramenta, com que fará filhos não só amorosos, mas, também sábios. Não se pode dizer que Deus fez obra imperfeita, quando a não terminou ainda. “Evolução é criação sucessiva de formas”, diz “A Grande Síntese”, “Meu Pai não cessa de agir até agora, e eu também”, diz Cristo Senhor nosso²⁴⁸. A obra de Deus está inacabada; ora, o inacabado não é imperfeição. Tais são as vossas conclusões, porém, não as minhas.

IX – Relatividade do Conceito de Perfeição

246 Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 112 e 124

247 Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 236 e 272

248 João 5, 17

Apertemos então este ponto, para que não fiquéis mais suspensos. “Se quiserdes discutir comigo – já dizia Voltaire – defini primeiro os vossos termos”²⁴⁹. Que entendeis vós por perfeição? Perfeito, dizeis, é tudo aquilo em que não falta nada; imperfeito é tudo aquilo em que falta alguma coisa. E como sabeis quando falta alguma coisa? Pela comparação, dizeis, com o modelo perfeito. E como sabeis que o modelo, a que chamais perfeito, realmente o é? Dizei-me: é perfeita uma flor? Sim. Por que? Porque, dizeis, ela preenche a todas as finalidades para as quais existe. Logo, o modelo de perfeição é concebido em função do preenchimento de finalidades? Sim. Logo, um sapo é perfeito, pois preenche também todas as finalidades para as quais existe... Sim, dizeis, o sapo é perfeito... E qual o mais perfeito; o sapo, ou o homem? O sapo, dizeis, pois, preenche este a todas as finalidades para as quais existe, e o homem ainda não, se quiser ser homem.

Pelo visto, as palavras perfeito e imperfeito só têm um sentido relativista e humano; só existem estas palavras em nossos vocabulários; não têm elas sentido cósmico, absoluto, hiperconsciencial. Só se pode falar de imperfeito em relação a fases superiores, e perfeito em relação a fases superadas. Assim o homem, em relação ao bruto, é perfeito, mas, em relação ao gênio e ao santo não o é. Contudo o santo, porque fita o ilimitado, julga-se um inferior, e vive a pedir a Deus o perdoo dos pecados, e o ampare nas fraquezas, as quais inexistem para nosso olhar. Pelo dito de Sócrates, ficamos sabendo que o gênio é o que sabe que não sabe, sendo o sofista, que quer dizer sábio, uma abstração, pois, só existe o amigo da sabedoria, isto é, o filósofo. É já muita sabedoria ter-se consciência da própria ignorância, ou ter noção do quanto se ignora. Os ignorantes que dizem, como Sócrates, que sabem que nada sabem, realmente não têm idéia do que dizem. Esta frase só tem sentido na boca dos sábios, e o ignaro teria de dizer: nem que não sei, não sei...

Assim não se pode dizer se uma coisa é ou não é perfeita, de modo absoluto, porque este ser ou não ser depende do ponto de referência. Movemo-nos no relativo, num “contínuo”, não a quatro dimensões, como cuidou a relatividade de Einstein, mas num *contínuo-evolução*, conforme o viu Pietro Ubaldí, isto é, “um contínuo de infinitas dimensões”²⁵⁰.

“As qualidades excessivas são nossas inimigas – dizia Blaise Pascal – não as sentimos, sofremo-las”²⁵¹. “A simples comparação entre nós e o infinito nos acabrunha”²⁵². O homem, pois, só pode avaliar as coisas em relação a si, e aos conceitos, ou representações, que forma para si. O homem se põe por ponto de referência das coisas; contudo ele também é um relativo a mover-se num relativo universal. Com que autoridade pode ele falar de perfeição ou imperfeição dos Anjos? Perfeito é tudo o que está pronto para mudar de fase; e o que pode mudar de fase é relativo.

Esta é a definição de perfeito em sentido evolutivo, dinâmico, de vir-a-ser ou tornar-se, e, por isso, relativa. Todavia nós podemos obter uma definição de perfeito, em sentido estático ou absoluto. Já o dissemos: *perfeito é o que preenche o fim para o qual existe*. Preenche o fim? logo é funcional. Perfeito, pois, é o funcional. Um martelo é funcional; está no fim da sua evolução, e tanto que não evolui mais; logo, é perfeito. Um espermatozóide e uma flor são perfeitos? Sim; porque além de funcionais, esgotaram a sua evolução. Uma flor, *enquanto flor*, não pode evoluir; preenchida a sua função, cai. Tal acontece ao aspecto do gameta masculino animal, formidável torpedo vivo que anda tanto, com tão pouca reserva de energia. Ele que é tão simples, e tão primitivo, se comparado com um neurônio, leva na sua cabeça a metade da carga hereditária que, em parte, determinará o destino de um ser. Um espermatozóide é perfeito; logo, em si mesmo, *no que é*, não pode evoluir mais. E os Anjos são o fim? Sim; porque para cima só há Deus, e por querer subir-se ao grau de Altíssimo, Satanás despenhou-se. E são, também, os Anjos, funcionais? Sim, pois, sua função é dar e receber amor. Permutar amor? E a ciência? a existência dela não aumenta a perfeição do sistema? Não, porque a ciência não é finalista; é meio, simplesmente, para se alcançar um fim. E quando a ciência se torna finalista, já não é ciência, mas, sabedoria. Ora, aos Anjos não interessa a ciência, porque não tem fim nenhum a alcançar, para o que, precisem dela. No nível angelical a ciência já se tornou sabedoria. A ciência é só instrumento humano para alcançar a sabedoria. E os Anjos já têm a sabedoria, que é o fim da ciência, e se a não têm, não são Anjos; logo, para que desejariam empenhar-se (ou despenhar-se, que é o mais certo) com a ciência, como fazem os homens? Quem tem o mais, despreza o menos, e ninguém poderá

249 Will Durant, História da Filosofia

250 Pietro Ubaldí, Problemas do Futuro, 295

251 Pensadores Franceses, Clássicos Jackson, XII, 127

252 Pensadores Franceses, Clássicos Jackson, XII, 128

demonstrar a superioridade da ciência, em relação à sabedoria; porém que a sabedoria é superior à ciência é axiomático. Todavia suponhamos que a razão seja vossa, e os Anjos, de fato, sejam uns cientistas, posto que, também, sábios.

Na segunda criação de Anjos, por evolução, é certo que apareceu a ciência, que não podia haver antes; logo, dizeis, a última é mais perfeita que a primeira. Dizei-me então: se Deus tiver em mente acrescentar a esta última criação mais alguma coisa, porque isto pode a sua onipotência, seguir-se-á, que essa última criação é imperfeita? Vieira já argumentava, e com razão, que Deus “depois de fazer tudo o que pode, ou pode fazer mais alguma coisa ou não pode. Se não pode deixou de ser Deus, porque não há Deus sem onipotência. E se pode, segue-se que aquilo que fez não é tudo”²⁵³. E se o que Deus fez não é tudo, para que lhe sobrasse poder para fazer mais; seguir-se-á, daqui, então, que o que fez é pouco? e que podendo acrescentar mais ao já feito, torna esse feito incompleto ou falho? O homem só pode avaliar as coisas em relação a si mesmo, e ele não é a medida das coisas.

Com a ciência, pois, ou sem ela, os Anjos são seres perfeitos, porque funcionais, e porque chegaram ao limite. São perfeitos porque, primeiro, sábios, e depois, amorosos. E se não são sábios nem amorosos, ainda que cientes, não serão Anjos, porém simples homens mortais, isto é, sujeitos às reencarnações. Se forem sábios, porém, ainda não amorosos, serão gênios; se nem uma nem outra coisa forem, por mais cientistas que sejam, não passam de homens. Contudo a ciência humana se amplia e chega à síntese, e esta se estende mais ainda, rumo à visão beatífica ou teológica, com que a ciência já não é ciência, para ser sabedoria e amor.

O homem conhece uma cienciazinha terrestre, e pior que isto, geocêntrica, que, para seu dano, se capilariza cada vez mais, nas especializações. E que seria do homem se tivesse de estudar e saber toda a ciência do universo? isto é, a de todos os outros orbes? Como se haveria ele, por exemplo, em face da vida noutros planetas, se aquela se basear, não nos compostos do carbono, como a nossa, mas, nos do silício, nos do titânio, nos do germânio, nos do zircônio, etc.? Que muito é haja planetas, cujos céus sejam róseos, lilases, amarelos, etc., por causa de outras misturas gasosas? e que os vegetais sejam azuis ou vermelhos, de belas flores verdes e negras? que baseado noutro sistema de combustão, os seres animais respirem outro gás, que não o nosso oxigênio? Não se poderia dar que certos animais respirassem hidrogênio, e a combustão interna se fizesse com o cloro ou o bromo, assimilados da alimentação? Como consequência os vegetais não teriam de decompor o gás clorídrico ou bromídrico da atmosfera, por um sistema análogo ao da nossa síntese clorofiliana, sendo, neste caso, uma síntese brômica ou clórica? Não poderiam existir seres vivos que não funcionassem em base do calor, como nós que somos máquinas térmicas, de combustão interna, mas fundadas em princípios diferentes, fossem máquinas elétricas, cujas reações internas se assemelhassem com a das pilhas elétricas primárias e secundárias? Que muito é isto se a vida, em seus fundamentos, é eletricidade, e se a luz pode produzir efeitos elétricos, como os das células fotoelétricas? Porque não haver seres inteligentes e amorosos, com formas corporais diferentes da nossa, por que isto lhes impôs o meio em que a vida tomou forma e evoluiu? Mesmo se considere sempre necessário um meio líquido para berço da vida, ainda assim, possivelmente, alhures, existirão gênios e santos com formas diferentes da nossa.

Mas para que é ir tão longe, quando aqui na terra mesmo, temos os artrópodes, cujo sangue é azul, e isto, em resultado de o ferro da hemoglobina ter sido substituído pelo cobre da hemocianina?²⁵⁴ Não poderia o homem ter derivado do tronco dos artrópodes, e ter, por isso, sangue azul, como o dos camarões, dos caranguejos, dos escorpiões e das aranhas? Bastaria, então, que o tronco ancestral fosse o verme-flecheiro, ao invés do balanoglossus.

Poderíamos, aqui, sonhar um pouco, se é que já não o estamos fazendo, e imaginar que mesmo os homens tendo vermelho, o sangue, por causa do ferro, hão-de querê-lo azul, por causa do cobre das riquezas, com o que, logo, os nobres se distingam dos plebeus. Fantasiando, ainda, poderíamos cuidar que Deus tivesse antevisto, porque onisciente, que mesmo fazendo o sangue dos animais em base do ferro, contudo, quando eles chegassem ao homem, este amaria mais ao cobre (dinheiro) que ao ferro (máquina - trabalho). Cesso, já, teria pensado Deus, de fazer o homem, partindo do esquema da lagosta, porque o amor e a perdição dele estará na cobiça do cobre que não lhe porei no sangue! Caia, o homem, se quiser, mas, não seja por causa minha, senão, por culpa sua, portanto, pôr-lhe-ei no sangue o ferro do trabalho e da máquina, e não o cobre da ociosidade e da cobiça!...

Mas deixemos estas e outras quimeras para os poetas, os quais, segundo Vieira, merecem

253 Vieira, Sermões, XI, 5

254 Wells e Huxley, *Ciência da Vida*, 2, 116

pouco crédito²⁵⁵, e os efeitos de estilo para os retóricos, e tornando ao assunto, perguntemos: como poderia o homem dominar tanta ciência, quanta é a que se pode contar pelos milhões de orbes habitados, espalhados no universo? Ah! dir-me-eis, mas o universo funciona, e tudo nele, em esquema a tipo único, e quem conhece uma ciência conhece todas. Logo, não é preciso percorrer o universo para se saber tudo. Se amanhã nos for dado examinar um espécime de animal superior de algum outro planeta, pelos órgãos residuais que ele apresentar, pelo tipo de alimentação, de respiração e de combustão, pela forma e aspecto do corpo e dos membros, e mais ainda, se lhe fosse dado observar o embrião, poder-se-ia fazer um levantamento sumário da evolução da vida nesse orbe. Pelo estudo do embrião, em várias fases, se poderia saber em que meio, e como, a vida começou a desenvolver-se, e pelo modo de combustão orgânica, adiantar-se-ia de que é composta a atmosfera, e como teriam de ser os vegetais, quanto à sua função de equilíbrio na economia da vida. Logo, quem sabe uma ciência, sabe todas, não se precisando percorrer o universo para se saber tudo. Está certo. Mas isto não é especialização, como faz a ciência humana que se ramifica, e vai para o particular; ao contrário, é generalização, que já não é ciência, porém, sabedoria a qual se amplia na visão beatífica e no amor místico.

Os Anjos caíram por deixar de amar, e não por não terem ciência, que esta nada protege ou ampara; a prova disto temo-la no nosso mundo hodierno que vai cair, e o sabe, e o não pode impedir com a ciência, visto como está impelido para a queda, pela mesma ciência que se tornou muita, no ponto que a sabedoria se restringiu a quase zero. O mundo caminha para o abismo que o atrai, puxado pela ciência, como se fora um animal levado pela corda. O Cristo de Deus que é a pedra de esquina, foi posto de lado, por incômodo; pois bem: está escrito que aqueles sobre os quais essa pedra cair, reduzir-se-ão a pó e nada, e aqueles que caírem sobre essa pedra, tornar-se-ão em migalhas. É chegado o tempo de o mundo pagar por sua deserção a Cristo Senhor nosso! e a ciência em que aquele tem posto sua fé, fará agora sua ruína! Oxalá, irmãos meus, possais compreender, de uma vez por todas, a verdade ignorada pelo mundo, que é a de que o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder.

X – Deus faz a sua vontade com a nossa e pela nossa

Deus fez os Anjos livres para merecer-lhes o amor. Uns caíram, outros não; mas tanto uns como outros acabarão fazendo a vontade de Deus. Já dizia Vieira “que o nobre, o alto, o fino, o maravilhoso da Providência Divina, não é fazer a sua vontade violentando a minha; é deixar livre e absoluta a minha vontade, e com a minha e pela minha conseguir a sua”²⁵⁶.

Esta a técnica de Deus; deixar livre a vontade do criado, e com a deste, e pela deste, executar a sua. O caminho de quem vai de Jerusalém a Emaús, leva a Emaús; contudo querendo Cristo Senhor nosso trazer seus Discípulos a Jerusalém segue com eles para Emaús²⁵⁷.

A providência de Deus, em salvar o mundo, foi pôr Cristo Senhor nosso numa cruz; e para lograr o seu intento deixou quererem o que quisessem os homens. De maneira que quando Cristo foi condenado e morto, Judas, Caifaz, os escribas, os fariseus, o povo e o diabo, fizeram as suas vontades, e até Pilatos, que de princípio se mostrara indeciso, fez, por fim, a sua, entregando o inocente. Judas por dinheiro, Caifaz por egoísmo, os escribas e os fariseus por orgulho, por selvageria o povo, o diabo por destruir a Deus, e Pilatos por medo, todos, por motivos tão diversos e vontade tão díspares, concorreram a levantar a cruz e nela Cristo. Pilatos que esteve indeciso, quanto à condenação do que considerava justo, decidiu-se logo, tanto que se pôs em dúvida a sua amizade por César. O representante de Roma, em lavando as mãos, sujou-as mais ainda, ao ter de optar pelo poder, ainda que pisando por sobre a justiça, à qual representava. Deus queria também deixar aos homens esta lição, para que de futuro soubéssemos que, em política, não há meias medidas, pois que nem atam nem desatam.

Satanás é servo de Deus, e todo o trabalho de destruição, diz Pietro Ubaldi, lhe fica a cargo²⁵⁸. Todavia “tem poder apenas até onde Deus quer; é escravo do mal e é ignorante diante do céu”²⁵⁹. Querendo fazer a sua vontade executou a de Deus na sublimação de Jó. No Fausto de Goethe, Mefistófeles se declara, como sendo “parte da força, que, empenhada no mal, o bem

255 Vieira, Sermões, IX, 193

256 Vieira, Sermões, VIII, 17

257 Luc 24, 13 a 35

258 Pietro Ubaldi, Problemas do Futuro, 143

259 Pietro Ubaldi, Problemas do Futuro, 175

promove²⁶⁰. Gregório, que habitava zonas inferiores, querendo ter Margarida para si, perdeu-a de si para Deus. Assim foi que, no momento do martírio de sua amada, ao ver abrir-se sobre a pira funerária dela uma estrada de luz para os céus, ele disse: – perdida!... E dos céus lhe responderam: – salva!... (“Libertação” – André Luiz – Ed. FEB).

Se porque o espaço é curvo, após mil milhões de anos, um raio de luz, que saiu num sentido, volta, pelo lado oposto, ao ponto de partida²⁶¹; se as ondas de energia, porque esféricas, fechando-se sobre si mesmas, são curvas, e os fatos e fenômenos, com se repetirem, fazem que o tempo também seja curvo²⁶²; se a consciência é curva, com que o homem vive a tocar os pontos por onde já passou, e a esgotar, pelos efeitos da dor, as impulsões da causa; se cada um colhe o que semeou, em ciclo fechado; se o infinito é curvo²⁶³; podíamos dizer que Deus imanente também é curvo, já que tudo sai dele e volta para ele, sendo essa curvatura a mínima do sistema, e de egocentrismo máximo. Sendo Deus imanente, a mínima curvatura, com que se acha aberto no infinito, por todos os lados, Satanás é a curvatura máxima, e de egocentrismo mínimo (porém de egoísmo máximo), supremo encerramento do ser em universos sub-físicos, abaixo do espaço e da matéria. O diabo é egoísta porque não tem, sendo a sua pobreza o resultado da sua avidez. É por isso que “quanto mais egoísta for o indivíduo, tanto mais se restringirá o canal, que tende a se fechar, até que a fonte não (lhe) flua mais e todo o auxílio (lhe) seja negado²⁶⁴. Num tal sistema “o próprio Satanás, no extremo periférico oposto, não pode existir senão em função de Deus. Tirei Deus de Satanás: o que é que este negaria? Satanás é atado a Deus pela sua mesma existência e não pode existir senão como executor da lei de Deus²⁶⁵”.

Sendo Deus infinito, e o infinito curvo, Deus abarca tudo numa curvatura, da qual um segmento, ainda que se o meça por anos-luz, se nos afiguraria como um reta. Se nada pode haver fora de Deus, pois que, sendo infinito, não pode criar alguma coisa exterior a si, como o faz o homem, segue-se que, nesse Todo, não se tem para onde ir, sem que em Deus não se esteja, nele não se mova, e para ele não se vá. O mesmo Satã, querendo afastar-se de Deus, faz agora a curva do universo, pela evolução, tornando ao seio da divindade.

O esquema divino é o que se vê executado em nosso corpo, onde o coração, centro da vida, se liga a um tronco arterial o qual, depois de ramificar-se nos capilares, para que o sangue possa servir às células, na intimidade dos tecidos, se reúne de novo noutro tronco, o agora venoso, pelo qual o sangue retorna ao coração. É de se notar que o coração existe antes do cérebro; logo, a sabedoria e o amor preexistem à ciência. A primeira coisa que pulsa num ovo é o coração, sendo o último a parar e morrer num ser vivo, como o notaram os antigos, pelo que disseram: “Primum oriens, ultimum moriens²⁶⁶”. Deus imanente é o coração que pulsa e ama no centro da Criação, donde tudo sai, e para onde tudo retorna. Deus é o coração que pulsa e ama no seio da Criação, pelo que esta existe? Logo, o amor que é sabedoria e coração, preexiste à ciência que é cérebro. De outro modo: sendo o coração, no corpo animal, “o primeiro a aparecer e o último a morrer²⁶⁷”, segue-se que preexiste e sobrevive ao cérebro; logo, o amor e a sabedoria preexistem e sobrevivem à ciência.

O coração é um motor eletrônico que funciona graças ao bombardeio de elétrons²⁶⁸, em razão do que, pode até funcionar fora do organismo, mantendo uma circulação artificial²⁶⁹. Mas este é o coração físico. Todavia podemos dizer o mesmo do coração moral (sentimento), pelo que este funciona graças aos influxos dos raios divinos do amor. E como são os sentimentos que governam o querer, que, por sua vez, governa os pensamentos, temos que é o coração que governa a vida, sendo o amor ou sabedoria a sua grande força, perto da qual a ciência é nada. É, pois, no coração que está a genética dos atos que fazem o ser subir ou descer. Os homens falam como pensam, mas, vivem como sentem. As palavras são usadas, às vezes, para ocultar os sentimentos, porém, na hora de agir, todos os falsos se desmascaram, porque os homens agem de acordo com o sentir e não, de com o pensar. O homem pode, dentro do seu coração, subir ou descer; e quando sobe ou desce dentro, no imponderável do sentir, sobe ou desce fora no concreto das ações. Deste

260 Goethe, Fausto, Clássicos Jackson, XV, 85

261 Grove Wilson, Os Grandes Homens da Ciência, 426

262 Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 110 e 143

263 Pietro Ubaldi, Problemas do Futuro, 305

264 Pietro Ubaldi, Problemas do Futuro, 106

265 Pietro Ubaldi, Problemas do Futuro, 195

266 Fritz Kahn, O Corpo Humano, I, 226

267 Fritz Kahn, O Corpo Humano, I, 226

268 Fritz Kahn, O Corpo Humano, I, 223

269 Fritz Kahn, O Corpo Humano, I, 231

modo, fazendo o pequeno circuito do próprio coração moral, que oscila entre o bem e o mal, percorremos fora, pelas obras, ora o ramo arterial, descendente e involutivo, ora o ramo venoso, evolutivo e ascendente do sistema vital cósmico. Ou fugimos do centro cardíaco, pelo ramo descendente arterial, até o caos da capilarização, ou saímos deste pelos engrossamentos venosos cada vez maiores, até nos perdermos (ou nos acharmos) naquele coração do Todo, do qual fazemos parte.

Mas o coração cósmico poderia não ter estes dois ramos de ida e volta, e antes viver sem eles, do mesmo modo como vive um coração animal fora do corpo, mantido, palpitante, em solução apropriada. Ora, o grande coração cósmico, que é Deus imanente, está imerso no fluido apropriado à sua vida, e do qual é feito, que é o Deus transcendente. Aí podia e pode viver, palpitante de amor, sem os apêndices (involução-evolução) que lhe criaram a queda. Mas uma parte de si caiu formando o semi-sistema arterial que desce até os capilares do não-ser, ou caos de Satanás, de cuja fragmentação se forma o semi-sistema venoso ou evolutivo que retorna ao coração. E nesse grande circuito involução-evolução, só uma vontade se realiza, se bem que através de infinitas vontades particulares. Assim Deus não se preocupa com fazer a sua vontade, porque dentro do Todo só há a sua vontade, e por qualquer caminho que se vá, a ele se chega.

XI – Abalando Fundamentos

Sinto, porém, pairando em vossos espíritos uma dúvida, que não resulta do sermão, mas, do vosso misoneísmo. Quereis que abalemos vossos fundamentos? Nesse pensamento estou. Dai-me atenção.

Se concordais que há, hoje, evolução, é que antes houve involução e queda; e vendo como a evolução reconstrói na subida, se chega a como teria sido a destruição na descida. Quem tem três pontos pode, por eles, traçar uma circunferência; pois se assim é, geometricamente, para quem tem três pontos; como será, em filosofia, para quem tem u'a metade inteira do ciclo? Não vedes que o Espiritismo e a ciência com dizerem *evolução*, pedem um complemento, para não dizer premissa, que é a *involução*? “A Grande Síntese” deve corresponder à “A Grande Análise”, pois, se por aquela o Todo se resolve das partes, nesta o Todo se pulveriza no relativo. Dai-me a metade de um ciclo, e construirei o resto! Quereis saber que forma tem esse ciclo? Ide à natureza e perguntai ao fragmento pela lei da simetria, e concluí depois, que se há simetria nas partes, é que a há no Todo. Aplicai esta lei e reconstruí o semicírculo da involução, que houve, que precisa ter havido, para sossego da mente...

Já não bastam mais os enunciados insuficientes de uma evolução manca; se “*natura non facit saltus*” é preciso dar a outra perna à evolução, para que não ande ela mais aos pulos numa perna só. Dizer, pois, dos homens, que todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal²⁷⁰; e acrescentar que “Deus, que é justo não poderia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito”²⁷¹. Dizer, pois, isto, é negar aquilo mesmo que se afirma, que é a justiça. Onde a justiça, se se impõe fadigas e trabalhos, que tudo são dores, a inocentes? Quem é então responsável por estas dores, senão Deus? e já que as impõe ao inocente, como é justo? para não dizer bom, que evidentemente, então, não é?

Foge ainda noutro passo o Espírito-Instrutor à questão, quando Allan Kardec agudamente lhe pergunta, se os espíritos em evolução teriam de “passar pela fieira do mal”²⁷². A isto responde, como disse, fugindo à questão, e diz: “Pela do mal, não; pela da ignorância”. Mas que é isto? Pode haver mal, que não provenha da ignorância? ou ignorância que não produza males?

Mas noutro passo já não foi muito agudo Kardec, pois, argumentou perguntando: “Então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isto não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?” Não foi muito agudo, porque aqui se ocultam duas insuficiências: a primeira é que não existe o tal caminho só do bem; a segunda é que admite dor e sofrimento, mesmo estando os espíritos sempre no caminho do bem, e isto, só para terem, por recompensa, o chegar “mais depressa ao fim”. Um fim, que é também o começo, de onde podiam não ter saído, e se saíram, usando as liberdades próprias, são culpados, e se foram compelidos a sair, contra vontade, são vítimas de Deus, o qual, por isso mesmo, já não se pode dizer que seja de justiça e de bondade. Assim se sofre sendo bom ou mau, não importa, por causa da imperfeição do sistema evolutivo, que se não é obra do criado, é-o de Deus.

270 Livro dos Espíritos, Resp. 133

271 Livro dos Espíritos, Resp. 133

272 Livro dos Espíritos, Resp. 120

Não há um caminho só do bem, como não há um outro só do mal. O bem e o mal, ao longo do caminho da evolução, são relativos, e aquilo que é bem numa fase, é mal na outra. Egoísmo e luta são bem no nível do bruto, porque o primeiro preserva o ser da extinção, e o segundo seleciona o mais apto para a espécie, além de forçar as mentes do vencedor e do vencido a trabalhar. Todavia, no nível humano, este bem é mal. A recompensa da vitória e da alegria, no nível animal, para o que venceu e esmagou, é punida na fase humana com remorso, tristeza e dor. Um mesmo feito, pois, pode ter resultados opostos de alegria ou tristeza, conforme o plano em que se desenvolva. Onde está, pois, a senda, que é só bem, e não mal? Onde a fieira, que podendo ser da ignorância, não é também do mal? Onde está a bondade e a justiça de Deus, que cria um ignorante, e o põe numa senda de bem e de mal, premiando numa fase (bruto), e punindo noutra (humana), pela mesma ação?

Estai ainda comigo, que quero apertar mais a questão das insuficiências, as quais, se bem serviram até aqui, contudo agora não servem mais. Acompanhai no “Livro dos Espíritos” as perguntas e respostas, conforme as vou anotando.

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber” (R. 115). Colocou-os no começo da fieira da ignorância (R. 120), que insuficientemente, se diz não ser fieira do mal. Deu-lhes um livre arbítrio crescente, para que fossem responsáveis (R. 122), ao mesmo tempo que também permitiu a pressão contínua e maléfica “dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se deles, e que rejubilam com faze-los sucumbir” (R. 122). Estes Espíritos imperfeitos e viciosos, já denotam certo grau de desenvolvimento, pois, as paixões “são sinal de atividade e de consciência do *eu*, porquanto, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham em estado de germe” (R. 191). Temos, pois, a alma primitiva, ou seja o Espírito simples e ignorante, na senda da ignorância, sofrendo a pressão externa dos Espíritos perversos, e interna, dos instintos (R. 189), que são as fases transpostas, como agora conhecemos, devendo seguir o caminho do bem, que não sabe o que seja, usando de um livre arbítrio nascente e insipiente. E depois de tudo isto achar que “alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros do mal” (P. 121), como se pudesse, de fato, haver dois caminhos, independentes e absolutos, e não um só, com altos e baixos, de abertura e fechamento, que é o avanço e recuo cíclico, a respirar dentro da evolução? E isto tudo se compadece com a bondade, e sabedoria, e ainda perfeição divinas?

A evolução, pois, existe; logo, existiu a involução; e se os seres criados não foram os culpados dela, é culpado Deus. A evolução é senda de bem e de mal, de avanço e de recuo, de abertura e de fechamento, de subida e de descida, de vida e de morte, de dor e de alegria; e se os seres criados não foram os que a possibilitaram, possibilitou-a Deus. A evolução é um semicíclo; logo, há outro semicíclo simétrico e complementar; se pois os seres criados não são os responsáveis por todo o ciclo, descida e subida, é-o Deus. A evolução é feita de ciclos que se abrem, e se fecham, para abrir-se de novo, e de novo fechar-se, sempre com ganho evolutivo, que se potencializa. Logo, a involução é também feita de ciclos que se abrem e que se fecham, para de novo tornar a se abrir e se fechar, sempre, com cada vez maior perda. Se evolução é sinônimo de potenciação, involução é sinônimo de divisão de potência. Se na evolução as aberturas são altruísmo, felicidade e alegria, na queda, as aberturas são imperialismos egocêntricos, luta, dor, dano e destruição. Aqui o ser abre-se para abarcar e crescer, e é mutilado; é como um capital de ladrões, que, se guardado não serve, se posto em giro some-se, dissipa-se; e se não são os seres criados os culpados disto, é-o Deus. Na evolução tudo é cíclico, e todo o ciclo é síntese de ciclos menores; logo, na involução tudo é cíclico também, e os ciclos menores resultam da análise e decomposição dos ciclos maiores; se pela evolução verificamos a síntese, é que antes houve a análise. Na evolução tudo é descurvamentos; logo, na involução tudo é encurvamentos. Na evolução tudo é reconstrução em unidades maiores; logo, na involução tudo é decomposição em unidades menores. Na evolução tudo é unificação; logo, na involução tudo é antagonismo e separação. Na evolução tudo é amor e expansão altruística; logo, na involução tudo é ódio e retração egoística. Quem faz a evolução é o ser que se autoconstrói; **logo, quem fez a involução é o ser que se autodestruiu.** A evolução é um ato livre do ser que quer subir para Deus; **logo, a involução há-de ter sido, também, um ato livre do ser que se quis afastar de Deus.** Deve, pois, ter havido a queda, como um ato livre do ser, e não como imposição divina. É forçoso, que se é o ser, que há-de fazer a própria evolução, a fase inversa, fê-la ele, e não Deus; não é justo que o ser pobre e ignorante refaça por ensaios-e-erros, por tentativas e falências dolorosas, o que Deus desfez com sabedoria, pois, isto seria trocar as posições, e ser o criado o edificador e Deus o destruidor. Daqui não há fugir. Deus não pode ter provocado a involução, e tê-la impedido seria negar a liberdade.

XII – O Pensamento Criador

Poder-se-ia, contudo, objetar (visto ser isto o que se ensina em nome do Espiritismo) que Deus não criou os Anjos, mas, involuiu sua divina onda-pensamento, na forma inconsciente. É a mônada divina, criativa, ou energia cósmica fundamental, protótipa, ou ainda, substância ou essência.

Ora, se a mônada ou onda-pensamento involuiu, então caiu, porque se ela não se modificou, não desceu de dimensão, porém, apenas se apartou do centro-Deus, então não caiu, e somente deslocou-se no espaço, ou tempo, ou consciência, ou coisa que o valha. Queda é descida de nível e não deslocamentos no mesmo nível. Uma coisa pode cair de uma torre; porém um veículo que ande na rua, não está, por isso, caindo. Se só houve um deslocamento, então não houve involução, porque esta significa descida de dimensões. Quando a energia se torna matéria, desce da dimensão temporal para a espacial. Com a energia havia o espaço e mais o tempo, isto é, havia o espaço, que é a esfera, mas, em movimento. O espaço move-se, e a esfera fica esfera + movimento = esfera ondulatória, ou esfera-onda, ou ainda espaço-tempo. Se, pois, a energia se acantona, então sim, involuiu, porque desce da dimensão temporal, para a espacial. Deste modo, no universo, não há subir ou descer, senão em sentido evolutivo, isto é, de mais ou menos ser, ou ainda, de dimensões. A energia é um *mais-ser* em relação a matéria, porque esta é só espaço, no ponto que aquela é espaço vezes tempo, isto é, espaço-tempo. Deslocamentos espaciais, conscienciais, etc., sempre no mesmo nível dimensional, não são subir ou descer. De que natureza, pois, era a mônada? como involuiu? Apertemos isto.

Dizer que Deus é a energia criadora, proto-força absoluta do universo, ou alicerce fundamental, compreendido isto em sentido dinâmico, é absurdo. Primeiro porque a energia não pensa, e antes é guiada por um princípio ou lei que a plasma. Deus então seria essa Lei. Logo, é Espírito ou Pensamento, e não energia. Então como apareceu a energia? Pelo encurvar-se do Pensamento, que é Lei ou Espírito. Logo, houve queda. Quem a provocou?

Deus é Pensamento, Espírito ou Lei. Ora, o pensamento é lei (todo ele, e não só o divino), porque plasma e cria, e por isso é lei em relação à coisa criada, a qual não pode subsistir, sem estar plasmada pela lei. Em relação à coisa criada o pensamento plasmador é lei, é determinismo. Mas isto não significa que o pensar seja determinístico em si mesmo. Esta é a diferença entre pensamento e lei. O pensamento é a lei na fase de elaboração, de devir; a lei é o pensamento estático, matriz ou forma daquilo que ele vai criar. Por isso a Lei, que é Deus, é determinismo para as coisas criadas, por ser a forma delas; todavia Deus *não é determinismo em si mesmo*, na sua forma não manifesta, de devir, porque se o fosse, seria cego, automático, e não inteligente. Ora, seria crível que um Deus autômato, cego, criasse seres inteligentes e livres, tanto que até podem contrariá-lo como o contrariam? Isto não seria a obra superar o Obrador? Quem criou o determinismo, ao qual o mesmo Deus se submete? Se foi o mesmo Deus, pode, então, modificá-lo; logo, cessa de ser determinismo. Se não foi Deus quem o criou, então aquele subsiste sobre o mesmo Deus, sendo a Lei que o regula. Deus está regulado pelo determinismo, que ele não criou, e por isso não o pode modificar? Logo, há outro Deus sobre o Deus-determinismo, sobre o Deus-lei sobre o Deus-imanente. Se há um Deus senhor, e um Deus subordinado, vale o senhor; se um é determinismo e outro livre, vale o livre; se um é transcendente e outro imanente, vale o transcendente. Se dissermos que esse determinismo existe em Deus, mas, independente dele, porém, ao qual ele obedece, então, Deus não é livre. Quem o privou da liberdade? Se foi outro, é esse outro então o Deus; se foi ele mesmo que se privou a si da liberdade, então é livre até para fazer isso. Quem se priva, voluntariamente da liberdade, é livre, porque esta privação é um ato do querer.

A evolução começou do baixo. Isto é um fato. Deus não pode ser esse baixo, porque este é a energia prototípica da criação, a qual, por ser cega, nada plasma ou ordena. É preciso um Pensamento, um Logos, um Verbo, uma Palavra que dê ordem ao caos da energia. Então esse Quid superior é que é Deus. E a energia prototípica, de onde veio? Ela existe, por si mesma, desde todo o sempre? Então, há dois Deuses, um chefe e inteligente, e outro subordinado e cego. Se há subordinação de um a outro, vale só o que manda, e não o que obedece. Logo, Deus é livre (transcendente), conquanto possa ser determinístico (imanente) na sua criação.

Todavia aventemos esta hipótese: Deus é o pensamento que gerou a energia que gerou a matéria. Mas esse pensamento estava na forma inconsciente. Quer dizer: estava congelado no determinismo de lei. É como quando emitimos um pensamento; este não *pensa por si mesmo*,

visto como é efeito e não causa. Somos livres de pensar como e em que quisermos. Mas uma vez emitido o pensamento, este é independente da fonte que o criou, porém, não é livre em si mesmo; ele, em si mesmo, é inconsciente como um autômato que faz coisas inteligentes, porque a inteligência do seu autor se congelou no determinismo do seu funcionamento. Um cérebro eletrônico não é inteligente, nem pensa, conquanto supere o seu mesmo criador, na eficiência do calcular; o pensamento e a inteligência estão congelados nos princípios que o governam. Um robot não é inteligente, mas, contém, em si, inteligência e saber congelados em determinismo eletrodinamo-mecânico. Mas o pensamento criador, não congelado; aquele livre, de devir, de possibilidades, e não estático; o pensamento-causa e não o pensamento-efeito; o *pensando*, ou por pensar, e não o *pensado*, esse é livre. O primeiro é o pensamento propriamente dito, ao passo que o outro é lei. Então, para que exista o pensamento-onda, já pensado e emitido, automático e inconsciente em si mesmo, é preciso que haja o pensador.

Disto temos que se a mônada involuiu de pensamento-onda ao caos, é que este pensamento era já o caos. O Pensador divino pensou no caos, e o caos surgiu. Depois ele pensou na ordem, e o caos começou a organizar-se. Então a primeira obra de Deus é o caos, e é ele o culpado pela existência da ignorância, da treva, da dor e da morte. Se foi Deus o que fez a involução, precipitando o seu pensamento no caos, se ele é o único culpado por tudo isto; como impõe dores a inocentes?

Poder-se-ia retrucar que Deus quer assim, e pronto; ele é a Lei, é a Vontade absoluta, e do jeito que fizer está certo, está bem feito!

Então, porque nos esforçarmos por sair das trevas, da ignorância, do pecado, do mal? para que é ir para a luz e para o bem, se Deus, em seu capricho, nos pode derribar de novo? Além disso, se foi ele que nos fez deitados na lama, que nos levante agora, não nos impondo arbitrariamente o esforço doloroso da elevação. O mal, a dor, o feio, a ignorância, etc., são normais? são lei? estão certos? Então, porque fugir daí? Ah! estamos submetidos à lei da evolução, e não podemos parar ou retroceder! Logo, não somos livres? Então porque se fala tanto em livre-arbítrio? O que há, então, é determinismo puro, e quando erramos estamos acertando, porque é desse jeito, por tentativas e falências, por ensaios-e-erros, que funciona a evolução. De qualquer jeito é que é o jeito: então, ó minha alma! “descansa, come, bebe e folga”, que amanhã tu morrerás!²⁷³.

Êh! mas a morte não existe, e o espírito sobrevive ao corpo! por conseguinte, depois que morrermos, iremos enfrentar e resolver esses problemas; para hoje, bastam os de hoje, pois, “basta a cada dia o seu mal”²⁷⁴. Não há-de ser nesta que se hão-de resolver os problemas da outra vida, e se Deus nos quer nos céus, porque nos pôs na terra? Além disso, Deus que nos faça evoluir, que já não nos adianta esforçar, e aquilo, e do jeito, que fizermos, não seremos nós os que o fizemos, mas, Deus quem no-lo determinou, visto que não somos livres. Eis o último resultado da hipótese atrás aventada.

Digamos, então, que, o que o Espiritismo quer explicar, seja o seguinte: o pensamento não é consciente em si mesmo. É onda²⁷⁵. É ele de um tipo mais alto que as ondas da energia, e que as da vida. Foram essas ondas mentais de Deus, que, de pensamento que eram, se condensaram em vida, depois em energia, e finalmente em matéria, constituindo isto a involução. Aquela onda-pensamento é que é a mônada inconsciente. Não se pode falar em consciência do pensamento, quando haja ele deixado a sua fonte, visto como ele é uma impulsão ondulatória, que age num sentido determinado, e por isso, deterministicamente como uma lei. Os pensamentos são como se foram coisas, e se fossem conscientes, em si mesmos, teriam vida própria, com capacidade, portanto, de se refazerem dos desgastes, de se nutrirem, de crescerem e, ainda, de criarem organizações pelas quais pudessem, por sua vez, pensar. Se isto fosse possível os homens seriam deuses, e neste sentido os homens não são deuses, conquanto o possam ser em outro.

Mas que digo? Valha-me Deus! Então se os homens produzissem pensamentos vivos e cõscios destas suas vidas, com instinto de defendê-las e ampliá-las, tais homens seriam deuses? Sim. Logo, o pensamento de Deus cria estas coisas, já não se podendo dizer que seus pensamentos não sejam, de si mesmos, conscientes, após terem sido irradiados da Fonte divina. Logo, a mônada era consciente, e constituía, ela, os Anjos: de onde veio, então, o caos?

Todavia não atrolemos as conclusões, e, tornando atrás, prossigamos no desenvolvimento conectivo das idéias.

273 Luc 12, 19

274 Mat 6, 34

275 A Grande Síntese, Ed. FEB, 120

O pensamento humano sobrevive, cresce e se desenvolve, mas, nutrido e aperfeiçoado por outras mentes que os revigoram, com repensá-los. Se estes filhos dos homens não forem nutridos pelos seus pais, perecerão absorvidos noutras formas de vida. Os pensamentos, pois, são autônomos, relativamente às suas fontes, conquanto sejam determinísticos em si mesmos, porque inconscientes. Tais são os pensamentos dos homens; se tais forem, também, os pensamentos de Deus, então, a mônada, de fato, era inconsciente. Mas ouvi a réplica.

Consciência não é propriedade que possa ter o pensamento humano, em si, porque isto é propriedade só da fonte que o produziu. A sabedoria de um pensamento consiste na mensagem, mais imponderável ainda que ele, levada em sua onda a qual pode fazer oscilar outras mentes, em ressonância, e deste modo, várias mentes funcionando em uníssono, tornam mais vivo o pensamento, em sua vida fictícia. Deste modo, a diferença entre as ondas de pensamento e as de energia, consiste em que, encurvando-se estas sobre si mesmas, criam a matéria; aquelas, a vida. O pensamento é vivo, pois, e cria a vida; até um ser fictício, de vida temporária, pode ser criado pela concentração mental de um, se for forte, ou de muitos, se forem fracos. E a esse ser de vida efêmera, se pode reunir e condensar energia, materializando-o, por fim, no mundo visível. Não é assim que se dão as *mentalizações*, e, depois, as *materializações* de objetos, flores e frutos, seja isto feito pelos espíritos nas sessões de efeitos físicos, seja executado pelos gurus da Índia? E pode-se criar também um ser *orgânico*, com vida instintiva, capaz de viver por certo tempo. Para não dar vida, ou alimentar, monstros desta espécie, produzidos pelas mentes, mas, que vivem e combatem, André Luiz não teve ordem de no-los descrever²⁷⁶. Para afugentá-los, os samaritanos precisam de cães, e as formas mentais menores, porém, “odiosas e agressivas”, são devoradas pelos íbis que costumam acompanhar os caravaneiros no umbral²⁷⁷. Quer dizer que se todos os homens começarem a mentalizar uma coisa, ela toma forma; logo, os homens também são criadores, e nisto ainda são deuses, contrariamente ao que, atrás, se afirmou. E porque se criam monstros odiosos e agressivos, ao invés de formas delicadas, amorosas e belas? É porque é mais fácil fazer o menos que o mais. Imitadores de caboclos, de caipiras e de estrangeiros enleados ainda no uso da língua, os há, e muitos, no rádio e no cinema; porque, pois, não aparecem imitadores de Vieira, de Bernardes, de Ruy? Todo mundo imita a todo mundo entre os cantores; e, pois, porque não se imitam Feodor Chaliapin, Beniamino Gigli, e outros, que tais? Fazer um monstro é mais fácil do que fazer um Anjo, e nisto diferem os deuses pigmeus, que são os homens, do Deus único, que é Deus. É assim que a mente de Deus irradia pensamentos que são Anjos. A onda mental cósmica, movimentada no seio de Deus, se encurva sobre si mesma, com o que se criam os Anjos. É o Logos, ou Verbo, do começo da Criação.

O íbis é uma ave que se nutre, no umbral, dos pensamentos-formas agressivos, criados pelas mentes desequilibradas dos que se demoram nas sombras²⁷⁸. E se isto é assim, em relação aos pobres homens, como não será poderosa no criar, a mente de Jesus que é um Anjo? Se um homem, com ser homem, pode criar uma forma-pensamento viva, que age por um instinto (automatismo) que o mesmo pensamento lhe empresta; que muito é que as criações da mente de Deus sejam Anjos hiperconscientes e sábios? Seria que os homens, inferiores como são, podem criar pensamentos-formas, que vivem, que combatem até se extinguirem, e Deus só pudesse ter criado caos da sua mente infinita?

O pensamento irradiado da mente divina do Pai é o Filho, como os nossos pensamentos são os nossos filhos que, ou nos devoram, ou nos abençoam, conforme seja a impulsão que lhes demos. Mas os nossos filhos mentais não são conscientes, já o vimos; é axiomático que só se possa criar de onde se está, para baixo; ainda aqui, pelos frutos se conhece a árvore, pelas obras, o homem, e pelas criações mentais, o ser. Daqui vem que os pensamentos de Deus, os Filhos, são conscientes (para não dizer hiperconscientes), e são livres, não só para criarem, também com suas mentes, como até para se voltarem contra quem os criou. O Anjo é um pensamento de Deus, capaz de repensar, isto é, de pensar também, e criar, como um deus menor, da sua dimensão para baixo; aquela irradiação é capaz de reirradiar, isto é, de irradiar de si, do modo como foi irradiada de Deus. Todavia ficando o Anjo autônomo e livre, pode transformar a liberdade que é um determinismo superior, em puro livre arbítrio que é a autodeterminação pessoal, ao invés da geral; não é, então, a vontade do Todo que vale, mas, a do indivíduo. Com isto entra o Anjo em oposição à mesma Fonte que o produziu. Estando em oposição à Fonte, não pode ser nutrido dela, porque se os pensamentos dos homens se nutrem e vivem nas e das mentes deles, o Pensamento de Deus

276 André Luiz, Mensageiros, 172

277 André Luiz, Nosso Lar, 3.^a Ed., 160

278 André Luiz, Nosso Lar, 3.^a Ed., 160

(Filho ou Anjo) só se pode nutrir e viver na e da mente divina. Estando, pois, em oposição, e gastando-se no atrito, sem receber auxílio, só tem que se extinguir a nada, sobrando, somente, a Substância de que é feito. E este “pó” de pensamento é o nada no qual se desfizeram os Anjos rebeldes, e do qual Deus recria, agora, outros seres iguais àqueles caídos, sendo, a evolução, a lei, e o universo, o caminho ou fases. Os Anjos são os Pensamentos de Deus, saídos da sua mente. Porém tais Pensamentos diferem dos dos homens em três pontos fundamentais: o primeiro é que aqueles são autônomos e livres, até para se voltarem, querendo, contra quem os criou. Disto decorre o segundo ponto, e é que tais Pensamentos podem criar, por sua vez, outros pensamentos, em mais alto grau de como fazem os homens. O terceiro ponto é que os Anjos são alimentados diretamente pela mesma mente criadora, e não, como os homens, que só podem receber o abastecimento por vias indiretas, já deformado e acomodado às limitações humanas.

Daqui podemos tirar uma conseqüência: é a de que o atributo divino de criar pelo pensamento, é tanto maior, quando mais o ser estiver perto de Deus. Um homem já é capaz de criar um pensamento-forma vivo, que vive e age por si mesmo por um certo tempo. E pode criar um robot, ou cérebro eletrônico, que raciocina “inconscientemente” resolvendo, rápido, vastos e complexos cálculos matemáticos. Tal é o que pode fazer o homem. E que não fará um Anjo? e que não fará Deus?

Mas como o Espiritismo ensina, ou ensinam em nome dele, que esta mônada criativa era inconsciente, vale perguntar: esse pensamento irradiado de Deus, levava em sua onda, em sua noúre, sabedoria ou ignorância? Sabedoria, é intuitivo. Logo, como criou a ignorância que é o caos? Como se explica que, aquilo que era inconsciente (caos), pôde evoluir para a consciência, de modo que não só pudesse dizer: *eu*, mas, ainda, de pensar criadoramente, como fazem os homens, e à semelhança de como teria pensado e criado o mesmo Deus, no princípio, se a obra sua não fosse o caos? E que podendo Deus criar um ser capaz de pensar, e dizer: *eu*, logo, de pronto, foi criá-lo, partindo do caos inconsciente? considerando, ainda, que estas criações de *eus*, não se fazem sem dores medonhas? Pode, porventura, eximir-se Deus, neste caso, de ser o único culpado pela existência da dor em seu universo? E se o pensamento é uma descida para o caos, que diferença vai entre tais ondas mentais (mônadas), e as puras ondas de energia?

Todavia o Pensamento de Deus se condensa ou se encurva numa criatura que, por sua vez, é capaz de criar, também (em grau menor, está visto), pelo pensamento. Logo, a mônada não era inconsciente, porque o inconsciente não pode criar, em virtude de isto pedir autodeterminação, iniciativa e liberdade. Se a divina noúre tem tudo isto, é, então, que já é um “eu sou” que sabe, que pensa e que quer. De onde, pois, apareceu o caos no universo? assim como o erro, o feio, o mal, etc.? Mas estas coisas são relativas! protestam alguns... Então porque Deus as criou em gradações? Ter-se-ia uma onda condensado em matéria, outra, em energia, e ainda outra não se tivesse condensado, mas, apenas se tivesse mantido no nível de pensamento congelado ou lei? seria uma onda criativa mais sábia do que outra, para que se condensasse em obras gradativas? Não, dizem. Tudo começou do baixo, e a gradação e relatividade foi conseguida pelos próprios seres, ao galgarem os vários planos diferentes. Então, se começou tudo debaixo, começou no caos, ficando em pé a pergunta: que diferença há entre as ondas-pensamentos divinas das puras ondas de energia? E sendo a energia, cega, e sendo Deus essa energia; como pode ser Deus o Criador, se é cego, inconsciente, determinístico, irradiando de si o caos da energia que é, então, a sua essência? E, neste caso, como foi disciplinado o caos? seria pela lei do acaso? mas por acaso, o acaso é lei?

Contudo esta não é a verdade, e assim como os pensamentos nossos, humanos, são coisas definidas e não caóticas, estas mesmas coisas, no pensamento divino, não podem ser caos. E se os homens podem criar pensamentos-formas vivos, os quais até seriam eternos, se fossem realimentados de contínuo, também Deus cria pensamentos-formas (digamos assim), e estes são os Anjos, os quais são eternos, porque Deus os alimenta; e se já os não alimenta, porque se voltaram contra a Fonte, então é certo que perecerão no caos. Pode haver doutrina mais lógica e coerente, capaz de solucionar todas as dúvidas?

XIII – A Força do Amor

Façamos ainda um paralelo entre as duas doutrinas: a de “Deus e Universo” e a do “Livro dos Espíritos”.

Por esta última o ser é criado em estado de simplicidade e ignorância, e também de inocência, visto como não tem culpa. Mas isto, sem que o pedisse, e podia muito bem passar sem

existir. Melhor é o dia da morte que o do nascimento, dizia Salomão²⁷⁹, e sobre este passo comenta Vieira, que melhor foi ser Dimas que Judas, porque se o primeiro viveu como ladrão, contudo, morreu como apóstolo; ao passo que tendo sido Judas apóstolo, morreu como ladrão²⁸⁰. Em tais coisas podem dar as incertezas da vida. De Judas, diz Cristo Senhor nosso que melhor lhe fora o não ter nascido²⁸¹. Quando Lúcifer começou a cair, entendeu isto, e este entendimento mais o precipitou para o fim, com que Satanás mais não é do que um suicida cósmico. Ide às cavernas subterrâneas referidas por André Luiz, e fazei um registro dos que lá desejariam a extinção no não-ser, e vereis como nenhum escaparia à lista. Terminada a vida e feito o inventário do bem e do mal, da alegria e da dor, tanto o bom como o mau mais estiveram a sofrer na vida, que a gozar. Pudesse, e melhor seria ao ser o não existir na morte total, que o contínuo morrer e renascer para a vida.

Criado o ser, em simplicidade e ignorância, é-lhe posto à frente um caminho que não pode ser senão de esforço inaudito, e dor cruenta. Aos seus protestos contra essa situação injusta, pois, se crê sem culpa, dizem-lhe que tudo isto é para ser feliz no fim, no seio de Deus. Mas as alegrias futuras são coisas distantes, e para crê-las é preciso fé, ao passo que a dor está presente, e dói mesmo, pois está na raiz da carne, e conquanto se diga seja dor de Deus imanente, o ser sente que quem sofre é ele, e só ele.

Então o ser se pergunta, de onde veio, e a resposta lógica lhe diz ser de Deus, visto nada poder, em primeira instância, provir de outra coisa. Pergunta-se então, para onde vai, e diz-lhe a razão, quando não seja a fé, que é para Deus, visto ser este o último destino de todas as coisas. Se veio antes de onde para onde agora vai, porque não ficou lá? na origem? na fonte? Se não se pode justificar que Cristo Senhor nosso tenha amaldiçoado a figueira sem frutos, sabido que ela os não havia, por não ser o tempo²⁸²; como conciliar essa enormíssima injustiça divina, para com seres que são mais que figueiras, punidos com a evolução, que vem do mal e do erro, para a luz e para a verdade? A antropofagia canibalesca, por onde todos começamos, que nisto reside nossa infância espiritual, é um mal, ou é um bem? Sacrificar os animais, que sabidamente, são nossos irmãos menores, para lhes comermos as carnes, é um mal, ou é um bem?

Quando foi criado o ser, era ele livre, ou era escravo? Se escravo, veio para a periferia do sistema impelido por vontade alheia à sua. Mesmo supondo que a vinda fosse sem dor, contudo a volta, em que começa como simples e ignorante, não o é. E como foi Deus que obrigou a vinda, é agora culpado da volta dolorosa. Mas se os seres eram livres de começo, podiam descer do centro ou ficar nele. Uns caíram, outros não, não havendo privilégios de estado, mas liberdades.

Então, argumentemos, partindo da premissa de que os seres eram livres; mas com ciência ou sem ela? Suponhamos que com ciência. Neste caso, diz-se, a previsão do que sucederia inibiria a queda. Já os Anjos ou seres só teriam uma coisa a fazer, que era o estar juntos de Deus. E quem só tem uma coisa a fazer não é livre de escolher. Logo, se admitirmos ciência ou presciência, já não podemos admitir liberdade. Digamos, então, que não tinham presciência; como, pois, se dá liberdade, e grande, e perigosa, a ignorantes? O que os preservaria de cair?

O que os impediria da queda (*hoc opus, hic labor est*) era só o amor, do qual decorre imediatamente a obediência. O amor, conquanto não seja ciência, formada pela visão dos particulares, e por isso fragmentária, é, contudo, sabedoria, porque leva diretamente ao fim, com a segurança de um instinto, pela linha de máximo rendimento e mínimo esforço. O amor não raciocina; é algo como o instinto que vai direto ao seu objetivo, sem cogitar dos meios. Mas que digo? O amor é o grande instinto da vida, que liga e sustém o Universo, constituindo o Deus imanente, que é a Criação. Deus é amor...²⁸³

Tal era a sabedoria dos Anjos, sem ser ciência. O que ama vive numa consciência mais vasta (e viver não é saber, mas sentir e amar), com que o ente amado passa a ser extensão de sua própria pessoa. Quem ama profundamente, seja os filhos, seja ao próximo, seja a humanidade, seja a Deus, sente que existe em si, mas, não para si. Contrapõe-se ao “penso, logo existo”, de Descartes, o mais verdadeiro, “sinto, logo existo”, de Rousseau, e o próprio pensar, em chegando às mais altas lucubrações, às sínteses supremas, é puro sentir e amar. Nestas alturas o ser se perde a si mesmo, para achar-se na coisa amada, transmutando-se nessa coisa, sendo essa coisa... Eis,

279 Ecl 7, 2

280 Vieira, Sermões, IX, 260

281 Mar 14, 21

282 Luc 11, 13

283 I João 4, 8

pois, porque pôde S. Paulo dizer que já não era ele o que vivia, senão, Cristo nele, e o mesmo Cristo se sentia unificado com o Pai, a tal ponto, que suas palavras eram as do Pai, do qual se fazia porta-voz. É assim que “quando o herói morre pela sua nação, o mártir pela humanidade; quando o gênio se consome pela ciência, seus egoísmos são tão amplos, que não mais os concebeis. Entretanto naquele momento, podem eles dizer: eu sou a nação, sou a humanidade, sou a ciência, pois que suas consciências se acham unificadas com a nação, a humanidade, a ciência”²⁸⁴.

O amor, e só o amor, é que havia de inibir a queda, e não a presciência! Quem ama não é ignorante dos fins, podendo ser, contudo, dos meios. O amor, pois, é uma sabedoria, sem ser ciência; é um estado consciencial totalizador, universalista, volumétrico, expansível, de gozo, de felicidade, que se nutre do convívio e do exercício. Todavia, se se o deixar esfriar, tudo se acaba... E esta experiência, em grau diminuto (extinção dos amores e das amizades), todos a têm, o que torna o fenômeno compreensível.

No começo havia essa sabedoria de síntese, uma como que intuição, ou visão global, mas, quente de afeto, emotiva, que é o amor... um sublime não-ser... tratava-se de uma intuição superior à que conhecemos, que não só é a razão em estado volumétrico, ou seja o raciocínio levado à velocidade infinita, mas, uma intuição, que ao mesmo tempo que é luz, também é calor amoroso... um doce abandono... um auto-esquecimento... É o estado místico unitário, que se sobrepõe ao intuitivo-sintético.

No começo havia essa síntese, que é o amor, igual ao mesmo amor, que será o resultado final das sínteses supremas alcançadas pela ciência, na subida evolutiva. A ciência é um dos caminhos (o mais longo) de se chegar ao amor, ou síntese, na unificação com Deus. Mas tudo isto que explicamos é ainda ciência e análise, que os Anjos não possuíam. Eles só tinham o amor... e o que fizemos até agora, foi “analisar” o amor, isto é, vê-lo “por dentro” nas partes.

A dificuldade toda de se aceitar a teoria da queda, se radica no não saberem os homens o que seja o amor. Não podem entender que foi o amor que se fragmentou na queda, e que é o amor que se reconstrói na evolução. Que sendo o amor de antes igual ao do fim, contudo ao de antes, só se conhecia em globo, e o do fim, se conhecerá também, na sua estrutura interior, até seu último limite. A evolução, conquanto não seja Deus o culpado dela, é-lhe útil aos seus fins, pois, que é da sua natureza fazer a sua vontade pela nossa, com a nossa e apesar da nossa.

Um exemplo destes dois tipos de saber temos no gênio intuitivo-sintético, e no homem comum racional-analítico (consciência sensória levada à abstração). O primeiro voa direito aos seus fins, sem conhecer os meios. O segundo anda, palmilha, perdido e sem bússola, a redescobrir o descoberto em área restrita. O primeiro dá os resultados, sem as vezes os saber explicar; e quando avança muito, fica sozinho no futuro, e por conseguinte, desprezado no presente. É-lhe fatigoso o andar a pé, e reconstruir seu vôo sintético em caminhada de análise, pela mesma razão por que seria intolerável a uma ave correr no chão de parilha com um réptil, o qual, por sua própria natureza, rasteja, isto é, toma contato com todas as particularidades do caminho. Contudo, não há negar, que as aves evoluíram dos répteis...

É difícil à lince convencer a toupeira, que a vista é melhor do que o olfato, e que portanto ela deve procurar desenvolver a vista, vendo, ao invés de andar aguçando o olfato, cheirando o chão. Para que serve a exaustiva ciência analítica, senão para prever em síntese? E quem pode ver logo em síntese, para que lhe servirá a análise? Serviria para descer e ajudar os olfativos a andar, usando os olhos ao invés de os narizes, mas é só.

Antes eu dizia (que assim o exigia a conexão de idéias) que a experiência direta é mais que a só observação. Mas agora já podeis entender que no plano da sabedoria, ou síntese, não há **experimentação**, mas, só **observação**, ou **visão**. Para experimentar são necessárias mãos, e para observar, basta a vista. Ora, a vista abarca mais que as mãos. Quem, pois, experimenta só pode tocar o pormenor, porém, o que observa toca o todo. Deste modo a observação é mais que a experiência, e sabe mais, de um animal, o homem, que o observa, que aquele próprio, que vive a sua vida inconsciente. Os Anjos não caídos, pois, ganham mais ciência, observando os homens e as suas misérias, do que os mesmos homens que nada sabem de si. E quando um homem começa a conhecer-se a si mesmo, já não é homem, mas, gênio, santo e Anjo, e como tal, não **experimenta**, mas, **observa** e vê por intuição. Por certo haveis de reconhecer que o ato inteligente de um instinto é sabedoria sem ser ciência. A ciência pode levar a resultados desassisados, fátuos, vãos, e no fim de toda a análise científica mais exaustiva está o “ignorabimus” que quer dizer: “falência”²⁸⁵. A ciência é meio, é método; e a sabedoria, fim. Pode haver sábio sem ciência, e cientista sem

284 Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, Ed. FEB, 302 e LAKE, 359

285 Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, Ed. FEB, 16

sabedoria, porque enquanto a sabedoria voa, em condoreirismos, a ciência roja, reptante.

De modo que quem tiver a síntese, ou sabedoria, que em seu mais alto grau é o amor, irá direto aos fins, sem tomar contato com os meios. Tais são os gênios e os santos, que por estarem sempre absortos e contemplativos, na visão dos fins, descuram-se do que ocorre em seus redores. É a lince no meio das toupeiras, sem poder atinar com qual seja a serventia de andar cheirando o chão, e escavando buracos sob a terra...

Mas que diferença haveria entre dois Anjos, um que fez a evolução, e outro que a não fez? Nenhuma; porque naquelas alturas, a análise, que criou a ciência, transformou-se na síntese, que se expandiu no amor, o qual leva logo aos fins, sem perda de tempo, ou seja, com velocidade infinita, com que o tempo fica zero. Para o que ama já não há tempo, pois que se situa fora dele. O Anjo que fez a evolução, olhando-se para dentro de si mesmo, verá o Universo, em que sucessivamente se transformou, pela auto-reconstrução. O que a não fez, olhando-se, analiticamente, numa introvisão, verá do mesmo modo todas as unidades menores de que se compõe, até o último limite em que ficaria, se se desfizesse de Anjo, *deixando de amar*, que é quando principia o egoísmo, e depois o ódio. Mas esta introvisão não havia antes, porque não fora observada, quando da criação dos Anjos, porque, então, só havia o amor, que é a sabedoria infusa; a sabedoria, filha da ciência e da análise, que não deixa de ser também amor, posto que formado das partes para o todo, essa só existirá praticamente (que teoricamente já existiu desde a queda), depois de feita a escalada evolutiva ao menos por um Anjo.

Atrás eu dizia (e isto foi atrás), que depois da redenção total apareceria dois elementos novos, que são: a ciência a impedir a queda, e a gratidão a garantir o amor. Mas isso foi atrás, quando não vos podia dizer mais da ciência. Contudo agora sabeis que a ciência leva à síntese que, sendo sabedoria, é amor. Como vedes, tanto a ciência como a gratidão concorrem a criar e a nutrir o amor. Ciência e gratidão darão amor mais amor, ou seja duas vezes amor, com que um amor será fiador do outro. Se porque antes não havia fiador, se deu a falência, agora, porque o há, não se poderá dar mais. O Anjo de antes era unípede, porque se apoiava numa perna só que era o amor; e porque esta fraquejou, caiu; agora, com ser bípede, tem duas pernas que são dois amores simétricos, e se fraquejar um (em hipótese arrojada), ampará-lo-á o outro, como dizia, porque ambos são fiadores um do outro.

Mas, e a dor? O que fez a evolução sofreu e o outro não. Em primeiro lugar, o que fez a evolução, fê-la, porque caiu, na pessoa dos rebelados; e porque caiu por sua conta e risco, a dor é o seu tributo, que a si mesmo se pagou, fazendo a volta. Mas que os não caídos não sofreram, isso é que não. O que ama sofre pelo objeto amado, e se não sofre, não ama. Ou os Anjos não caídos amam, ou não. Se amam, já não podemos dizer que nossa dor seja só nossa, e não, também, deles. A Cruz de Cristo foi também a de sua Mãe, pois, durante todo o tempo (e ainda depois dele) em que o Filho esteve pregado nela, ela esteve cravada no coração da Mãe, que esta é a espada de que falara Simeão. Onde, pois, há o amor, não há dores e alegrias isoladas, mas, coletivas.

XIV – Conclusões

Em conclusão desta parte, temos que Deus elaborou um grande plano, no qual se continha a criação dos Anjos, a fidelidade de uns, a queda e soerguimento de outros. Todavia não se pode dizer que a onisciência divina sabia quais os que iam cair, e quais os que não. Se Deus soubesse isto, esta sua presciência seria uma lei impondo a queda. Seria injustiça impor dores a uns, e não a outros. A queda existia no pensamento divino como possibilidade, mas, não como determinação. A onisciência, assim como a onipotência, onipresença, etc., deixam de o ser no particular, onde estas coisas se limitam. Aí pode aparecer, então, a ignorância, a fraqueza e a ocultação de Deus. Ora, os atributos divinos estavam limitados nos Anjos; logo, desde que lhes deu a eles a liberdade que é um determinismo superior, ou *livre* harmonização com a vontade do Todo, admitiu em seu sistema a possibilidade de alguns inverterem a *liberdade* em *arbítrio*, do que resultaria a queda. A liberdade é livre até para se tornar arbítrio livre e absoluto, ao ponto deste pretender superar o mesmo Deus. Veja-se lá quais as características deste determinismo superior que é a liberdade.

O plano divino estará concluído (se isto não for só uma fase), quando os mais retardatários se tiverem integrados nele, duplamente amorosos, isto é, não só amorosos, senão como sábios. Deus é amor e sabedoria; por isso, aos Anjos, criou-os amorosos e sábios, e não cientes; a ciência (não sabedoria), como vimos, para não implicar com liberdade, só é possível depois da queda e levantamento.

A sabedoria dos Anjos era uma decorrência do amor que possuíam, pois, amando, atingiam

o fim, sem ciência. Mas o amor esfriou-se numa parte deles, e, com aquele, aquela sabedoria de fim esfumou-se. Com a evolução, o amor se torna decorrência da sabedoria, e a sabedoria resulta da ciência que, por muito ampliada, chega à síntese. Amor e sabedoria, ambos são amor, e ambos são sabedoria; mas o amor que havia antes era a genética da sabedoria; ele, pois, era a fonte; o amor que vem no fim é filho da sabedoria que decorre da muita ciência. Se antes podíamos dizer: o amor vai para a sabedoria, agora, na evolução, diremos: a sabedoria vai para o amor. Trata-se de dois amores e duas sabedorias, porém, de genéticas diferentes.

A liberdade concedida ao criado teve tripla função: a primeira, foi a de eximir Deus da responsabilidade da queda, ficando cada Anjo responsável pelo mau uso que fizesse dela; a segunda, foi a de obter amor e obediência sem coação, pois, a presciência dos resultados inibiria a queda, gerando uma obediência escrava e não filial; a terceira, foi ter possibilitado a involução-evolução, e consequentemente a ciência, além da sabedoria e do amor.

Foi de utilidade a queda (já que nada é inútil), para que os Anjos sofressem e se redimissem para terem ciência, e depois, sabedoria e amor, mas, tudo isto por conta e risco deles mesmos. A ciência só se a pode obter pela experiência, e esta, pela queda. Se assim não fosse, Deus teria criado os Anjos cientes, e assim eles não cairiam, como não cairão, no fim da obra acabada.

Se era de utilidade a ciência, para fiança do primeiro amor; a experiência, de utilidade para a ciência; a queda, útil à experiência; segue-se que tudo se continha no plano de Deus. Mas conseguiu ele o seu propósito sem deixar porta à criatura para a revolta, pois, dando a ela a liberdade, para lhe obter o amor sem coação, possibilitou-lhe a queda, mas, sem compartilhar nesta.

Apertemos ainda mais as conclusões.

Primeiro: As criaturas angelicais deveriam ser obedientes por amor, que é a sabedoria, ou visão de síntese, decorrente do amor.

Segundo: As que o não quiseram ser por amor, sê-lo-ão pela ciência oriunda da experiência da queda e erguimento, pois que, a ciência, em chegando ao plano da síntese, ou sabedoria, é amor. Esta experiência direta, dos caídos e levantados, será também patrimônio dos não caídos, por experiência observada, refletida, teórica, abstrata (o que é mais); por parte da maioria destes, a experiência será teórica, e até mesmo prática, para aqueles que, como Cristo Senhor nosso, desceram às asperezas da carne, e aos infernos, como refere S. Pedro²⁸⁶.

Terceiro: A ciência do que acontece aos desobedientes, deveria Deus ocultá-la, para que o amor pedido fosse livre e espontâneo. Mas esta ciência (visão analítica) que não podia existir antes, poderá existir depois, como resultado da queda e erguimento. Então me perguntais: Deus terá depois amor espontâneo destas criaturas, agora, cientes, por causa da experiência da queda? Sim, terá, porque a ciência, que impõe necessária obediência, por parte da criatura, em chegando ao plano da síntese, é sabedoria ou amor, ao qual se somará ainda o amor livre e espontâneo, filho da gratidão por Deus não ter desamparado, jamais, a criatura, na escalada dolorosa. Antes não podia haver ciência, para que não houvesse escravidão; agora, pela mesma ciência se chega à síntese que é a sabedoria ou amor, e ainda não haverá escravidão, porque o redimido não poderá deixar de ser grato a Deus, depois de tantas demonstrações de afeto e amparo; não pode deixar de sentir-se grato, o filho, e da gratidão nasce o amor. Deus, pois, impossibilita nova queda pela ciência tornada sabedoria e amor, e ainda assegura, de novo, o amor da criatura pela gratidão que faz nascer nela, pelo desvelo de a seguir na queda, com a sua imanência, pelo que, realmente, ele é o que sofre. Existirão, no fim, dois amores, um fiando e assegurando o outro; o primeiro é o direto, dos Anjos da primeira criação; o segundo é indireto, e refletido da ciência tornada sabedoria, nos Anjos da segunda. Estes dois amores se permutam entre si, de sorte que ambos estarão presentes em todos os Anjos, sem distinção.

XV – A Grande Conseqüência

Uma das conseqüências que podemos tirar, de quanto fica dito, talvez a maior, é que não se pode odiar nem mesmo a Satanás, considerando-o como irmão infeliz ao qual Deus também ama, ainda mesmo quando, como o filho pródigo, se acha no nível dos porcos, e como estes, a comer landes ou bolotas.

Certo não nos cabe dizer como o outro filho da parábola de hoje, o qual , enciumado do

286 I Pedro 3, 18 a 20

trato e do amor do pai para com seu irmão, se deserdou do pai em pensamentos e palavras, quando disse: *esse teu filho*²⁸⁷, quando devera dizer: *este meu irmão*. Mas este egoísmo que coube no irmão mais velho, não me cabe que caiba nos Anjos não caídos.

Outra conseqüência é a de que devemos amar aos nossos inimigos²⁸⁸. Pois se devemos amar a Satanás, como não amar aos inimigos? Para Satã tudo são armas de destruição, com que, destruindo os outros, se destrui a si. A Cristo Senhor nosso entregou-o Judas com um beijo²⁸⁹; à traição, cravou Joabe, o ferro homicida, em Abner²⁹⁰. Como se não bastara este feito satânico, outra vez o punhal e o beijo de Joabe são juntamente aplicados em Amasa, com que lhe tirou a vida²⁹¹. Pois estes feitos ignominiosos não são bastantes a acender a indignação e a ira até num cordeiro, e fazer que se odeie o diabo? Se também somos diabos, sim, que estará então em nós o destruir e o odiar; mas se somos candidatos à redenção, esses réprobos não o são, para sim só serem irmãos infelizes. Cristo Senhor nosso declarou já que eles *não sabem o que fazem*, e isto foi já eufemizar palavras bem duras. Bem pudera ter chamado de bestas aos que zurravam ao redor da cruz, pois, os que não sabem o que fazem são inconscientes, e os inconscientes são brutos, ou bestas; contudo caridosamente disse o menos, isto é, *que não sabem o que fazem*, como se foram criancinhas delicadas, e necessitadas de amor.

E se só porque nós nos candidatamos à redenção não devemos odiar nem mesmo a Satanás; como não o há-de amar um Serafim, que quer dizer incêndio, pois que, estes Anjos se abrasam no amor de Deus²⁹²? Quando César recebeu no coração o ferro que mais lhe doe, porque lhe matava o corpo e mais a alma, disse estas palavras: – Até tu, Bruto, filho meu!... E que este bruto possa ser amado? Sim, porque é um bruto, um inconsciente, um irmão infeliz. Pouco nos distanciamos dos brutos e de Bruto, por isso os odiamos; mas que digo eu? odiamos? Logo, somos demônios, e por isso incapazes de amar ao próximo e ao inimigo, para só amarmos aos nossos familiares. Só amamos o que pudermos chamar: *o meu*. O próximo e o inimigo são: *ele* e *o dele*, mas, não: *o meu*. Sinto, digo eu (e dizeis vós), que aquele que deveria ser meu próximo é um estranho, ou conhecido apenas, mas, num e noutro caso, um apartado de mim. O meu filho é meu, pois, me sinto viver nele; mas o vosso filho é vosso, e não meu. E que diferença faz o meu do vosso? ambos não são filhos de Deus, qual também o somos? Que vale nossa paternidade provisória, quando há a definitiva, que é a de Deus, Pai comum de todos nós? Contudo isto que é claro para o entendimento, não o entende o coração, porque, como dizia Pascal, “o coração tem razões, que a razão não alcança”.

XVI – Conseqüências Menores

Deus deu o ser àqueles a quem pedia obediência amorosa. Mas só o dar o ser não foi bastante a suscitar em todos a gratidão. Houve os que se quiseram inchar e crescer à custa do mesmo Deus. Com isto se inverteram em relação ao sistema, e por causa deste moto invertido desgastaram-se em pó e nada, tudo recomeçando daí, depois, até a completa volta ao seio da divindade. A isto me replicastes, atrás, que se foram ingratos antes, sê-lo-ão depois, e Deus que, por pedir amor livre, negou a ciência, dando agora a ciência, terá amor escravo.

Isto poderia ser (argumentemos de outro modo) se os ingratos e desamorosos pudessem subir na escala da evolução. Na Pérsia, como refere Xenofonte, havia severíssimas punições para os crimes de ingratidão, por ser considerado o ingrato um desprezador dos deuses, dos pais, da pátria e dos amigos²⁹³. Se para subir, há-de o homem amar ao próximo como a si mesmo; se há-de chegar a amar ao inimigo, ao que o calunia, ao que o persegue; como uma tal criatura de Deus não há-de amar aos que lhe fazem o bem? Se a condição primeira de se subir é amar; se porque Satã deixou de amar caiu; como hão-de subir os que não amam?

Deus deu-se no ser para ter a quem amar. E como acontece a muitos pais, aqui na terra, que só o haverem dado o ser ao filho não é causa bastante para terem a sua gratidão, igualmente alguns Anjos foram desagradecidos a Deus, pelo só haver-lhes dado o ser.

Estai comigo agora. Se um filho é desagradecido aos pais, por só lhe terem estes dado o

287 Luc 15, 30

288 Mat 5, 44 e Luc 6, 27

289 Mat 26, 48 – 49

290 Sam 3, 27 ou 2 Reis 3, 27

291 2 Reis 20, 9 – 10 ou II Sam 20, 9 – 10

292 Vieira, Sermões, X, 176

293 Xenofonte, Ciropédia, Clássicos Jackson, I, 10

ser. Todavia os desvelos, cuidados e carinhos, com que o criam, as noites de vigílias nas moléstias, o amparo constante na vida, a educação e a instrução por fim, tudo não é bastante a suscitar no filho a gratidão? Não são estes sofrimentos pelo filho, outro parto? E qual dos partos é o mais trabalhoso? o em que se dá o ser, somente, ou o em que se sofre com ele, e em lugar dele, todos os martírios? Conquanto Deus não tivesse sofrido ao dar-se nos Anjos, visto que no originário amor divino, “criar é um motivo de felicidade”²⁹⁴, contudo veio logo a dor da queda. Eis porque no universo, que é reflexo do Todo, “o prazer vem antes e a dor depois, por isso mesmo que aqui continua a repetir-se o drama originário da inversão, pelo qual a divina alegria de criar foi destruída pela dor da queda”²⁹⁵. Deste modo, no mundo, “o ato criador não somente tem que gerar uma vida fragmentária, mas também que se cumprir em posição negativa de dor, isto é, às avessas do originário em Deus, em que a gênese é alegria”²⁹⁶. Deus, pois, não só sofreu na queda e desintegração dos Anjos, como sofre agora, segunda vez, em os recriar, sendo a evolução o seu laborioso parto. É assim que Deus, como imanência, está crucificado no universo.

No primeiro parto gozou Deus e gozaram os Anjos. Deus, por dar-se neles, e eles, por receberem o ser. Na morte, que foi a queda, sofreram os Anjos, e sofreu Deus a dor da desintegração. Na ressurreição evolutiva, que é o segundo parto, também não sofreu só as criaturas, senão, também Deus nelas. Se o criado não teve dor no primeiro parto, tê-la-á no segundo, com o qual Deus o cria de novo, e com dores, em cada passo da evolução. E se a criatura se mostra ingrata e desamorosa, num estágio só que seja, não passa para o seguinte, e antes desanda o caminho percorrido. Deus sofre *com o* filho em cada passo deste novo parto; mas sofrer *com o* filho vem a ser que o filho também sofre. O Anjo que não sofreu na primeira geração, sofre na segunda; este segundo parto de Deus é também o dos seres, de modo geral, e o do homem, de modo particular, com que os seres e o homem se parem a si mesmos em cada passo da evolução. O homem novo sai do velho, mas, este sair é com esforços e dores, não só suas, senão também de Deus, que sofre em o recriar por meio da evolução. A dor, pois, deste segundo parto de Deus, com que recria o Anjo, é dor também do homem, que se cria a si mesmo, saindo-se do velho, até que se tenha tornado Anjo.

A estrutura do universo impede que a criatura possa ir a Deus sem gratidão e amor, sendo, este último, sabedoria que impõe obediência, no mesmo ponto que dá liberdade.

Atrás chegamos à grande conseqüência de que se devia amar a Satanás; aqui, agora, se vê, nestas conseqüências menores, que é forçoso amar a Deus. E como ele não pode ser amado como transcendência, porque inconcebível, por isso tê-lo-emos de amar no seu aspecto de imanência, logo, nas criaturas que nos cercam, a começar pelos homens que nos são mais próximos.

XVII – A Última Dúvida

Parece que temos desfeitas todas as dúvidas do assunto, menos uma do sermão. Esta dúvida do sermão é que podeis cuidar que troquei o tema, e me saí do assunto, porque se de começo afirmei, com força de sentença, que o poder sem saber é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder; como agora trocado o tema (podíeis pensar) e mudado o assunto, só do amor tiro conseqüências? Amor à família, amor aos amigos, amor ao próximo, amor a Deus, amor aos inimigos, e até mesmo a Satanás, amor? Mas onde o saber? Acaso amor não é poder? Sim, é; pois Salomão o tem por tão forte como a morte²⁹⁷; logo, desacompanhado do saber é fraqueza? Não. Esta é a última dúvida do sermão, cuja solução lhe põe fim.

Os Anjos que amavam, ainda que não tinham ciência, amavam, e o amor os amparou da queda; os rebeldes nem tinham ciência nem amavam, e por isso caíram. Dai-me agora atenção. Salomão pediu a Deus um coração reto e justo, com que pudesse julgar o povo²⁹⁸. Como é isto? o julgamento é, então, ato do coração? Onde está sediado o juízo; no peito ou na cabeça? Se Salomão queria saber julgar, cuidou que havia de pedir inteligência, e não sensibilidade; havia de pedir ciência, e não coração reto. Mas o que mais me assombrava antes, e me desconcertava neste passo, é Deus ter dito que daria a Salomão o que pedia, fazendo-o, por isso, o mais sábio, não só de quantos tinham existido, senão de quantos haviam de existir. Salomão, porque amava o povo, pede a Deus coração reto, para fazer justiça, quando devera ter pedido inteligência aguda, visto

294 Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 171

295 Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 171

296 Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 170

297 Cant 8, 6

298 I Reis 3, 9 – 12

como o julgamento é obra da razão. De que Salomão se tivesse enganado no pedir, nunca me admirarei, pois que, é humano o errar. Mas que Deus dissesse que o atendia, para logo acrescentar que o faria o mais sábio de quantos existiram antes e existiriam depois? É possível haver erro em Deus? Não. Logo, sabedoria é coração reto e justo? Sim. Logo, o sábio não sabe com a cabeça, mas, com o coração? Sim. Logo, sabedoria é amor? Sim. Logo, a ciência haurida na ascensão, quanto mais tiver de amor, tanto mais terá de sabedoria? Sim. Logo, quando se chegar à sabedoria suprema, ter-se-á chegado ao amor supremo? Sim. Logo, o tema do sermão não andou trocado, e o assunto desviado, porque sabedoria é amor.

Antes eu dizia, e foi no começo do sermão, que sabedoria é virtude, e o provei com Salomão. Agora digo que sabedoria é amor, e o provo, de novo, com o mesmo Salomão, e não noutra, senão no mesmo passo da Escritura. Mas para que não vades cuidar que só tenho esta prova, ouvi, já, a maior de todas, que é a de quem foi maior que Salomão, com que tenho que não foi homem, senão Deus.

Se Deus disse expressamente a Salomão que o faria o mais sábio de quantos vieram antes e viriam depois, segue-se que Salomão era mais sábio do que Abraão, do que Isaque, do que Jacó, do que Moisés que vieram antes, e do que Elias, e do que Cristo que vieram depois. Mas diz Cristo, definindo-se: eis aqui está quem é maior do que Salomão²⁹⁹. Cristo Senhor nosso é maior do que Salomão? Sim. Logo, Cristo não é homem, senão, Deus, pois, o mesmo Deus prometera que outro homem não viria maior que Salomão. Posto isto em silogismo temos: Salomão foi e será o mais sábio dos homens; Cristo é mais sábio do que Salomão: logo, Cristo não é homem. O mais sábio dos homens, começa, já, a não ser homem. Aí está o limite humano da sabedoria, e Salomão estava nesse limite; logo, não poderia existir homem mais sábio do que ele. João Batista já tinha passado o limite de homem. Por isso Cristo disse que dentre os nascidos de mulher, isto é, dos sujeitos às reencarnações, João Batista era o maior. Mas o menor no Reino do Céu, acrescenta, é maior do que João Batista. Salomão era o mais sábio dos homens; João Batista era menor que o menor do Reino do Céu; Cristo era um Anjo igual aos seus irmãos. Salomão era humano, João Batista, super-humano, e Cristo, divino. O que for o mais sábio dos sábios já não é homem, mas, Deus. E este é Cristo, como máxima expressão do imanente que já visitou a terra.

E esse Cristo que não é homem, senão, Deus, antes de se partir deste mundo, e com promessa de ficar, nele, para sempre, disse ter ainda um mandamento novo para nos dar; e que mandamento é este? Ama a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo, como a ti mesmo. E acrescentou que nisto se encerram toda a Lei e os Profetas. Como, Senhor? Então nestas poucas palavras está todo o Decálogo? tudo o que disseram os Profetas? Acaso, então, o que ama não mata, não rouba, não testemunha nem suspeita mal, não viola ou adultera? Todas as ordenações da Lei e dos Profetas são cumpridas por quem ama? Sim, diz o Senhor. Logo, todas as virtudes se encerram no amor? Sim. E se provamos atrás que sabedoria é virtude, sendo, agora, virtude, amor, segue-se que sabedoria é amor.

Virtude, sabedoria e amor, tudo é uma só coisa; contudo são precisos três vocábulos para nomear a coisa nas suas três fases diferentes. Esta trilogia do coração é a expressão hiperconsciencial do ego que, em chegando ao volumétrico da consciência cósmica, há-de ter três dimensões.

Como sabemos, a hiperconsciência resulta de um abrir-se, ou desencurvar-se da consciência; resulta do movimento da razão noutra sentido, não naquele que a expande, como razão, mas, no que a aprofunde, como intuição; e este aprofundar-se da razão não pode ser senão na direção ao peito, com que o gênio e o santo entendem e sabem, porque sentem, porque amam. Mova-se a razão no sentido duma perpendicular baixada sobre si, e ter-se-á a consciência volumétrica. A razão é cabeça, é plano; a perpendicular que cai sobre esse plano, é a que sobe do coração. Consciência volumétrica, pois, é a que resulta do produto da cabeça pelo coração.

A cabeça é luz, mas, não calor; o coração é calor, mas, não luz. O bruto tem afeto, porém, não, entendimento; Satanás entende, porém, não ama. Pela colméia faz a abelha o sacrifício da própria vida, porque ama. Para a perdição do homem pode mostrar-se, como anjo de luz, o mesmo Satanás³⁰⁰. Logo, é como eu dizia: a cabeça é luz, mas, não calor, e o coração, calor, mas, não luz. Pois que se expanda, então, a consciência rumo ao coração; dobre-se a cabeça sobre o peito, que a cabeça será aquecida, e o coração, iluminado. E um coração iluminado da cabeça, e uma cabeça aquecida do coração, vede se podem estar no viciado, no corrupto, no mau, no perverso? Tinha, pois, eu, razão, quando vos dizia que sabedoria, amor e virtude, tudo é uma só coisa.

299 Luc 11, 31

300 II Cor 11, 14

O amor é o passo acelerado da virtude. A virtude é o princípio da sabedoria, e o amor, o seu fim. Diz expressamente o Texto que o temor de Deus é o princípio da sabedoria³⁰¹; ora, o temor de Deus é virtude; logo, a virtude é o princípio da sabedoria. A virtude pode impedir o homem de cair para o diabo, mas, o amor o levará para Deus. A virtude é mais comum no mundo que o amor (caridade), por ser menos divina. Do filho mais velho se sabe que era virtuoso, e não caiu, como o pródigo, do seio paterno; todavia, não sendo ainda capaz de amar, deserdou-se do pai com dizer: *esse teu filho*. A consequência é clara; se disse: este teu filho, não se tinha a si por filho, mas, reconhecia a paternidade em relação ao irmão; reconheceu a paternidade do pai em relação ao irmão, mas, não, em relação a si; logo, não se tinha a si por filho; se o tivesse, se reconhecesse a paternidade em relação a si também, havia de dizer, que não há outro modo de dizer: *este meu irmão*. Esta é a consequência clara, porém, este pensamento está oculto na frase: *esse teu filho*. O pensamento oculto, e não expresso, é este: esse teu filho, e não meu irmão; e sendo ele o filho, e tu, o pai; e não sendo ele meu irmão, tu não és meu pai. A ele, porque é filho teu, matas o novilho cevado; a mim, porque o não sou, nem ao menos um cabrito me dás, para que me regale com meus amigos. Esse, que gastou tudo o que lhe deste, com mulheres dissolutas, porque é teu filho, redás outros bens; a mim, porque o não sou, tiras-me a parte da fazenda, que me tocou na partilha, pois que, se tu deste tudo a ambos nós, o que redás a esse só pode ser tirado do meu; logo, porque esse é teu filho, eu não o sou.

Assim pensava o filho mais velho porque não amava, mas, não caiu, por ser virtuoso. Era uma virtude fria, apática, estóica, e quem sabe cínica, ainda sem amor. A sua virtude era filha da filosofia, pela qual o homem se liberta do mundo, para cair na escravidão da indiferença. É o estado nirvânico, estóico ou cínico de não-ser, no qual não se ama, não se vibra, não se chora, não se ri, não se sofre, não se goza, não se vive; é a sublime prisão do anjo numa torre de cristal, distante de Deus, dos homens, do mundo e de si mesmo. É o abandono de si mesmo num inferno refulgente, mas, gélido, onde a única dor é o tédio. Se Jó fora só virtuoso, teria sido um estóico ou cínico; mas porque também amava a Deus e ao próximo, por isso foi um sábio. Quem de obrar mal, passa a obrar bem, há-de passar por uma zona neutra, de cor cinza, de virtude estóica ou estática, de resignação, na qual absorve pacientemente as últimas impulsões causais do passado, as quais, feita a curva do plano moral, agora retornam à fonte, sob a forma de efeitos inexoráveis.

E “assim como é mais fácil vir o pródigo a ser liberal do que o avaro”, e mais fácil “dar o temerário em verdadeiro valente do que o fraco”³⁰², assim também dá o virtuoso mais facilmente em amoroso e sábio do que o viciado. A virtude é o caminho da sabedoria e do amor. Se permanecerdes nas minhas palavras conhecereis a verdade, diz Cristo Senhor nosso, e a verdade vos fará livres³⁰³. Melhor é, então, o ter ficado na casa paterna, como estóico, que o sair pelo mundo a perder e a perder-se, como pródigo. A filosofia amadurece em teologia, a visão parcial se alarga na visão global do Todo, o filósofo frio e indiferente se transmuda em teófilo, teósofo e teólogo, e é então que, envergonhado do seu egoísmo, se atira nas trevas do nosso mundo, enlaçando-se com a humanidade inteira, num amplexo amoroso. É assim que uma estrela se agita e cai dos céus, e nasce um santo ou gênio na terra.

O amor pode não ser ciência, mas, é sabedoria. Acabei de entender, agora porque “uma pequena célula é mais sábia do que o maior dos cientistas”³⁰⁴, agora entendo porque na “A Grande Síntese” está que, para se chegar às profundezas das coisas e conhecer o fenômeno, é preciso ao cientista, “amar o fenômeno”³⁰⁵; há-de-se o sentir com o coração. Eis aqui o método do místico e do gênio. Eis a expressão volumétrica da ciência que se torna incêndio e paixão. Não mais visões fragmentárias de verdades isoladas, esparsas, desconexas, próprias da ciência relativista, mas, relâmpagos de visão do Todo, próprios da sabedoria absoluta, e isto tudo em meio das ignições em que se queima e se consome o ser, em êxtases de amor, para ressurgir depois, das próprias cinzas, mais potente ainda, como fênix divina.

Agora está completo o sermão; e o fim se ajustou ao começo. No estado hiperconsciencial, de consciência volumétrica, de consciência cósmica, viviam os Anjos da primeira criação. Tudo era um incêndio de amor, de sabedoria e de paixão, nesta visão absoluta do Todo. Restringido, que foi, o amor, nos caídos, cessou a visão volumétrica e com ela perderam os Anjos a noção do Absoluto e do Infinito, na relatividade da consciência humana. A hiperconsciência, pois,

301 Jó 28, 28 e Sal 111, 10

302 Cervantes, D. Quixote, Clássicos Jackson, IX, 111

303 João 8, 32

304 Pietro Ubaldi, Ascensões Humanas, 207

305 Pietro Ubaldi, A Grande Síntese, Ed. FEB, 17

encurvou-se, fechou-se, sobre si mesma. Agora na ascensão tudo é um abrir-se de dimensões, que se traduzem por maior bondade, maior amor, maior saber e maiores alegrias. É o Anjo que retorna à sua perdida grandeza; é o filho pródigo que torna ao lar paterno.

Antes havia só o amor, que se apagou nalguns; a queda e a ascensão, pela experiência, primeiro deram ciência, no nível da razão humana, e a muita ciência deu na síntese que é sabedoria e amor, na hiperconsciência do santo e do gênio. Pode a pouca ciência afastar o homem de Deus, já dizia Francis Bacon³⁰⁶, como pai, que é, do método indutivo, mas, a muita ciência reconduz o homem à providência divina. Eis solvido o enigma de Pascal, de que “o coração tem razões que a razão não alcança”. As razões do coração são razões, e não razão, porque infinitas; do mesmo modo que o volume é uma sucessão infinita de planos superpostos, o coração é uma sucessão infinita e instantânea de razões, ou uma contemporaneidade de razões. E como o plano, por ser dimensão inferior, não pode conter o volume, também a razão, que é superficial, não pode alcançar e entender o coração, por ser este a expressão volumétrica da ciência, ou Sabedoria.

Aqui está porque em “Nosso Lar”, na hora da prece coletiva da colônia, depois de aparecerem na tela, televisionados, os setenta ministros, em torno do grande velhinho luminoso, no fundo e no alto, após “staccato” do hino que cantam, desenha-se, no espaço, “um coração maravilhosamente azul, com estrias douradas. É uma imagem simbólica formada pelas vibrações mentais dos habitantes da colônia”³⁰⁷. O coração é formado pelas vibrações mentais? é formado pela mente? Sim, que a ciência, formada na mente, em chegando à síntese, é sabedoria e amor, logo, coração. Mas porque é formado pela mente, ou ciência, por isso se representa também com estrias de ouro. Mas porque azul? Na forma temos sabedoria e amor, que tudo é coração; nas estrias temos ouro que, sendo o metal que se transmuta em tudo, simboliza a ciência, visto como, só esta faz a riqueza e o progresso na terra. Mas o azul, que vem a ser? O azul é a cor da fé. Nenhum símbolo poderia estar melhor, e dizer tanto.

O ouro da ciência, que é riqueza, assume a forma de coração que é sabedoria e amor; mas o ouro, ou ciência, em chegando à sabedoria e amor, se desfaz de amarelo que é desespero, para ser azul que é fé. A ciência e o ouro, ambos são riquezas, e ambos desesperam, porque prometendo sempre o amanhã, o negam no fim. O amanhã do rico é igual ao do cientista que só crê na matéria; ambos têm angustiada sede, um de dinheiro, e outro de saber, e um morre pobre, e outro, ignorante. Eis realizado em continuidade o sonho dos alquimistas; não mais a transmutação doutros metais em ouro, o que já o conseguiu a ciência, senão, a transmutação do ouro da ciência em tesouros de amor, de sabedoria, de fé, que nem os roubam os ladrões, nem os roem as traças, nem os carcome a ferrugem. Eis, pois, a ciência, a fé, a sabedoria, o amor ligados na nova criação do Anjo, porque se este pudesse ter forma, outra não seria que a do coração. Agora está representado o que possa ser um Anjo para as nossas mentes: ***Um azulino coração, bordado de ouro, e incendiado em sua glória, como um sol de aurora.*** Tal é um Anjo, e tal é Cristo Senhor nosso.

XVIII – Epílogo

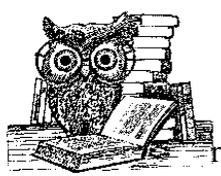
De modo que aqui, encerrando o sermão, repito o tema com as palavras saber e amor trocadas que ambas são uma e a mesma coisa: o poder sem amor é fraqueza, e tanto mais fraqueza, quanto maior o poder, ou quanto menor o amor. O amor, só, sem poder, é já força, e tanto mais, quanto maior é ele. A sabedoria sem amor, ou amor sem sabedoria, nem é poder, nem é força, porque não há poder, nem há força, se não há sabedoria ou amor. Onde não há sabedoria ou amor, há o não-ser, que é o mesmo que pó cósmico, no qual se desfez Satã.

O filho pródigo, em se afastando do pai, de rico se fez pobre; mas tornou a ficar rico, com desandar o caminho da descida, subindo-se de novo para o pai. Que mais vos posso recomendar que isto? Cristo Senhor nosso disse que se permanecêssemos nas suas palavras, conheceríamos a verdade, e ela nos faria livres³⁰⁸. Mas esflorando o Evangelho, achamos o amor, em cada pétala azul dessa rosa da fé; logo, suas palavras são amor; e como o amor é sabedoria, suas palavras são sabedoria; e como suas palavras são a Lei e os Profetas, suas palavras são virtude. Permanecermos nas palavras de Jesus Cristo Senhor nosso, pois, é permanecermos na virtude, em que nos depuramos; é permanecermos na sabedoria, com que nos elevamos; é permanecermos no amor, com que nos expandimos. Eis as três dimensões da superconsciência, que sendo três verbos,

306 Will Durant, História da Filosofia, 132

307 André Luiz, Nosso Lar, 23

308 João 8, 32



representam três movimentos, três ações, quais sejam: depurar, subir e expandir. Virtude, sabedoria e amor são a trilogia da consciência volumétrica, com a qual, dominando o Absoluto, conheceremos a verdade, e seremos livres para sempre de todas as cadeias que nos retêm, quais Prometeus, nos penhascos dos planos inferiores, para que nos dilacere o abutre da dor, sempre, de contínuo, renovada. Cada um de nós que comece já a caminhada para o interior, em busca da centelha, que somos, do Deus imanente, e aí acharemos o Reino dos Céus, que Cristo Senhor nosso disse estar dentro de nós. **AUTORIZAÇÃO** Descer para o interior é subir para Deus, que é o centro da esfera, da qual somos a periferia; mas nosso centro individual, constituído do Deus imanente, parcial, se acha voltado para o grande centro do Todo, que é o Deus imanente total. Descer, pois, a essas profundezas, é ir para esse centro. Todo o processo liberativo reside só nisto. Aquele que estiver nesse centro sentirá o Universo palpitar dentro de si, e o ser, possuindo Deus, não necessitará de mais coisa alguma. E por isso que o santo e o gênio, não possuindo nada, têm tudo. Oxalá queiraís vos serdes ricos dessa riqueza interior. Oxalá tenha eu forças para descer dentro de mim mesmo, pois agora me tremo com os tempos de São Paulo, que dizia: Faço penitências, para que não me suceda, que havendo pregado aos outros, venha eu mesmo a me perder³⁰⁹. A quem muito é dado muito será exigido³¹⁰, e agora, ai de mim, pois que me foi dado o muito, que é este sermão

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Fim

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

Piraju, 30 de dezembro de 1956

DOUGLAS H. RIBAS
 Presidente da Associação Filosófica
 "Luiz Caramaschi"



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'DOUGLAS H. RIBAS'. The signature is written over a large, faint circular stamp or watermark.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)